

**UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP**

**APARECIDO DONIZETI RODRIGUES**

**DA SELVA DE PEDRA AO SERTÃO... ABRINDO VEREDAS PARA BRILHAR  
SÉRGIO REIS, A MÚSICA SERTANEJA COMO CULTURA MUDIÁTICA**

**SÃO PAULO**

**2026**

**APARECIDO DONIZETI RODRIGUES**

**DA SELVA DE PEDRA AO SERTÃO... ABRINDO VEREDAS PARA BRILHAR  
SÉRGIO REIS, A MÚSICA SERTANEJA COMO CULTURA MIDIÁTICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de doutor em Comunicação, sob orientação da Profa. Dra. Heloísa de A. Duarte Valente.

**SÃO PAULO**

**2026**

Rodrigues, Aparecido Donizeti.

Da selva de pedra ao sertão... abrindo veredas para brilhar:  
Sérgio Reis, a música sertaneja como cultura midiática / Aparecido  
Donizeti Rodrigues. - 2026.

191 f.: il. color.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo,  
2026.

Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Heloísa Duarte Valente.

1. Música sertaneja. 2. Sérgio Reis. 3. Jovem guarda.  
4. Indústria fonográfica. 5. Audiovisual. 6. Cultura midiática.  
I. Valente, Heloísa Duarte (orientadora). II. Título.

# **APARECIDO DONIZETI RODRIGUES**

## **DA SELVA DE PEDRA AO SERTÃO... ABRINDO VEREDAS PARA BRILHAR SÉRGIO REIS, A MÚSICA SERTANEJA COMO CULTURA MIDIÁTICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de doutor em Comunicação, sob orientação da Profa. Dra. Heloísa de A. Duarte Valente.

Aprovado em:

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Heloísa de A. Duarte Valente (orientadora)  
Universidade Paulista – UNIP

---

Profa. Dra. Bárbara Heller  
Universidade Paulista – UNIP

---

Profa. Dra. Laura Loguércio Cánepa  
Universidade Paulista - UNIP

---

Prof. Dr. Yury Sizuo Kimizuka  
Universidade de São Paulo - USP

---

Prof. Dr. Evandro Rodrigues Higa  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

À memória do meu querido pai, lavrador, Armando Martins Rodrigues, homem simples da roça, a quem devo minha educação e honestidade. Quero dizer que entre as relíquias que tenho, está meu primeiro violãozinho, que ele comprou com tanto sacrifício.

À memória da minha querida mãe, lavradora e dona de casa, Conceição Nardini Rodrigues, que me educou e sempre incentivou minhas cantorias, sabia que eu amo a arte. Ela, minha fã número 1, que dá depoimento no meu documentário, infelizmente partiu sem o assistir.

À memória da minha esposa, Jacimeira Pereira Jardim Rodrigues, o grande amor da minha vida, por me presentear com dois filhos maravilhosos.

Aos meus filhos, Bruno Jardim Rodrigues e Rodrigo Jardim Rodrigues, por me incentivarem. Amo muito vocês.

## **AGRADECIMENTOS**

Em especial agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e ao Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (Prosup) pela concessão da bolsa de doutorado.

À Universidade Paulista – (Unip), pelo privilégio de cursar meu doutorado em um centro de pesquisa avançado, com professores, funcionários e estrutura de referência.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Heloísa Duarte Valente, por compartilhar conhecimento e atenção comigo desde a sua aceitação para me guiar até este momento aqui, sem medir esforços para me atender, sempre com muita gentileza e sabedoria.

Aos professores doutores Laura Cánepa, Bárbara Heller, Juliana Coli, Evandro Rodrigues Higa, por comporem e abrilhantarem a banca de qualificação com tanta maestria, acrescentando muito à nossa pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos aos professores que gentilmente aceitaram compor a banca examinadora desta tese: Profa. Dra. Bárbara Heller, Profa. Dra. Laura Loguércio Cánepa, Prof. Dr. Yury Sizuo Kimizuka e Prof. Dr. Evandro Rodrigues Higa. Sou grato pela disponibilidade, pela leitura atenta do trabalho e pelas valiosas contribuições acadêmicas, que certamente enriqueceram esta pesquisa e ampliaram minhas reflexões sobre o tema investigado.

Aos professores doutores que compartilharam generosamente seus conhecimentos ao longo das disciplinas cursadas, contribuindo de maneira decisiva para minha formação acadêmica: Maurício Ribeiro da Silva, Laura Loguércio Cánepa e Bárbara Heller. Estendo igualmente meus agradecimentos aos professores Antonio Adami, Clarice Grecco e Gustavo Souza da Silva, cujos diálogos, orientações e incentivo ao longo do doutorado enriqueceram esta trajetória acadêmica. Agradeço ainda a Elvis Santos, da Universidade Paulista, campus Chácara Santo Antônio, pela supervisão e coordenação de meu estágio acadêmico.

Aos meus amigos da secretaria da pós-graduação: Gayle Christina Rodrigues, Guilherme Medeiros de Lima, Vera Lucia Carlos Maia, Andressa Níckel de Souza, Aline M. do Nascimento, Janaina Batista de Barros, Henrique Sabio de Oliveira e Henrique Sanchez de Lucena, por me atenderem sempre com muito carinho. Desejo a vocês felicidades sem fim.

À Profa. Dra. Bettina Gerken Brasil e Hyley B. F. Gonçalves (Tica), do setor do Comitê de Ética, pela constante gentileza e disponibilidade no atendimento e orientação às entrevistas que realizei. Desejo-lhes tudo de bom em suas vidas.

Ao José Carlos Perez, radialista, filho do Tinoco, por conceder entrevista.

À Maria José Franco, atriz, por conceder entrevista.

Ao Wilson Souto, produtor artístico, por conceder entrevista.

Ao Prof. Dr. Ivan Vilela, violeiro, escritor e pesquisador de música sertaneja de raiz.

Ao Clery Cunha, cineasta, por conceder entrevista.

Ao Lela Lopes, produtor cultural, por conceder entrevista.

Ao Leonardo de Marchi, Prof. Dr. e pesquisador da indústria cultural nas mídias.

*Numa manhã de domingo, em 1975, assisti pela primeira vez, na TV Record — canal 7, em São José do Rio Preto (SP) — o cantor da Jovem Guarda, Sérgio Reis, cantando de chapéu atolado na cabeça. Apaixonado pela música sertaneja de raiz, gênero que fazia parte da minha cultura e da vida no campo, senti-me um adolescente revoltado. Embora não gostasse das músicas da Jovem Guarda, ouvia na Rádio Difusora de Catanduva (SP), até 1973, Sérgio Reis cantando sucessos como “Coração de Papel”. Então, nasceu em meu coração a vontade de escrever um livro sobre a trajetória de Sérgio Reis, da Jovem Guarda à música sertaneja, em busca do sucesso e distante de sua cultura urbana.*

*Comecei a pensar no título. Um vizinho português, Seu Manoel Serrane, que gostava muito de ler e tinha grande carinho por mim, emprestou-me o livro Grande Sertão: Veredas, primeira edição, 1956, de João Guimarães Rosa. O título começou a surgir em minha mente. Lembrei-me também da novela Selva de Pedra, assistida por minha mãe e por mim, em 1973, na TV Globo, numa televisão de 4 polegadas, em preto e branco, movida a bateria, pois não havia energia elétrica na redondeza daquele sertão. Foi então que me inspirei no título da obra: Da Selva de Pedra ao Sertão... Abrindo Veredas para Brilhar. Jamais poderia imaginar que, tantos anos depois, o sonho do livro que não escrevi seria o título da minha tese.*

## RESUMO

Esta tese tem por objetivo identificar algumas das razões que levaram o cantor Sérgio Reis a promover uma brusca mudança em sua trajetória artística: a migração do gênero musical Jovem Guarda para o sertanejo, quando alcançava grande popularidade com canções como “Coração de Papel” e “O Menino da Gaita”. Busca-se esclarecer em que medida o gênero musical sertanejo incentivou o cantor a migrar de um segmento voltado à música jovem para outro ligado à música rural. A pesquisa baseia-se em fontes bibliográficas e audiovisuais. Como referencial bibliográfico, serão utilizados autores especializados em oralidade (Zumthor, 2007), indústria fonográfica (Morelli, 1991; Vicente, 2014) e comunicação (Morin, 1972), além de material hemerográfico, como a Revista da Tulha (USP), entrevistas e obras audiovisuais. No que se refere aos recursos audiovisuais, serão analisadas apresentações em vídeo e obras cinematográficas. O estudo inicia-se com a análise dos primeiros discos de Sérgio Reis, desde sua estreia artística até o período de atuação na Jovem Guarda (1961-1972). Destaca-se a canção “Coração de Papel”, responsável por projetar o cantor nacionalmente e torná-lo amplamente reconhecido pelo público da Jovem Guarda. Em seguida, serão analisadas as canções que marcaram sua migração para o sertanejo, com ênfase em “O Menino da Porteira” (1973) e em gravações de obras já consagradas no gênero. Em “Saudade da Minha Terra” (1975), Reis aparece fotografado na capa desse disco, portando um chapéu – símbolo da cultura rural. Apesar de sua origem urbana e da falta de vivência no campo, Sérgio Reis adaptou sua imagem e performance ao universo sertanejo, adotando elementos da cultura rural, como o chapéu e temas ligados ao sertão, para conquistar a aceitação do público desse gênero. Nesse sentido, a tese dedica-se a uma análise detalhada do filme *O Menino da Porteira* (1977), evidenciando a relação da música sertaneja com outras linguagens midiáticas, como o cinema e os programas de rádio. Dessa forma, a persona midiática de Sérgio Reis expandiu-se e consolidou sua presença nesse universo cultural. O texto aborda ainda as repercussões do trabalho do cantor, capaz de gerar imitadores e inspirar outros artistas a ingressarem no âmbito da música sertaneja. Conclui-se que Sérgio Reis, para além de intérprete, contribuiu para a consolidação da música sertaneja como elemento significativo da memória da cultura midiática brasileira.

**Palavras-chave:** Música sertaneja; Sérgio Reis; Jovem guarda; Indústria fonográfica; Audiovisual; Cultura midiática.

## ABSTRACT

This thesis aims to identify some of the reasons that led the singer Sérgio Reis to make a significant change in his artistic trajectory: his transition from the Jovem Guarda musical movement to Brazilian country music (sertanejo), at a time when he was enjoying great popularity with songs such as “Coração de Papel” and “O Menino da Gaita”. The study seeks to clarify to what extent the sertanejo genre encouraged the singer to move from a segment focused on youth-oriented music to one associated with rural culture. The research is based on bibliographic and audiovisual sources. The bibliographic framework includes authors specializing in orality (Zumthor, 2007), the recording industry (Morelli, 1991; Vicente, 2014), and communication studies (Morin, 1972), as well as periodical materials such as *Revista da Tulha* (USP), interviews, and audiovisual works. With regard to audiovisual resources, video performances and films will be analyzed. The study begins with an examination of Sérgio Reis’s early recordings, from the beginning of his artistic career through his period in the Jovem Guarda movement (1961-1972). Particular attention is given to the song “Coração de Papel”, which propelled the singer to national prominence and made him widely recognized among Jovem Guarda audiences. Subsequently, the songs that marked his transition to sertanejo music will be analyzed, with special emphasis on *O Menino da Porteira* (1973) and on his recordings of works already established within the genre. In “Saudade da Minha Terra” (1975), Reis appears on the album cover wearing a hat, a symbol of rural culture. Despite his urban background and lack of direct experience with rural life, Sérgio Reis adapted both his image and performance to the sertanejo universe, adopting elements of rural culture, such as the hat and themes associated with the countryside, in order to gain acceptance among the genre’s audience. In this context, the thesis is dedicated to a detailed analysis of the film *O Menino da Porteira* (1977), highlighting the relationship between sertanejo music and other media forms, such as cinema and radio programs. As a result, Sérgio Reis’s media persona expanded and consolidated his presence within this cultural sphere. The study also examines the impact of the singer’s work, which generated imitators and inspired other artists to enter the field of sertanejo music. It concludes that Sérgio Reis, beyond his role as a performer, contributed significantly to the consolidation of sertanejo music as an important element of Brazilian media and cultural memory.

**Keywords:** Brazilian country music; Sérgio Reis; Jovem Guarda; Recording industry; Audiovisual; Media culture.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                              |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 – Foto do livro “A História da Turma Caipira” .....                                                 | 27  |
| Figura 2 – Jorginho do Sertão (1929). Primeiro disco sertanejo.....                                          | 29  |
| Figura 3 – Johnny Johnson.....                                                                               | 34  |
| Figura 4 – Provável capa do disco <i>compacto</i> (1962).....                                                | 39  |
| Figura 5 – Capa de um álbum do cantor Sérgio Reis (1964).....                                                | 42  |
| Figura 6 – Capa e contracapa do long-play – compacto (1966).....                                             | 45  |
| Figura 7 – O menino da gaita/ Eu tive medo (1972). Capa e contracapa do <i>long-play</i> compacto, 1972..... | 49  |
| Figura 8 – Sérgio Reis na propaganda da bicicleta Monark.....                                                | 53  |
| Figura 9 – Sérgio Reis na propaganda da bicicleta Monark.....                                                | 55  |
| Figura 10 – Contracapa.....                                                                                  | 58  |
| Figura 11 – Capa e contracapa do primeiro long-play sertanejo (1973).....                                    | 65  |
| Figura 12 – Sérgio Reis passa a cantar com o chapéu (1975).....                                              | 72  |
| Figura 13 – Print da violinha autografada por Tonico e Tinoco (1985).....                                    | 76  |
| Figura 14 – Bob Nelson (1944) – Álbum: Vaqueiro Alegre.....                                                  | 86  |
| Figura 15 – Bob Nelson (1968).....                                                                           | 86  |
| Figura 16 – Autógrafo Bob Nelson (1995).....                                                                 | 87  |
| Figura 17 – DVD do filme O Menino da Porteira.....                                                           | 90  |
| Figura 18 – Capas dos DVDs dos três filmes.....                                                              | 93  |
| Figura 19 – Capa e contracapa do DVD.....                                                                    | 94  |
| Figura 20 – Capa e contracapa do DVD.....                                                                    | 98  |
| Figura 21 – Capa e contracapa do DVD.....                                                                    | 102 |
| Figura 22 – Print do vídeo de Sérgio Reis em seu ônibus de shows.....                                        | 119 |
| Figura 23 – Print foto de Sérgio Reis – Memória Globo.....                                                   | 111 |
| Figura 24 – Foto de Sérgio Reis – Revista Coração de Boiadeiro.....                                          | 113 |

|                                                                                     |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 25 – Sérgio Reis dançando ao som da Jovem Guarda.....                        | 117 |
| Figura 26 – Sérgio Reis em 1996 – Barra da Tijuca – RJ.....                         | 118 |
| Figura 27 – Sérgio Reis – site Rádio Brasil Caminhoneiro.....                       | 119 |
| Figura 28 – Panela Velha \$élio Reis: Rei - coroa de imitação (1983).....           | 123 |
| Figura 29 – Sérgio Reis e outros intérpretes: Rei - coroa de imitação (1984).....   | 125 |
| Figura 30 – Hélio Reis e seus grandes sucessos: Rei - coroa de imitação (1985)..... | 126 |
| Figura 31 – Hélio Rios Sucessos Sertanejos: Rios - navegação da imitação (1986).    | 129 |
| Figura 32 – Nalva Aguiar: Garota Diferente (1966).....                              | 132 |
| Figura 33 – Último disco na Jovem Guarda (1975).....                                | 133 |
| Figura 34 – Beijinho Doce – Migrando ao sertanejo (1976).....                       | 133 |
| Figura 35 – Charles e Ralf (1972).....                                              | 135 |
| Figura 36 – Don't say goodbye - Chrystian em inglês – v.1 (1973).....               | 138 |
| Figura 37 – Quebradas da Noite - Chrystian e Ralf - v. 1 sertanejo (1983).....      | 138 |
| Figura 38 – Disco baby - As Melindrosas, v.1 (1978).....                            | 139 |
| Figura 39 – Disco baby - As Melindrosas, v.2 (1978).....                            | 139 |
| Figura 40 – Disco baby - As Melindrosas, v.3 (1979).....                            | 140 |
| Figura 41 – Sula Miranda, v.1 (1986).....                                           | 140 |
| Figura 42 – Simone e Simária – vocalistas da banda do Frank Aguiar (1998).....      | 142 |
| Figura 43 – Simone e Simária – vocalistas da banda de Frank Aguiar (2000).....      | 142 |
| Figura 44 – Simone e Simária, v.1, Arrocha (2004).....                              | 143 |
| Figura 45 – Bar das Coleguinhas v.1, Sertanejo Arrocha (2015).....                  | 143 |
| Figura 46 – Bendito Seja – Grupo Tradição (2003).....                               | 144 |
| Figura 47 – Michel Teló – v.1 sertanejo (2009).....                                 | 145 |
| Figura 48 – Hebe Camargo e Stela... Rosalinda e Florisbela (1944).....              | 145 |
| Figura 49 – Grito de Luz – Marcelo Costa (1964).....                                | 146 |

|                                                                                        |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 50 – Meu Pedaco de Chão – Marcelo Costa (1977).....                             | 147 |
| Figura 51 – O Homem Decepçiona, Jesus Cristo Jamais, v.1 (2012).....                   | 148 |
| Figura 52 – O Menino de Pés Descalços - v.1 (2007).....                                | 148 |
| Figura 53 – Na Hora de Deus – Sujeito Insignificante (2013).....                       | 149 |
| Figura 54 – E a Viola pra Jesus – dupla sertaneja evangélica (2012).....               | 149 |
| Figura 55 – Especial de Roberto Carlos (1986).....                                     | 150 |
| Figura 56 – Tinoco no especial de Roberto Carlos (2010).....                           | 151 |
| Figura 57 – Roberto Carlos: “O Baile da Fazenda” (1998).....                           | 151 |
| Figura 58 – Paula Fernandes (2010).....                                                | 152 |
| Figura 59 – Ana Castela (2023).....                                                    | 153 |
| Figura 60 – Sérgio Reis (1996).....                                                    | 155 |
| Figura 61 – Capa e contracapa do DVD.....                                              | 156 |
| Figura 62 – Senhor Carmo Lourenço Gomes (2015).....                                    | 157 |
| Figura 63 – David Comeron (2017).....                                                  | 159 |
| Figura 64 – Ouro Fino (MG) - O Menino da Porteira (2016).....                          | 161 |
| Figura 65 – Ouro Fino (MG)- Boi sem Coração (2016).....                                | 162 |
| Figura 66 – Ouro Fino (MG) -Berrante (2016).....                                       | 162 |
| Figura 67 – Cantores do gênero e subgênero da música sertaneja.....                    | 162 |
| Figura 68 – Linha do tempo da transformação do gênero musical que nasce no sertão..... | 163 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                          |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                                                   | <b>17</b> |
| <b>CAPÍTULO I – O CANTOR DA JOVEM GUARDA QUE MUDOU SEU PANORAMA...<br/>PASSOU A CANTAR SERTANEJO E CONQUISTOU DINHEIRO E FAMA .....</b>                  | <b>26</b> |
| 1.1 Do sertão à selva de pedra: ao brilhar, abriram veredas .....                                                                                        | 26        |
| 1.2 Cantando a cultura urbana iniciou sua carreira... somente após doze anos,<br>Sérgio Reis abre a porteira .....                                       | 33        |
| 1.3 Sérgio Reis: período pré-sertanejo (1961-1973).....                                                                                                  | 37        |
| 1.3.1 <i>Segundo álbum de Sérgio Reis</i> .....                                                                                                          | 39        |
| 1.3.2 <i>Terceiro álbum de Sérgio Reis</i> .....                                                                                                         | 41        |
| 1.4 Na Jovem Guarda, Sérgio Reis brilhou... O Coração de Papel, no papel se<br>espalhou .....                                                            | 52        |
| 1.4.1 <i>É assim a canção de cultura... Coração de Papel agora na partitura</i> .....                                                                    | 52        |
| 1.5 Na Jovem Guarda, como ator, mostrou o seu talento: o Serjão na<br>fotonovela Amanhecer Cinzento .....                                                | 57        |
| 1.5.1 <i>Análise da contracapa</i> .....                                                                                                                 | 59        |
| 1.6 Quando se fala em Jovem Guarda e sertanejo, fala-se em cultura. Já na<br>biografia, Sérgio Reis não fala em ditadura .....                           | 61        |
| <b>CAPÍTULO II - PORTEIRA ENCANTADA A QUE SÉRGIO REIS TEVE ACESSO: DA<br/>CIDADE AO SERTÃO, ELE BUSCOU O SUCESSO.....</b>                                | <b>64</b> |
| 2.1 Álbum: O Menino da Gaita (1973) .....                                                                                                                | 64        |
| 2.1.1 <i>Informações visuais</i> .....                                                                                                                   | 65        |
| 2.2 Saudade de minha terra é pra quem vem do sertão: pra quem vem do lê-lê-<br>lê, ai-ai-ai meu chapelão.....                                            | 72        |
| 2.3 Sem dúvida, violeiro é conversa e prosa... mas a violinha é duvidosa! .....                                                                          | 75        |
| 2.4 A música que conduziu Sérgio Reis ao campo e à serra: Saudade de Minha<br>Terra .....                                                                | 78        |
| 2.5 Que a RCA Victor investiu em cantor solo camponês não foi a primeira vez:<br>Mas o primeiro que aproveitou a porteira aberta foi o Sérgio Reis ..... | 84        |
| <b>CAPÍTULO III - O CANTOR, CINEASTA, PEÃO... BUSCOU NO FILME O APOIO À<br/>MÚSICA DO SERTÃO.....</b>                                                    | <b>89</b> |
| 3.1 Três filmes em busca do sucesso foram o motivo: O Menino da Porteira,<br>Mágoa de Boiadeiro e O Filho Adotivo .....                                  | 92        |
| 3.1.1 <i>Menino da Porteira (1977)</i> .....                                                                                                             | 94        |
| 3.1.2 <i>Mágoa de Boiadeiro (1978)</i> .....                                                                                                             | 98        |

|                                                                                                                                   |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 3.1.3 O Filho Adotivo (1984).....                                                                                                 | 101        |
| 3.1.4 Comentário sobre os três filmes .....                                                                                       | 105        |
| <b>CAPÍTULO IV - DA JOVEM GUARDA AO SERTANEJO NA BUSCA DE FAMA E GRANA... O ARTISTA VISIONÁRIO E O SONHO MILIONÁRIO .....</b>     | <b>109</b> |
| 4.1 A porteira abriu e o Serjão passou... Um ônibus para fazer seus shows ..                                                      | 109        |
| 4.2 Escorregou no asfalto e buscou um caminho mais liso... saltou da estrada do sertão, a novela <i>Paraíso</i> .....             | 111        |
| 4.3 Sonhou com a fama e o dinheiro, agora o sonho é real... do Menino da Porteira ao Paraíso, chegou ao paraíso do Pantanal ..... | 112        |
| 4.4. Lá no sertão, o boiadeiro Diogo encenando: mas o coração do Serjão na Jovem Guarda parece estar pulsando .....               | 116        |
| 4.5 É Johnny Johnson ou Sérgio Reis? Bar na Barra da Tijuca em 1996 .....                                                         | 118        |
| 4.6 O cantor aventureiro no Brasil Caminhoneiro .....                                                                             | 119        |
| 4.7 Dois reis: um coroa de migração, e o outro coroa de imitação .....                                                            | 122        |
| 4.8 O primeiro disco de Hélio Reis - 1983 .....                                                                                   | 124        |
| 4.9 Panela Velha e Sarita.....                                                                                                    | 124        |
| 4.10 Análise do timbre de voz de Hélio Reis – em relação à voz de Sérgio Reis .....                                               | 124        |
| 4.11 O segundo disco de Hélio Reis – 1984.....                                                                                    | 125        |
| 4.12 As 12 faixas músicas do disco <i>long-play</i> de 1984.....                                                                  | 125        |
| 4.13 O terceiro disco de Hélio Reis – 1985.....                                                                                   | 127        |
| 4.14 As 12 faixas músicas do disco <i>long-play</i> de 1985.....                                                                  | 127        |
| 4.15 O Imitador Hélio Reis decidiu ser navegador por Rios .....                                                                   | 128        |
| 4.16 O primeiro disco de Hélio Reis em (Hélio Rios) – 1986 .....                                                                  | 129        |
| 4.17 As 12 faixas músicas do disco <i>long-play</i> de 1985.....                                                                  | 130        |
| 4.17.1 Análise do timbre de voz de Hélio Rios – em relação à voz de Sérgio Reis                                                   | 130        |
| 4.18 Muitos arriscaram cantar sertanejo... nem todos realizaram o desejo ....                                                     | 131        |
| 4.19 O primeiro disco de Nalva Aguiar em – 1966.....                                                                              | 132        |
| 4.20 Era uma vez... falsos gringos migram para o sertanejo, assim como Sérgio Reis.....                                           | 134        |
| 4.21 Integrante de As Melindrosas... migrou para canções maliciosas .....                                                         | 138        |
| 4.22 As forrozeiras irmanzinhas vão para o bar das coleguinhas.....                                                               | 141        |
| 4.23 Teló do grupo tradição para o gênero musical do sertão.....                                                                  | 143        |
| 4.24 Apresentadores de televisão que tentaram a cultura musical do sertão .                                                       | 145        |

|                                                                                                                  |            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 4.25 Marcelo Costa muito apresentou: cantar sertanejo, ele se arriscou .....                                     | 146        |
| 4.26 Religiosos que pregam o caminho do Céu, na aba do chapéu.....                                               | 147        |
| 4.27 O rei que joga rosa... há quatro décadas, une-se à coroa da roça .....                                      | 150        |
| 4.28 Reis seria ainda o Johnny Johnson? E o rei adotaria o chapéu? .....                                         | 154        |
| 4.29 “O Menino da Porteira” (2ª versão 2009) .....                                                               | 155        |
| 4.30 A lenda sertaneja que levou Sérgio Reis ao topo da carreira... saiba quem<br>foi O Menino da Porteira ..... | 157        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                 | <b>163</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                          | <b>168</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>                                                                                               | <b>179</b> |

## INTRODUÇÃO

### Forasteiro Cantadô

Além de eu ter sido lavrador, criado no campo, ouvindo no rádio a pilha as duplas sertanejas e assistindo aos seus shows nos circos, também muito cedo, aos quatro anos de idade, ganhei um cavaquinho de meu tio, por ele ter notado minha inclinação para a música.

À medida que fui crescendo, percebi que queria cantar sertanejo, não me via como um sambista. Aos nove anos, troquei o cavaquinho por um violão, com um amigo do curso primário. Foi aí que aprendi a tocar os primeiros acordes no violão, o qual eu conservo entre minhas relíquias. Um pouco mais tarde, apaixonei-me pela viola. Já tocava os dois instrumentos quando comecei a cantar em eventos festivos que ocorriam nas fazendas, como as festividades juninas e as festas de Folia de Reis, também conhecidas como Reisado, manifestação que se realiza por meio de versos musicais interpretados por violeiros. Havia também as festas da Catira, dança de origem indígena, também chamada de Cateretê, uma prática que envolve palmas e sapateado, acompanhados pelo som da viola e do violão, entre cantigas de duplas caipiras.

Instigado pela canção sertaneja, em 1973, arrisquei-me a participar de programas de auditório no rádio, na emissora Vale do Tietê 870 kHz AM, da cidade de Novo Horizonte (SP), que, apesar de continuar operando na mesma frequência, atualmente passou a se chamar Rádio Novo Horizonte. Essas relações artísticas com radialistas e cantores sertanejos levaram-me, em 1974, aos 16 anos, a formar uma dupla sertaneja, Rodrigues e Fernandes, e a pisar pela primeira vez num palco de televisão, na TV Record – Canal 8, de São José do Rio Preto (SP).

Em 1982, movido por um desejo incontido de praticar a música sertaneja, com apenas um violão nos ombros e uma mala na mão, peguei carona em um caminhão e me aventurei a conhecer a grande São Paulo. Longe da família, acabei morando no banco da praça do metrô Paraíso. Trinta e dois anos depois, em 2014, essa história resultou no documentário de média-metragem 52'43", produzido pelo jornalista e documentarista Marivaldo Jardim. O filme *Destino Soberano: uma mala cheia de*

*sonhos e um violão*<sup>1</sup> foi lançado em 18 de fevereiro de 2016, no Cine Olido, em São Paulo, e retrata trechos da minha vida entre estradas e noites nas ruas.

O documentário detalha um sonho premonitório que tive relacionado à trajetória de um “sertanejo sonhador” que divagava pelas noites paulistanas em barzinhos de música ao vivo. Eu me via como esse “sertanejo sonhador”, pois alimentava o desejo de vencer na vida como cantor de música sertaneja.

Embora, no início da década de 1980, a música sertaneja, que teve início no final da década de 1920, mais precisamente em 1929, com a primeira dupla caipira, Mariano e Caçula, que gravou a moda de viola Jorginho do Sertão, já não fosse mais conhecida como música caipira, passou a adotar um tom mais romantizado, sendo então chamada de música sertaneja romântica. Quero dizer que antes de me alongar sobre minha familiaridade com a música sertaneja, que me sinto realizado por ter pisado no solo da Universidade Presbiteriana Mackenzie<sup>2</sup>, no dia 6 de maio de 2025, ocasião em que meu trabalho foi aprovado para apresentação no V Simpósio Internacional.

Minha participação ocorreu por meio de um workshop presencial, cujo conteúdo consistiu no resumo da minha pesquisa sobre o artista Sérgio Reis, intitulada *Da Jovem Guarda ao Sertanejo... Sucesso Era Seu Desejo*. Durante a apresentação, tive a oportunidade de compartilhar com o público uma de minhas relíquias: o primeiro disco sertanejo contendo a primeira música sertaneja gravada, em 1929, intitulada “Jorginho do Sertão”.

Não conseguindo sobreviver com o que ganhava cantando nas noites, arrumei um emprego no Centro Cultural São Paulo (CCSP) – Secretaria Municipal de Cultura (SMC). Embora continuasse cantando nas noites, ao amanhecer, eu chegava ao serviço carregando o violão. Logo, ganhei um apelido dos amigos: Forasteiro Cantadô. Confesso que não gostava do apelido. Entretanto, há alguns anos assumi esse subtítulo com muito prazer, por ser um apaixonado por viajar e cantar por onde passo. Eu vinha da roça e me sentia um cantor da música da cultura do campo. Apesar de a música sertaneja de raiz já ter passado por algumas inovações, eu conservava comigo as raízes do sertão.

---

<sup>1</sup> DESTINO SOBERANO... Uma mala cheia de sonhos e um violão. Canal *YouTube* ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V8ITSLOSaTQ>.

<sup>2</sup> MACKENZIE — Universidade Presbiteriana. V Simpósio Internacional – Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <https://www.even3.com.br/vsicc/>

Mas, em 1994, migrei para a cidade de Catanduva (SP), onde fui vocalista da Banda Mil e da Silvano Banda Show, ambas no segmento sertanejo. Em 2000, ao concluir um curso de locução pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), fui convidado para apresentar um programa de rádio na Nova Voz AM 610 KHz, emissora que hoje opera em 101,3 MHz, como Vox FM, uma filial da Rede Globo. O programa sertanejo ia ao ar das 6 às 8 h da manhã, com o título Pelas Estradas do Sertão. No encerramento, havia um quadro de humor: Momentos de Riso. Em A Família Trapaiada, meus personagens chegavam para alegrar os ouvintes. O quadro durou até 2004.

Em 2017, gravei um CD sob o pseudônimo Zé Renato, que adoto desde 1982. Como valorizo o ineditismo, inseri no repertório cantares de pássaros e dei ênfase a letras com lendas do sertão. O álbum *A Saudade, a Viola e Eu* foi lançado em 17 de março de 2018, na primeira casa noturna em que cantei nas noites paulistanas: a Casa dos Artistas – Rede Biroska, em São Paulo<sup>3</sup>, capital – que, devido à pandemia, foi à falência. Hoje, o local é um estacionamento. Em 2023, lancei um novo álbum, que ganhou o título de uma música que compus em espanhol: *Corazón Solitario*<sup>4</sup>, o qual passou a levar o subtítulo de Forasteiro Cantadô.

Pelo fato de eu ter familiaridade com a cultura musical do homem camponês, minhas pesquisas sempre se concentraram na temática da música sertaneja. A primeira delas foi realizada em 2015, quando cursei uma pós-graduação em Jornalismo Cultural pelo Centro Universitário (FIAM-FAAM). A conclusão do curso resultou na elaboração de um artigo científico intitulado *A modernização da música sertaneja: a contribuição de Léo Canhoto e Robertinho para o gênero*. O estudo aborda a trajetória da dupla sertaneja Léo Canhoto e Robertinho, destacando sua contribuição inovadora para a transformação do gênero musical sertanejo. Esse trabalho foi posteriormente publicado como capítulo do livro *Horizontes Midiáticos: Aspectos Midiáticos na Era Digital*<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> RENATO, Zé. Álbum *A Saudade, a Viola e Eu*. YouTube, 30 mar. 2018. Lançado em 17 mar. 2018 na Casa dos Artistas – Rede Biroska, São Paulo, SP. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=iWBiHcPp\\_wc](https://www.youtube.com/watch?v=iWBiHcPp_wc).

<sup>4</sup> RENATO, Zé. Álbum *Corazón Solitario*. YouTube, 24 jun. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uHhRXH6K0-c&list=PLK4SZC3cKY0q0d4073rhhott6tTD7st6T>

<sup>5</sup> Lançado em 18 de março de 2016, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), (in Chiaroni; Bieging, 2016). Disponível em: <http://surl.li/rpnyyu>

Em 2019, concluí o mestrado em Comunicação e Cultura Midiática pela Universidade Paulista (UNIP). A dissertação recebeu o título: *Esse amor que me mata...tristeza do Jeca: um estudo sobre as matrizes midiáticas da canção sertaneja*. A pesquisa teve como referência quatro duplas sertanejas que criaram suas próprias matrizes: Tonico e Tinoco, Pedro Bento e Zé da Estrada, Léo Canhoto e Robertinho, Cacique e Pajé. Tais duplas trouxeram novidades com o objetivo de atender às prerrogativas da indústria fonográfica. Tonico e Tinoco representaram o rincão brasileiro, retratando de forma contínua a vida do homem dos lugarejos afastados das grandes cidades. A matriz criada por eles tornou-se modelo para as demais. Mesmo com todas as variantes do gênero sertanejo, Pedro Bento e Zé da Estrada ficaram conhecidos por usarem chapéus mexicanos, roupas *norteñas* e repertório musical e instrumental correspondentes. Eles surgiram em um momento em que a estética da música sertaneja absorvia influências de gêneros latino-americanos, em especial do México.

Léo Canhoto e Robertinho despontaram no período da Jovem Guarda, com cabelos longos e vestimentas extravagantes, à moda da época, nas capas dos discos e nas fotografias promocionais. Em outra vertente, destaca-se a dupla Cacique e Pajé, indígenas da etnia Caiapó, que, mesmo sem incluir elementos da música indígena em suas composições, inseriram a temática indígena nas letras e utilizavam trajes tradicionais. No último capítulo, o trabalho analisou a dupla sertaneja criadora do estilo sertanejo universitário João Bosco e Vinícius. No primeiro álbum da dupla, lançado em 2003, a música “Esse amor que me mata” foi escolhida juntamente com “Tristeza do Jeca”, de Tonico e Tinoco, compondo o título da dissertação.

A presente pesquisa debruça-se sobre o cantor Sérgio Reis, mais especificamente sobre a mudança em sua trajetória artística após 12 anos como ídolo da Jovem Guarda, quando migrou para a música sertaneja. Como mencionei, minhas pesquisas sempre estiveram voltadas a cantores sertanejos. Agora, o foco é desvendar a transição de Sérgio Reis da Jovem Guarda para o sertanejo. Daí decorreram algumas questões, tais como: Quais teriam sido as motivações para essa mudança radical em sua carreira e em sua imagem midiática? Em que medida essa transformação pode ser atribuída às exigências do mercado fonográfico, considerando a queda de sua popularidade a partir do início da década de 1970? Afinal, o cantor mesmo comenta que seu sucesso na Jovem Guarda estava em declínio, e que queria

viver da arte musical. Quem seriam os artífices dessa transição, já que, até então, o cantor não demonstrava familiaridade com o repertório sertanejo?

É sobre essa migração do cantor do *iê-iê-iê* para o gênero musical sertanejo e os elementos que a envolveram que esta pesquisa se propõe a investigar.

Pelo fato de eu me interessar pela cultura musical sertaneja, sentia-me muito incomodado no ano de 1975, ao ver pela primeira vez na tela do televisor de 14 polegadas, preto e branco, movido à bateria (na casa onde eu morava não chegava energia elétrica), na TV Record - Canal 8, São José do Rio Preto (SP), o cantor Sérgio Reis com o chapéu, cantando música sertaneja. Conforme já mencionado anteriormente, atuei como integrante da dupla sertaneja Rodrigues e Fernandes, com apresentações frequentes aos domingos. Em determinado domingo, assisti pela televisão a uma apresentação do cantor Sérgio Reis. Contudo, tive também a oportunidade de presenciar pessoalmente uma de suas performances, na qual, trajando chapéu típico, interpretava canções do repertório sertanejo, apesar de este não corresponder à sua origem cultural. Tal fato sempre me causou certo desconforto.

Até o ano de 1973, recordo-me de ouvir Sérgio Reis na Rádio Difusora de Catanduva (SP), na frequência AM 680 kHz, durante as tardes, em um programa dedicado à Jovem Guarda, no qual interpretava canções como “Coração de Papel” e “O Menino da Gaita”. Atualmente, essa emissora opera na frequência FM 95,5 MHz. Conforme aponta Antonio Adami, na obra *O Rádio com Sotaque Paulista: Pauliceia Radiofônica*, a referida emissora foi inaugurada em 12 de fevereiro de 1943, inicialmente com o prefixo ZYD-5, e posteriormente passou a operar como AM 680 kHz: “No dia 12 de fevereiro de 1943, nasce assim a ZYD-5 Rádio Difusora de Catanduva” (Adami, 2014, p. 120-121).

Sérgio Reis era um cantor da Jovem Guarda, que nascera na capital paulista e nada conhecia da vida do campo, diferentemente das duplas sertanejas que vinham do mundo rural, que retratavam em suas poesias musicais a saudade da vida que viveram na roça e as dificuldades da vida no sertão. E Sérgio Reis nada disso havia vivido. Então, eu me perguntava: o que Sérgio Reis está fazendo aqui? Veio buscar a fama, a riqueza? Jamais eu poderia imaginar que um dia essa inquietação me motivasse a levar adiante um trabalho de pesquisa de doutorado. Mas comentei incontáveis vezes que um dia ainda escreveria um livro falando da tal investidora do cantor, que nasceu no bairro de Santana, na capital paulista, onde viveu sua infância,

adolescência e mocidade. O próprio cantor fala em uma entrevista sobre sua trajetória da Jovem Guarda para a música sertaneja, referindo-se a ela com desprezo, usando palavra de baixo calão: “Nunca tinha pisado numa bosta de vaca até começar a cantar a música sertaneja” (Jovem Guarda 50 anos o Filme – a Série, *YouTube*, 2018). De certa forma, desmerece a vida do homem do campo, que convive em meio aos animais constantemente e, assim, está sujeito a pisar em seus estrumes. Sérgio Reis relata detalhes ocorridos que o motivaram a deixar a carreira de cantor roqueiro, passando a cantar sertanejo. Ele começa falando: “Na verdade, essa transição da Jovem Guarda para o Sertanejo foi uma feliz casualidade. Eu estava cantando em Tupaciguara, terra da Nalvinha Aguiar, num baile de debutantes”. Nalvinha Aguiar era sua amiga cantora da Jovem Guarda, Nalva Aguiar, que também migra para a música sertaneja.

Ele comenta que, após seu show, uma banda regional prossegue com a animação do baile. E que quando dois meninos da banda começam a cantar “O Menino da Porteira”, ele percebe que o público se contagia e começa a dançar. Observando essa repercussão, ligou para o seu produtor Tony Campelo, que respondeu: “Grandão, banca o inteligente, vai cantando nos seus shows O Menino da Porteira”.

Em seu próximo show, em Goiás, cantou “O Menino da Porteira” e o sucesso foi gritante, mas ele afirma que não tinha ideia de gravar mais nada sertanejo. Porém, no ano seguinte, ao fazer um show na mesma boate Cafona, em Goiás, um fazendeiro pede a ele para cantar a música “João de Barro”, e ele promete que o faria na outra noite, e se foi então a uma loja de disco do cantor Amado Batista, que já era amigo dele, e pediu para tocar a música, para que pudesse escrever a letra. Na noite seguinte, voltou na boate Cafona e teve que cantar quatro vezes a música “João de Barro” para o fazendeiro. E aí encerra o relato, dizendo: “Porque a verdade é essa, eu nunca pisei numa bosta de vaca na minha vida naquela época. Eu era urbano”<sup>6</sup>.

“Sérgio era o Johnny Johnson” (Carvalho, 2018, p. 32). Em seu livro biográfico *Uma Vida, Um Talento*, o autor menciona que o cantor era fanático pela música americana: “Sua grande influência era o *rock-and-roll* norte-americano” (Carvalho, 2018, p. 40). Em meio à trajetória artística polêmica de Sérgio Reis, esta tese tem

---

<sup>6</sup> A entrevista foi publicada no canal *YouTube*: JOVEM GUARDA 50 anos. O FILME – A SÉRIE, em 25 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uUQNTC893eM>

como objetivo principal investigar o que levou o cantor Sérgio Reis, em sua trajetória, decidir a mudança de gênero musical depois de mais de uma década atuando na Jovem Guarda.

Sérgio Reis grava a música “O Menino da Porteira” em 1973. Considerada a primeira inserção do cantor no gênero, percebe-se na foto da capa do disco que ainda usava vestimentas de um intérprete da Jovem Guarda. Apenas em 1975, ao gravar o álbum *Saudade de Minha Terra*, o cantor assume os trajes de cantor sertanejo, com chapéu e lenço no pescoço. No auge do sucesso do cantor, em uma entrevista concedida a Miguel de Almeida para o jornal *Folha de S.Paulo*, em 1981, Reis declara:

A música sertaneja – aconteceu por acaso. Eu tinha um passado ligado à Jovem Guarda. Neste tempo, todos os artistas gravavam minhas músicas. Depois foi ficando difícil de fazer sucesso. Eu queria viver como profissional, não iria viver de outra coisa. Fiquei quase quatro anos sem nenhuma música na parada. Foi duro. Depois que fiz sucesso com uma música sertaneja, passei a me interessar pelo gênero. O pessoal me aceitou bem, porque eles normalmente são muito fechados (Reis apud Almeida, 1984, p. 8).

Apesar de se tornar mais conhecido com a música “Coração de Papel”, no ano 1966, e com a música “O Menino da Gaita”, em 1972, o cantor inicia sua carreira fonográfica, em 1961, com o compacto simples, pela Continental, com as faixas “Enganadora e Será”. O segundo álbum, de 1962, similarmente ao primeiro, contém as canções “Lana e Por que sou Bobo Assim”. Em 1964, o cantor participa de uma coletânea com o título Reino da Juventude, onde grava a música italiana “O Mio Signore”, com letra em italiano. O disco, um compacto simples com duas músicas, “O Menino da Gaita” e “Eu Tive Medo” (1972), foi um de seus sucessos na Jovem Guarda.

Seu primeiro sucesso no gênero sertanejo foi a versão da música “O Menino da Porteira” (1973), uma das canções sertanejas mais regravadas pelas duplas sertanejas. É em *Saudade de Minha Terra* que Sérgio Reis aparece fotografado na capa, com o chapéu na cabeça (RCA Victor, 103.0142-A, 1975). O tema menino da porteira apareceu também no cinema, em 1976, protagonizado pelo cantor.

Esta tese aponta que o cantor Sérgio Reis, aqui tratado como representante do gênero musical sertanejo, para conquistar o sucesso, teve de criar sua persona artística a partir dos elementos que compõem o código: vestimentas, tema das letras e elementos musicais relacionados ao gênero, que compõem a vida roqueira – algo muito distante de seu estilo musical, até a migração para o estilo de música do homem do sertão. Em suma: com a busca ao pináculo do sucesso, o artista translada-se da

arte musical representativa da sociedade urbana para a música da cultura rural; migra da cidade para o sertão. Ocorre que o cantor não vivenciou a cultura tradicional do homem do campo. Como foi que se deu sua vinda para a cultura musical sertaneja? Como o cantor atingiu o topo do sucesso cantando aquilo que não diz respeito à sua cultura originária? E será que Sérgio Reis pode ter influenciado outros artistas a cantar sertanejo na busca do sucesso? Para responder a estas questões, o trabalho está dividido em quatro capítulos.

O primeiro, intitulado *O cantor da Jovem Guarda que mudou seu panorama... passou a cantar sertanejo e conquistou dinheiro e fama*, busca compreender como se deu a transição de um gênero musical para outro. Para tanto, tomamos como referência os estudos de Marcelo Fróes, em *Jovem Guarda: em ritmo de aventura* (Fróes, 2000), e de André Barcinski, em *Pavões Misteriosos* (Barcinski, 2014), a fim de analisar se o cantor Sérgio Reis se destacava entre os artistas da Jovem Guarda ou se sua carreira se encontrava em decadência e, por essa razão, migrou para a música sertaneja.

O segundo capítulo, intitulado *Porteira encantada a que Sérgio Reis teve acesso: da cidade ao sertão, ele buscou o sucesso*, aborda a adaptação de Sérgio Reis, originalmente cantor de um estilo musical associado à sociedade urbana, ao gênero musical vinculado à cultura do sertão. Para tanto, o artista recorreu à performance do homem do campo, com o propósito de atender ao seu novo público, que passa a ser o homem da roça, bem como, do ponto de vista midiático e comercial, atender às demandas do mercado fonográfico. Tomam-se como referência os estudos de Paul Zumthor, em *Performance, Recepção e Leitura* (Zumthor, 2007), e de Rita Morelli, em *Indústria Cultural: um estudo antropológico* (Morelli, 1991), a fim de compreender como se deu a transformação do cantor nos âmbitos performático e mercadológico no cenário artístico.

O terceiro capítulo, intitulado *O cantor, cineasta, peão... buscou no cinema o apoio à música do sertão*, aborda o episódio em que Sérgio Reis, após migrar para a música sertaneja, protagoniza o filme *O Menino da Porteira* (1977), cuja temática deriva da canção homônima – obra que o conduziu ao gênero sertanejo, intitulada “O Menino da Porteira”, composta por Teddy Vieira e Luizinho, em 1955. Ademais, com o objetivo de esclarecer as razões pelas quais o cantor, que iniciou sua carreira na Jovem Guarda, torna-se não apenas um intérprete sertanejo, mas também um

cinasta que representa o sertão, tomamos como referência os estudos de Fernando Moraes da Costa, em *O Som no Cinema Brasileiro* (Costa, 2008), e os estudos de Rodrigo Carreiro e Láura Loguercio Cánepa, em *Cinema de Horror* (Carreiro; Cánepa, 2025).

O quarto capítulo, intitulado *Muitos arriscaram cantar sertanejo... nem todos realizaram o desejo*, mostrará artistas, nos mais diversos campos da comunicação, que tiveram a iniciativa de cantar sertanejo. Entre os campos da comunicação estão cantores de outros gêneros musicais, como os da Jovem Guarda, assim como Sérgio Reis, a exemplo de Nalva Aguiar; da música em inglês, há a dupla Chrystian e Ralf, da música infantil, Sula Miranda; do gênero musical forró, Simone e Simaria; do estilo musical gaúcho, Grupo Tradição, com Michel Teló. Há ainda cantores que eram apresentadores de televisão, como Hebe Camargo e Marcelo Costa; religiosos, a exemplo do padre Alessandro Campos e do pastor Valdemiro Santiago, além da dupla sertaneja evangélica Daniel e Samuel. E apresentará, ainda, o cantor que se arriscou a imitar Sérgio Reis, Hélio Reis. Para fundamentar essa análise, tomam-se como referência os estudos de Edgar Morin, *Cultura e Comunicação de Massa* (1972), e de Mario Vargas Llosa, *A Civilização do Espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura* (2016).

Nesse sentido, os autores supracitados serão fundamentais para a compreensão do universo da cultura de massa, especialmente no contexto do espetáculo cultural produzido e difundido pela indústria cultural, para o qual diversos artistas passaram a direcionar suas trajetórias musicais ao gênero sertanejo como estratégia de inserção no mercado fonográfico e de ampliação de sua visibilidade perante o público massificado. Tal movimento esteve diretamente relacionado às dinâmicas do capitalismo cultural, em que o sucesso artístico, a ascensão social e a obtenção de riqueza passaram a ser elementos indissociáveis da lógica mercadológica que permeava a produção musical. Nesse cenário, a trajetória de Sérgio Reis adquire centralidade analítica, uma vez que sua atuação artística permite compreender de que maneira a música sertaneja foi incorporada aos mecanismos da cultura de massa, articulando entretenimento, consumo e legitimação pública no interior das transformações econômicas e culturais do período.

## CAPÍTULO I –

### O CANTOR DA JOVEM GUARDA QUE MUDOU SEU PANORAMA... PASSOU A CANTAR SERTANEJO E CONQUISTOU DINHEIRO E FAMA

#### 1.1 Do sertão à selva de pedra: ao brilhar, abriram veredas

Antes de adentrar na questão que me levou a pesquisar sobre o cantor Sérgio Reis e a cultura midiática da música sertaneja, suas investidas em abrir veredas do sertão, na busca do sucesso, é importante ressaltar que muito já foi falado sobre a história da música caipira no Brasil, como as obras *Cantando a Própria História: música e enraizamento*, Ivan Vilela (2013), e *Música Caipira*, José Hamilton Ribeiro (2006). Ainda assim, faz-se necessário pontuar alguns aspectos, como a chegada da viola ao Brasil e a primeira dupla sertaneja a gravar uma “moda”, uma música. Pois, na cultura do homem do sertão, ainda na música de raiz, se pronunciava “moda”, ao invés de música.

O instrumento viola tem sua origem mais remota no alaúde, no Oriente Médio. Ivan Vilela destaca:

Quando os árabes chegaram à península ibérica, no ano de 722, os instrumentos de cordas dedilhadas presentes na península eram as harpas celtas e as cítaras greco-romanas. O oud, também conhecido por alaúde árabe, foi o primeiro instrumento de cordas dedilhadas com braço, no qual as notas podiam ser modificadas, que chegou à Europa (Vilela, 2013, p. 33).

De acordo com o autor, a viola conserva os mesmos traços do instrumento da sua origem: “Curioso observarmos que a viola mantém como característica básica de seu velho ancestral as cinco ordens de cordas” (Vilela, 2013). Afirmo, ainda, que primeiramente o alaúde foi levado por toda a Europa, em especial, à Península Ibérica, passando por muitas transformações, até surgir a viola. E, que séculos depois, em 1500, chegou ao Brasil na caravana de Cabral. Segundo José Hamilton Ribeiro:

A origem da música caipira é a origem do Brasil. Ao conteúdo português, que vinha na letra e na viola, os índios acrescentaram sua alegria, seu gosto pela dança, o jeito de bater os pés e as mãos – o que vai de pronto redundar na catira, que é o primeiro dos gêneros da música caipira (Ribeiro, 2006, p.16).

Como podemos observar, a viola chega ao Brasil em 1500, mas, como foi um instrumento adotado pelo homem do sertão, não era bem aceito pela classe urbana. E a razão do preconceito deve-se a Monteiro Lobato, que, na sua obra *Urupês*, desmerece a imagem do homem do sertão, considerado um “Jeca”, desprovido de cultura, além de ser acusado de vagabundo. Porém, Cornélio Pires combatia com seus poemas o preconceito gerado por Lobato. Dentre os inúmeros preconceitos existentes, destaca-se este: “Chegam silenciosamente ele e a sarcopta esposa, está com um filhote no útero, outro no peito, outro à orelha da saia, já de pito na boca e faca na cinta” (Lobato, 1944, p. 26). O escritor Monteiro Lobato, no conto Velhas Pragas, do livro *Urupês*, compara a esposa do homem do sertão a um verdadeiro verme, que somente servia para procriar seres humanos vagabundos.

A despeito de tal julgamento, de cunho preconceituoso, a cultura dos Jecas teria continuidade, ocupando um importante lugar na cultura nacional. O nascimento da música sertaneja remonta ao início do século XX, mais precisamente ao ano de 1910, quando Cornélio Pires, considerado o precursor desse gênero musical, criou a “Turma Caipira”.

Figura 1 – Foto do livro “A História da Turma Caipira”



Fonte: Imagem do livro “A História da Turma Caipira” – autor da obra (Pedro Henrique Macerani) – Apoio do Programa de Ação Cultural (ProAC) – Secretaria da Cultura (SP).

Esse grupo era composto por cantores oriundos das zonas rurais do Brasil, especialmente do interior paulista, que expressavam por meio da música a cultura e as experiências vividas no sertão. A proposta artística da Turma Caipira consistia na valorização das raízes caipiras, promovendo narrativas autênticas sobre a vida no

campo, seus costumes e tradições. Esses cantores, ao se destacarem com suas cantorias no sertão, espaço rural onde viviam e desenvolviam sua arte, migravam para os centros urbanos em busca de oportunidades para divulgar sua música nas emissoras de rádio. Diferentemente desse percurso comum, o cantor Sérgio Reis trilhou um caminho inverso, partindo do meio urbano, onde possuía suas raízes, para interpretar e difundir a música sertaneja, tradicionalmente associada ao campo.

Motivados pelo desejo de reconhecimento e sucesso, esses artistas migravam para os centros urbanos, onde encontravam maior visibilidade e meios de divulgação de sua arte. Assim, a música sertaneja, inicialmente enraizada na oralidade e na simplicidade do interior, passou gradualmente a conquistar espaço nas cidades, adaptando-se às novas demandas do mercado fonográfico.

Cornélio Pires, tieteense, nascido na cidade de Tietê (SP), é reconhecido como precursor da música caipira, gênero que foi se inovando ao longo dos tempos, chegando hoje ao sertanejo universitário. A carreira de Pires teve início com uma apresentação na Universidade Presbiteriana *Mackenzie*, com seu grupo de violeiros chamado “Turma Caipira”, no ano de 1910. Incansavelmente, Cornélio Pires lutou pela consagração da cultura musical que começa no sertão. Mas tinha dificuldades para gravar seus caipiras. Já havia gravado um disco na gravadora Columbia, no gênero de humor, imitações de pássaros, quando, em 1929<sup>7</sup>, grava sua primeira composição, intitulada “Jorginho do Sertão”:

Entre agosto e setembro de 1929 volta a gravar um novo repertório no segundo suplemento de discos que seria lançado em outubro. Dessa vez abre a coleção com as famosas de Arlindo Santana, e registra ‘Jorginho do Sertão’, a primeira moda de viola gravada no Brasil, executada pela dupla Mariano e Caçula (Macerani, 2012, p. 23).

O autor destaca um marco significativo na história da música popular brasileira, ocorrido entre agosto e setembro de 1929, quando foi gravado um novo repertório para o segundo suplemento de discos, lançado em outubro do mesmo ano. Sobretudo, o registro de “Jorginho do Sertão”, reconhecida como a primeira moda de viola gravada no Brasil, aponta para um momento de transição e consolidação de expressões musicais típicas do interior. A execução da canção pela dupla Mariano e Caçula demonstra a presença e a relevância de artistas que, até então, estavam à

---

<sup>7</sup> Dicionário Cravo Albin – Mariano e Caçula, a dupla que grava a primeira música sertaneja, Jorginho do sertão, em 1929. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/grupo/cacula-e-mariano/>

margem do circuito fonográfico urbano. Tal acontecimento revela o início da inserção da música caipira no mercado fonográfico nacional, contribuindo para o processo de legitimação cultural dos gêneros populares de matriz rural, que posteriormente influenciariam fortemente a identidade musical brasileira.

Figura 2 – Jorginho do Sertão (1929). Primeiro disco sertanejo



Fonte: Gravadora: Columbia - Formato do disco: 78 RPM  
Ano: 1929

A letra da moda é a seguinte:

Ajudai meu companheiro, ai, ai, ai, ai  
No meio desse salão, ai, ai, ai, ai  
Que nós dois cantando junto  
Faiz chorar dois coração

O Jorginho do sertão  
Rapaizinho inteligente  
Ni uma carpa de café  
Ele enjeitô três casamento

Ele acabô seu serviço  
Tão alegre tão contente  
Ei dizer pro seu patrão  
Quero a minha conta corrente

Jorge a conta eu não lhe dô  
Pro vosso consentimento  
Tenho três filha sorteira  
E hoje ofereço em casamento

Logo veio a mais velha

Por ser a mais interesseira  
 Jorginho case comigo  
 Que eu sô a mais trabalhadeira

Logo veio a do meio  
 Cheia de top de fita  
 Jorginho case comigo  
 Que das três sou a mais bonita

Logo veio a mais nova  
 Vestidinho amarelo  
 Jorginho case comigo  
 Que das três sou a flor da terra

O Jorginho do sertão  
 É rapaiz de pouca luma  
 Não posso casar com as três  
 Ai eu não caso com nenhuma

Na hora da despedida, ai, ai, ai, ai  
 É que a moreninha chora, ai, ai, ai, ai

Jorge atava o seu cavalo  
 Enciô na mesma hora  
 Ei dizer pra morenada  
 Ai adeus que já vô me embora

Esta música é considerada o marco zero da cultura musical sertaneja, a qual se inicia sob o termo “moda caipira”. Ao longo do tempo, passa a ser denominada música sertaneja. Após algumas décadas, surgem outras vertentes inovadoras, como a música sertaneja romântica e o sertanejo universitário. Nos dias atuais, observa-se o “agronejo”, uma recente criação híbrida que incorpora elementos da música eletrônica e atende ao universo midiático das redes sociais, ao mesmo tempo em que busca se associar à temática da agropecuária no contexto do sertanejo.

Observa-se que, na primeira música sertaneja gravada no Brasil, o ritmo predominante era a moda de viola. A letra apresenta uma narrativa baseada em uma lenda, ou, possivelmente, em um fato verídico, que relata a história de um jovem que, durante uma empreitada de trabalho braçal, deparou-se com uma situação inusitada: o pai de três moças ofereceu-as em casamento como forma de pagamento pelos serviços prestados. As jovens demonstraram interesse pelo rapaz, identificado como Jorginho; no entanto, ele optou por não se casar com nenhuma delas, uma vez que não poderia desposar as três simultaneamente. A canção apresenta inúmeros desvios

gramaticais e emprega um vocabulário típico do homem do campo, refletindo traços linguísticos regionais e populares característicos do período.

Assim, a música caipira era frequentemente rejeitada pelas camadas mais elitizadas da sociedade urbana, uma vez que o modo de falar associado a esse gênero era erroneamente interpretado como indicativo de ignorância ou até mesmo de deficiência intelectual. Em decorrência disso, havia um forte preconceito em relação à cultura musical do homem do sertão. O escritor Marcos Bagno, em sua obra *Preconceito Linguístico*, nos esclarece:

Na visão preconceituosa dos fenômenos da língua, a transformação de L em R nos encontros consonantais como em Cráudia, chicrete, praça, broco, pranta, é tremendamente estigmatizada e, às vezes, é considerada até como um 'atraso mental' das pessoas que falam assim (Bagno, 2016, p. 64).

O autor deixa claro que as pessoas pertencentes às classes mais elitizadas, residentes nos centros urbanos e com maior facilidade de acesso à educação, costumavam classificar como intelectualmente inferiores aqueles que preservavam o dialeto caipira. Diante disso, é possível imaginar o quanto seria improvável que valorizassem a cultura musical desses indivíduos. Na verdade, não apenas evitavam cantar o que os caipiras cantavam, como sequer apreciavam ouvir tais canções.

Essa resistência não foi diferente no caso do cantor Sérgio Reis, que se aventurou a interpretar canções sertanejas no início da década de 1970, período em que a chamada "moda caipira", agora sob a designação de "música sertaneja", já havia passado por inovações significativas, especialmente com a atuação da dupla Léo Canhoto e Robertinho, a partir de 1969<sup>8</sup>. Em uma entrevista, a dupla Chitãozinho e Xororó confirma que a mudança da moda caipira para a música sertaneja deve-se aos precursores Léo Canhoto e Robertinho. Os relatos dos irmãos podem ser conferidos na obra *Horizontes Midiáticos: Aspectos da Comunicação na Era Digital*, Rodrigues (2013)<sup>9</sup>. Em 25 de setembro de 2019<sup>10</sup>, tive a honra de prestar homenagem

---

<sup>8</sup> Vídeo entrevista concedida a este autor para o Jornal Sertanejo, em 2014, no Espaço das Américas – São Paulo. CHITÃOZINHO e XORORÓ. Entrevista concedida a Zé Renato. Realizada no Espaço das Américas – São Paulo, 2014. Vídeo publicado em 13 ago. 2014. Canal *YouTube* ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iHXG3sJoLAo>.

<sup>9</sup> Os relatos dos irmãos Chitãozinho e Xororó no capítulo do livro *Horizontes Midiáticos: Aspectos da Comunicação na Era Digital*, Rodrigues (2013), ressaltam a transformação da música caipira ao longo do tempo. Disponível em: <http://surl.li/rpnnyu>.

<sup>10</sup> Homenagem a Léo Canhoto - o evento ocorreu na Instituição Cidadão do Mundo, consistindo na gravação de um DVD beneficente em apoio à própria instituição, localizada no município de Santana

a Léo Canhoto, durante um evento comemorativo, ocasião em que lhe presenteei com a obra didática *Horizontes Midiáticos: Aspectos da Comunicação na Era Digital*.

Pelo fato de Sérgio Reis ter se inserido no universo sertanejo como artista solo – em um contexto no qual a música sertaneja era predominantemente marcada por duplas –, consolidou-se sua posição de destaque nesse cenário. Embora, como será discutido adiante, já houvesse precedentes de atuação solo, como no caso de Bob Nelson, o reconhecimento mais expressivo recaiu sobre Sérgio Reis. Em decorrência disso, é comum a ocorrência de equívocos interpretativos, especialmente no que diz respeito à ideia de que ele teria sido responsável pela modernização da música sertaneja. É o caso de Alessandro Henrique Cavichia Dias que, em sua dissertação<sup>11</sup>, enaltece a carreira do cantor, afirmando Sérgio Reis ser um dos responsáveis pela modernização do gênero musical sertanejo: “A modernização da música sertaneja proporcionada por Sérgio Reis e seus contemporâneos, como Leo Canhoto & Robertinho, Milionário & José Rico, entre outros” (Dias, 2014, p. 23). Porém, Reis, embora tenha sido um dos precursores dessa nova tendência, encontra-se inserido num circuito mais amplo, que envolve outros intérpretes do período.

Ao afirmar que a modernização da música sertaneja foi proporcionada por Sérgio Reis, Dias contradiz a posição dos irmãos Chitãozinho e Xororó. Os irmãos sempre foram admiradores de Léo Canhoto e Robertinho, cantores sertanejos que viveram a vida do campo (Léo Canhoto nasceu em Inhumas -SP, o Robertinho em Água Limpa- GO), e ambos vieram para São Paulo tentar a sorte cantando a música sertaneja. Mas tiveram a criatividade de formar uma dupla sertaneja diferenciada das outras, trazendo uma roupagem mesclada da Jovem Guarda ao faroeste, com a performance do *iê-iê-iê em diálogo com* o filme de faroeste. Usavam cabelos longos, coletes de couro, correntes grossas no pescoço, óculo escuros e, em muitas capas de discos, portavam armas na cintura. “Mesmo inovando a música sertaneja, suas poesias musicais jamais se afastaram do sertanejo e de sua vida no campo”.

Então, Chitãozinho (José Lima Sobrinho) e Xororó (Durval de Lima), que também vieram de Astorga (PR) e, desde o primeiro disco, já eram cantores sertanejos, numa entrevista realizada no Espaço das Américas, no ano de 2014,

---

de Parnaíba, na Estrada dos Romeiros, nº 7680. Vídeo publicado em 11 dez. 2019. Canal *YouTube* ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yqCEWSpZaxw>.

<sup>11</sup> Do *iê-iê-iê* ao *êê-boi*: Sérgio Reis e a modernização da música sertaneja (1967-1982).

afirmam que acompanharam a carreira de Léo Canhoto e Robertinho desde o início. E adotaram alguns paradigmas da dupla que modernizou o gênero musical sertanejo. Aos 3min55s diz Xororó:

A Jovem Dupla de Cabelos Longos, como era conhecida, Léo Canhoto e Robertinho, trouxe uma nova roupagem no gênero musical sertanejo em 1969, quando gravaram o primeiro álbum em 1969. A modernização da música sertaneja começa aí. Depois chegamos nós, Milionário e José Rico. E nós deixamos o cabelo comprido também. Assim foi a transformação da música sertaneja. São nossos grandes amigos, gravamos uma coletânea juntos. Léo Canhoto e Robertinho estavam mais pra Raul Seixas, os irmãos falam sorrindo (Xororó, 2014).

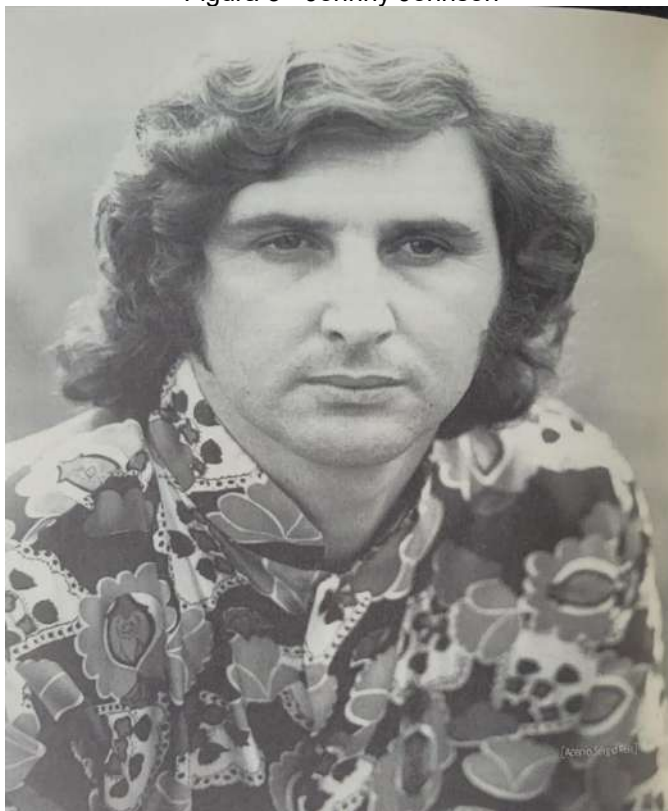
A modernização do gênero, muitas vezes atribuída ao sucesso da dupla Chitãozinho e Xororó com a canção Fio de Cabelo, já vinha sendo delineada anteriormente por outras duplas. Como afirma Ribeiro (2006), a chamada fase do "sertanejo moderno" – com ênfase nas aspas – teve início antes mesmo do sucesso de Chitãozinho e Xororó, sendo Léo Canhoto e Robertinho os pioneiros desse processo de renovação musical no sertão. Torna-se claro que a modernização da música sertaneja não partiu de Sérgio Reis, e sim de Léo Canhoto e Robertinho.

Esses dois jovens, conhecidos como "A Jovem Dupla de Cabelos Longos", incorporaram elementos modernos à música sertaneja, como frases em inglês e ritmos mais contemporâneos, sem, no entanto, abandonar a temática voltada ao homem do campo, de onde provinham suas raízes.

Como observaremos, a seguir, a situação de Sérgio Reis será bem diferente. Oriundo do meio urbano, buscou na sonoridade sertaneja o brilho de uma tradição musical ligada ao homem do sertão, apropriando-se de uma estética que não lhe era originalmente familiar.

## **1.2 Cantando a cultura urbana iniciou sua carreira... somente após doze anos, Sérgio Reis abre a porteira**

Figura 3 - Johnny Johnson



Fonte: Livro biográfico de Sérgio Reis. Título do livro: *Sérgio Reis: Uma Vida, um Talento*. Autor: Murilo Carvalho. Editora Tinta Negra, Rio de Janeiro (RJ), 2009.

A foto escolhida para caracterizar a pesquisa sobre o início da carreira do cantor Sérgio Reis foi, a nosso ver, compatível com a imagem de quando o cantor era jovem. Para isso, extraí uma foto de seu livro biográfico, inserida no início da obra, na página 34 (Carvalho, 2009).

O primeiro disco foi lançado em formato 78 rpm pela gravadora *Chantecler* em 1961. Constan do disco as músicas “Enganadora”<sup>12</sup> e “Será”<sup>13</sup>, sendo possível ouvi-las no site do Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB)<sup>14</sup>

Este momento inicial de sua carreira antecede em mais de uma década a sua virada artística rumo à música sertaneja, quando decide representar a cultura do homem do campo. No início da década de 1960, Reis se filiaria esteticamente à Jovem Guarda. A Jovem Guarda foi um estilo musical contagiante entre os jovens da classe

<sup>12</sup> Música: “Enganadora”. Canal YouTube Nostalgia Anos Dourados. YouTube, 19 fev. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WkiNiaFP-CM>

<sup>13</sup> Música “Será”. Canal YouTube, Nostalgia Anos Dourados. YouTube, 19 fev. 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=uFGFv7Qs\\_DU](https://www.youtube.com/watch?v=uFGFv7Qs_DU)

<sup>14</sup> Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB). Músicas: “Enganadora” – Disponível em: [https://immub.org/album/78-rpm-43616?musica=ser%C3%A1&interprete\\_1=S%C3%89RGIO%20REIS](https://immub.org/album/78-rpm-43616?musica=ser%C3%A1&interprete_1=S%C3%89RGIO%20REIS)

urbana. Segundo Marcelo Fróes, em seu livro *Jovem Guarda: Em Ritmo de Aventura*, esse movimento teve início no final dos anos 1950 e representava a expressão de uma juventude simpatizante do gênero musical norte-americano que então chegava ao Brasil:

A expressão Jovem Guarda é utilizada pela primeira vez num artigo da imprensa especializada, quando uma revista de televisão e rádio da Editora Abril, a Intervalo, em 12 de janeiro de 1963, faz uma matéria sobre o restaurante San Quentin de São Paulo: 'The Clevers superlotam as madrugadas do restaurante que tem nome de prisão, escolhido pela jovem guarda para as reesticadas de depois das quatro, em São Paulo'. No início dos anos 60, os jovens argentinos recebiam o rock através de artistas mexicanos da CBS – notadamente Enrique Cruzmán e Los Teen Tops. A RCA de Buenos Aires, intenta às aspirações da juventude argentina, resolve investir naquela 'nova onda' contratando nomes como Jhunny Tedesco, Rocky Pontoni, Raul Livié, Nicky Jones, Lalo Fransen, Tanguito, Galo Gárdenas, Chico Navarro, Perico Gómez, Jolly Land, Violeta Rivas, Cachita Galán, Oscar Toscano, Palito Ortega – o qual, junto com Jhny, Nicky e Lalo formou um núcleo apelidado de Los Red Caps (Fróes, 2000, p. 43).

De acordo com Fróes, a partir da década de 1960, o estilo musical *rock and roll* atravessou as fronteiras do México à Argentina. Logo, os jovens argentinos, ao serem influenciados pelas músicas gravadas por artistas mexicanos, levaram as gravadoras *RCA Victor* e CBS, de olho no mercado fonográfico, a investirem em cantores argentinos. O mesmo ocorreu quando os jovens brasileiros aderiram ao estilo musical que surgira do *rock and roll*, a onda da Jovem Guarda. Eles passaram a usar vestimentas típicas da cultura dos Estados Unidos. Assim, as gravadoras investiram em cantores para esse novo mercado fonográfico, que apresentava boa vendagem de discos. Dessa forma, as gravadoras produziam os artistas de acordo com a moda do novo estilo musical.

As imagens nas capas dos discos descreviam o gênero musical que o cantor interpretava: “Assim, investindo na divulgação da imagem do intérprete, a gravadora está investindo, ao mesmo tempo, na divulgação de seus próprios produtos” (Morelli, 1991, p. 187). É o que nos mostra Rita Morelli em sua obra *Indústria Fonográfica: Um Estudo Antropológico*. Da mesma forma, concorda o ex-diretor artístico da gravadora Continental, Wilson Souto (2024), em entrevista<sup>15</sup>. A gravadora Continental, fundada

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida por Wilson Souto, em 11 abr. 2024. Canal *YouTube* ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WqOQqdVyVUI&t=1363s>. Advirto que todas as entrevistas realizadas para este trabalho foram aprovadas pela Plataforma Brasil, junto ao Comitê de Ética da UNIP.

em 1943, destacou-se por sua especialização em nichos específicos do mercado fonográfico, com ênfase nos gêneros da música sertaneja. Já em seus primeiros anos de atividade, na década de 1940, a empresa registrava artistas de grande relevância para o campo, como a dupla Tonico e Tinoco, as Irmãs Castro, e a dupla Cascatinha e Inhana. Aos 14min02s, Wilson afirma:

Sem dúvida, existia influência dos produtores das gravadoras. Eu posso te dizer. Não digo isso com nenhum orgulho. Na verdade, eu sempre procurei partir do ponto de vista do artista, pra fazer uma produção adequada àquilo que eu pulsava (Souto, 2024).

Atualmente, proprietário da gravadora e divulgadora Atração Fonográfica, Wilson afirma que a função de um diretor artístico é produzir o artista, com o intuito de vender discos. O objetivo de uma indústria fonográfica é fazer o cantor chegar às paradas de sucesso. Desse modo, tanto o cantor quanto a gravadora lucrarão. Ambicionados na busca do sucesso, os jovens cantores da Jovem Guarda que tivessem o nome similar ao de um cantor estadunidense eram cobiçados. Eles tinham preferência por nomes americanizados que se iniciavam com a letra “J”. Foi o que se pode observar nas citações de Fróes (2000, p. 43), quando explica como se deu o batismo do termo Jovem Guarda e descreve alguns nomes de cantores que surgiram naquela época: *Johnny Tedesco, Jolly Land e Nicky Jones*. Coincidência da letra “J” ou não, nesse exato momento, surge o cantor que, 14 anos depois, se caracterizaria como sertanejo: Johnny Johnson, que mais tarde assumiria o pseudônimo Sérgio Reis. É o que conta a matéria da revista *Coração de Boiadeiro*, escrita por Angela Marciarj, sobre a participação do cantor na novela Pantanal. O assunto abordado na matéria se refere ao fato de que nem sempre o cantor foi pantaneiro e sertanejo:

Aos 18 anos, depois de um teste, gravou com o nome de Johnny Johson o bolero ‘Enganadora’ para a Chantecler. É sobre um homem que se apaixona por uma mulher da vida, diz, enquanto corre a pegar o violão para ilustrar as primeiras frases com sua voz suave, colocada (Marciarj, 1990, p. 2).

O periódico do Arquivo do Centro Cultural São Paulo (CCSP), publicado em 24 de junho de 1990, registra o nome estranho que o cantor adotou para tentar brilhar na Jovem Guarda, mais um pseudônimo iniciado com a letra “J”, Johnny Johnson. Esse nome chega a parecer com o de um remédio. A matéria da revista *Coração de Boiadeiro* mostra a batalha de Sérgio Reis em busca do sucesso: “Como seu personagem Tibério na novela *Pantanal*, nem sempre foi assim. No início da carreira, chegou a tentar a sorte como modelo” (Marciarj, 1990). Ele tentou a sorte em muitos

“times” e arriscou-se a ser “jogador” em várias posições. É sobre isso que trataremos a partir do primeiro capítulo, da “jogada” do cantor da Jovem Guarda à música sertaneja.

### 1.3 Sérgio Reis: período pré-sertanejo (1961-1973)

Como já mencionado anteriormente, os primeiros registros fonográficos de Sérgio Reis situam-se no contexto da Jovem Guarda, dialogando também com outros gêneros musicais em evidência à época. Iniciando sua carreira ainda na década de 1960, o artista lançou seu primeiro disco em 1961, período no qual adotava o pseudônimo de Johnny Johnson, evidenciando uma forte influência da música jovem e urbana então predominante.

A partir de 1975, contudo, observa-se uma inflexão significativa em sua trajetória artística, quando Sérgio Reis passa a dedicar-se de forma mais consistente ao repertório sertanejo. Essa transição não se restringe apenas ao âmbito musical, mas também se manifesta em sua construção imagética, marcada, entre outros elementos, pela adoção do chapéu como símbolo de identificação com a cultura do sertão.

Dessa forma, como acabamos de comentar, os primeiros registros em disco de Sérgio Reis correspondem à Jovem Guarda, além de outros gêneros em voga. Passemos, então, a um breve comentário sobre essas produções iniciais.

#### **Enganadora (1961)**

Autores: Souza Lima/ Luiz Mergulhão/ Umberto Silva

Intérprete: Sérgio Reis

Disco: formato 78 RPM

Gravadora: Continental

Catálogo: 78-0503

Enganadora, o destino te fez assim  
Sei que sabes mentir  
O teu pranto carpir numa louca ambição  
Enganadora, onde pensas que vai  
Sei que tua beleza com toda certeza  
Nem sempre terá  
Enganadora, eu a ti não condeno  
Triste é teu caminho  
Pontilhado de espinho  
Teu amor um veneno  
Enganadora, enganaste a mim também  
Eu sei que tua sina  
É não gostar, não gostar de ninguém

Observa-se que a letra da música Enganadora, com duração de 3'13", apresenta uma poesia nostálgica. O enredo trata de um rapaz que se apaixona por uma prostituta, enquanto percebe que ela não corresponde aos seus sentimentos amorosos. É uma letra bem típica da época, em que os jovens da vida urbana eram atraídos pelos temas musicais da boêmia.

O ritmo é um bolero, gênero na época adotado para músicas com essa temática. Os instrumentos que se destacam são: trompete, piano que aparece ao fundo, o violão, contrabaixo e percussão. Nos arranjos iniciais e no intervalo em que a música se repete, o trompete é o instrumento de maior destaque.

Observa-se a voz do cantor com ênfase na melodia e uma boa voz empostada. Agora, passaremos à faixa 2 do álbum de 1961, para concluirmos a análise das duas primeiras músicas gravadas por Sérgio Reis. Segue a letra:

### **Será (1961)**

Autor: Waldemar Espinosa Garcia  
Intérprete: Sérgio Reis  
Disco: formato 78 RPM  
Gravadora: Continental  
Catálogo: 78-0503

Será que o amor é ilusão  
Pois se ouço tua voz  
Palpita o meu coração  
Será que o amor é mesmo assim  
Pois ter a tranquilidade  
Se longe estás de mim  
Será que o amor faz enlouquecer  
Será que o amor nos faz padecer  
Será que o amor nos faz sonhar  
Como sonho eu contigo  
Só por te adora

A música Será, com duração de 3'04", segue uma temática poética apropriada para um cantor de boêmia. Na letra, o eu lírico dialoga poeticamente consigo mesmo, questionando se o amor pode levar à loucura. Ele se mostra apaixonado por uma mulher que vive distante.

Observa-se que o ritmo da música é o de uma balada lenta, dirigido aos jovens da classe média urbana que vivenciavam a nova onda musical da Jovem Guarda, marcada pela mistura do *rock and roll* com o romantismo. No início da carreira de Sérgio Reis, nota-se que era a essa temática que predominava em seu estilo.

Os instrumentos que mais se destacam são o violino, que aparece como um "*back vocal*" instrumental, o piano, levemente o violão, o contrabaixo e a percussão, que domina o ritmo. A voz do cantor é melódica e bem interpretada.

### 1.3.1 Segundo álbum de Sérgio Reis

Como não foi possível encontrar o segundo disco, um compacto simples que contém as músicas *Lana*, *Por que Sou Bobo Assim*, e como a música *Lana* está publicada no canal do *YouTube* de Joe Becerra Júnior com esta foto, supomos que se trate da capa do segundo álbum do cantor. Observamos, na imagem, a expressão de roqueiro do artista, com blusa de couro e o cabelo penteado de forma semelhante ao de Elvis Presley.

Figura 4 - Provável capa do disco *compacto* (1962)



Fonte: Imagem do vídeo publicado no *canal YouTube* Joe Becerra Júnior<sup>16</sup>

#### **Lana (1962)**

Autores: Joe Melson/ Roy Orbson

Versão: Carlos Alberto

Intérprete: Sérgio Reis

---

<sup>16</sup> Referência da imagem - Canal *YouTube* – Joe Becerra Junior. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19qhbeuGMSw>

Disco: formato 78 RPM  
 Gravadora: Continental  
 Catálogo: 78-0588

Procuro por Lana  
 Que é meu amor  
 E se foi sem adeus  
 A mais linda e mais meiga  
 Garotinha que eu já vi  
 Oh Lana!  
 Ô, ô, ô, Lana  
 Não me faça chorar  
 Ô, ô, ô, Lana  
 Vem amor, volte amor para mim  
 Preciso de Lana  
 Que é meu amor  
 Sem ti não há vida  
 Dentro de mim  
 Quando me lembro  
 Do seu olhar  
 Só posso dizer  
 Que quero seu amor  
 Pra mim amor de mim  
 Amor de Lana amor de Lana!  
 Oh Lana.

Ao analisarmos a música “Lana”<sup>17</sup>, com duração de 2’22”, podemos perceber que se trata de um *rock and roll*. A letra tem uma temática romântica, porém melancólica, na qual o rapaz implora para que sua namorada volte, afirmando que, sem ela, sua vida não tem mais sentido.

O instrumento dominante é a guitarra, mas há também destaque para instrumentos de sopro, aparentemente um saxofone, além de contrabaixo, percussão e *backing* vocal. Trata-se de uma música que apresenta todas as características da Jovem Guarda.

### **Por que Sou Bobo Assim? (1962)**

Autores: Keller/ Hunter/ Jair Leggieri  
 Versão: Osvaldo Scaldolay  
 Intérprete: Sérgio Reis  
 Disco: formato 78 RPM  
 Gravadora: Continental  
 Catálogo: 78-0588

---

<sup>17</sup> Música: “Lana”. Canal *YouTube* Joe Becerra Junior. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9lqyD18cWtQ>

Queria ser conquistador  
 Mas chorando estou  
 Pois perdi o meu amor  
 Para onde for  
 Por que ai ai ai  
 Hei de ser tão bobo assim  
 Seria bem feliz se alguém  
 Chamasse por mim  
 Pois a vida sem meu bem  
 Fica tão ruim  
 Por que ai ai ai  
 Hei de ser tão bobo assim  
 Fui feliz por todas  
 Teu beijo me calou  
 Apaixonei-me por que  
 Sou novo no amor  
 Quando a vi chorando  
 Eu quase chorei  
 As lágrimas corriam  
 Me desesperei

Observa-se que a música "Por que Sou Bobo Assim?"<sup>18</sup>, com duração de 2'35", é um *rock and roll* de estilo mais romântico. A versão é de Sérgio Reis. O tema é nostálgico, e é notável que o cantor demonstra melancolia na poética da letra, na qual reclama da solidão e da perda da mulher que mais amou. Como não tem mais esperança de que ela volte, mas não consegue parar de chorar, pergunta-se: "Por que sou bobo assim?". Os instrumentos que se destacam são a guitarra e o órgão, além do contrabaixo, da percussão e da presença de muitos *backing vocals*.

### 1.3.2 Terceiro álbum de Sérgio Reis

É altamente provável que a imagem em questão corresponda à capa de um álbum do cantor Sérgio Reis, datado do ano de 1964, período no qual o artista realizou a gravação da canção *O Mio Signore*. Tal inferência baseia-se em elementos visuais e contextuais que remetem à estética e à produção fonográfica característica daquela época. Ademais, observa-se que a referida imagem foi utilizada como capa de um vídeo publicado no canal do *YouTube* intitulado "Nostalgia Anos Dourados", o que reforça sua associação com registros musicais históricos e conteúdos voltados à rememoração de produções culturais do passado. Nesse sentido, a circulação

---

<sup>18</sup> Música: "Por que Sou Bobo Assim?". Canal *YouTube* Joe Becerra Junior. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19qhbeuGMSw>

contemporânea dessa imagem em plataformas digitais evidencia não apenas seu valor documental, mas também sua relevância no processo de resgate e difusão da memória musical brasileira.

Figura 5 - Capa de um álbum do cantor Sérgio Reis (1964)



Fonte: Capa do vídeo da música *O Mio Signore*<sup>19</sup> – Canal *YouTube* Nostalgia Anos Dourados

***O Mio Signore* (1964)**

Autor: Mogol/ Edoardo Vianello

Intérprete: Sérgio Reis

Disco: formato 78 RPM

Gravadora: Continental

Catálogo: PPL 12150

O mio signore  
In questo mondo  
Io non ho avuto tanto  
Eppure sono contento  
Sono contento  
O mio signore  
Io ti ringrazio  
Di ogni cosa che ho avuto  
Grazie per tutto quello

---

<sup>19</sup> Música: “O Mio Signore”. In: Canal *YouTube* Nostalgia Anos Dourados. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lyCQu1JAmPU>

Che tu hai fatto per me  
 Per me  
 Però se questa será  
 Posso farti una preghiera  
 Fa che domani  
 Fa che domani  
 Lei ritorni da me  
 Però se questa sera  
 Posso farti una preghiera  
 Fa che domani  
 Fa che domani  
 Lei ritorni da me

A música *O Mio Signore*, com duração de 3'40", é interpretada por Sérgio Reis em italiano. No Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB), constatamos que Sérgio Reis participa de uma coletânea ao lado de cantores da Jovem Guarda, no ano de 1964. No entanto, o IMMuB, apenas mostra o ano da gravação, número do catálogo, gravadora e os nomes dos compositores. Ao ouvirmos no canal YouTube Nostalgia dos Anos dourados, observamos que o ritmo é uma balada, com arranjos predominantes de guitarra e instrumentos de sopro, como o saxofone, além de contrabaixo, percussão e *backing vocals*. Percebe-se na voz do cantor boa postura, voltada para atrair o público urbano que, no início da década de 1970, era apreciador de músicas estrangeiras.

Quanto à imagem da publicação do vídeo, observa-se que o cantor tem aparência de *roqueiro*, assim como na outra foto encontrada, em páginas anteriores, também vinculada a uma publicação em vídeo, em que apresenta uma performance típica de um cantor de *rock and roll*.

É plausível que Sérgio Reis tenha se inspirado a gravar em italiano, considerando que, na década de 1960, no contexto da Jovem Guarda, diversos cantores brasileiros registraram canções nesse idioma, frequentemente versões de sucessos italianos, como “*Non ho l’età*” e “*Per Amarti*” (1964), de Gigliola Cinquetti, e “*Datemi un Martello*” (1964), de Rita Pavone, além de obras de Bobby Solo, como “*Una lacrima sul viso*” e “*Credi a Me*” (1964), e de Sergio Endrigo, com “*Io Che Amo Solo Te*” (sucesso em 1964). Nesse cenário, destaca-se também Jerry Adriani, que em 1964 gravou os álbuns *Italianíssimo* e “*Credi a Me*”, ambos em italiano, bem como o cantor italiano Tony Angeli, que se estabeleceu no Brasil em 1964 com repertório nesse idioma, evidenciando uma prática mais ampla de gravações em línguas estrangeiras – como inglês e espanhol – no país; tal tendência é corroborada por

registros do IMMUB, segundo os quais a coletânea *Reino da Juventude*<sup>20</sup>, que inclui Sérgio Reis, composta por 12 faixas, apresenta, além de “O Mio Signore”, outras quatro gravações em língua estrangeira interpretadas por cantores brasileiros: “*Solo Due Righe*”, de Dick Danello (em italiano), “*Todo És Amor*”, de Palito Ortega e Dino Ramos, interpretada por Orlando Alvarado (em espanhol), “*I Got a Woman*”, originalmente gravada por Ray Charles em 1954 (em inglês), e “*Tonight*”, gravada por Márcio Antonucci, da dupla Os Vips, em 1964 (em inglês).

### **Álbum: Coração de Papel**

#### **Coração de papel (1966)**

Autor: Sérgio Reis

Intérprete: Sérgio Reis

Disco: formato compacto

Gravadora: *Odeon*

Catálogo: nº 7 BD 1121

Se você pensa  
Que meu coração é de papel  
Não vá pensando, pois não é  
Ele é igualzinho ao seu  
E sofre como eu  
Pra que fazer chorar assim  
A quem te ama

Se você pensa  
Em fazer chorar a quem lhe quer  
A quem só pensa em você  
Um dia sentirá  
Que amar é bom demais  
Não jogue amor ao léu  
Meu coração que não é de papel

Porque fazer sofrer  
Porque fazer chorar  
Um coração que só lhe quer  
O amor é lindo eu sei  
E todo eu lhe dei  
Você não quis jogou ao léu  
Meu coração que não é de papel

A canção intitulada “Coração de Papel” é considerada o primeiro grande sucesso de Sérgio Reis, tendo contribuído significativamente para o reconhecimento

---

<sup>20</sup> Instituto Memória Musical Brasileira (IMMUB) – Coletânea: *Reino da Juventude*. Disponível em: <https://immub.org/album/reino-da-juventude?musica=o%20mio%20signore>

do cantor junto ao público da Jovem Guarda: “Aquele verão de 1966 foi marcado de novos artistas. Além dos *Fevers* e de Clara Nunes. A *Odeon* contratou Sérgio Reis” (Fróes, 2000, p. 85).

De acordo com Marcelo Fróes, em sua obra *Jovem Guarda: Em Ritmo de Aventura*, o ano de 1966 foi marcado pela emergência de diversos artistas no cenário da Jovem Guarda. Entre eles, destacam-se os *The Fevers*, uma das bandas mais populares e duradouras do Brasil, formada entre 1964 e 1965 no Rio de Janeiro e associada ao referido movimento, bem como a cantora Clara Nunes. Nesse contexto, insere-se também Sérgio Reis, que foi contratado pela gravadora *Odeon*, consolidando sua presença no meio musical da época. Dessa forma, 1966 configura-se como o ano em que Sérgio Reis se tornou amplamente conhecido, sobretudo por meio da canção “Coração de Papel”, que marcou decisivamente o início de sua projeção nacional.

A letra segue o padrão da balada romântica, com texto em primeira pessoa, de caráter melancólico. Sérgio Reis, na interpretação, procura transmitir o sentimento. O tema se refere à perda de uma mulher querida, e então, busca no imaginário uma forma de dizer que, um dia, ela se arrependerá por ter jogado fora um grande amor e por ter esfaqueado o seu coração.

Figura 6 – Capa e contracapa do long-play – compacto (1966)



Fonte: Odeon - nº 7, BD 1121

A música “Coração de Papel”<sup>21</sup>, com duração de 3’05”, integra o gênero *rock and roll*, com estilo *iê-iê-iê*. A parte instrumental tem como destaque a guitarra; porém, o contrabaixo e a percussão, constantemente presentes, dominam o ritmo. Há também numerosos *backs vocals*.

Considerando, de acordo com Marcadet (2000), que a capa também faz parte do “fato canção”, valem algumas considerações: “O material iconográfico de acompanhamento revela-se de uma grande potência evocativa, o seu estudo recai na análise central e fornece-nos indicações complementares” (Marcadet, 2000, p. 134). Segundo Marcadet, é de suma importância analisarmos as imagens criteriosamente.

Capa: A capa do disco gravado no ano de 1966, para a gravadora *Odeon* – Nº 7 BD 1121. Trata-se de um compacto duplo, como era denominado na época, contendo quatro faixas musicais. Este disco consagrou o cantor Sérgio Reis em sua trajetória na Jovem Guarda, com a música “Coração de Papel”. Assim, analisamos as faixas “Coração de Papel”, “Qual a Razão?”, “Fim de Sonho” e “Nuvem Branquinha”, todas composições de Sérgio Reis.

Podemos observar que o cantor, na foto da capa, veste uma jaqueta de couro, e sua pose remete à de um roqueiro. A foto está no plano médio, ou seja, da cintura para cima. Sérgio Reis fixa o olhar, demonstrando convicção, com o objetivo de atrair seu público. O cabelo, curto, está penteado de lado. Apesar de a foto ser em preto e branco, é possível lembrar *Elvis Presley* na década de 1960.

Contracapa: Já na contracapa, nem o nome do cantor Sérgio Reis aparece. Percebe-se que a gravadora utiliza a contracapa como um painel de divulgação de seus produtos fonográficos, nos quais expõe os cantores. A lista começa com os cantores brasileiros Altemar Dutra, Eduardo Araujo, João Dias, e segue para os cantores com nomes americanizados: *The Beatles*, *Lucho Gatica*, *Matt Monro*, *Pino Donaggio*, *Franck Pourcel* e *Richard Anthony*. Dá-se mais ênfase nas apresentações das músicas de Altemar Dutra, que aparece mostrando o título de duas obras musicais, e de *The Beatles*, que apresenta cinco obras musicais.

### **Qual a Razão? (1966)**

---

<sup>21</sup> Coração de Papel - Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB) – Catálogo: 529010-2. Disponível em: [https://immub.org/album/bis-sergio-reis?musica=qual%20a%20razao&interprete\\_1=S%C3%89RGIO%20REIS](https://immub.org/album/bis-sergio-reis?musica=qual%20a%20razao&interprete_1=S%C3%89RGIO%20REIS).

Autor: Sérgio Reis  
 Intérprete: Sérgio Reis  
 Disco: formato compacto  
 Gravadora: *Odeon*  
 Catálogo: nº 7 BD 1121

Qual a razão do nosso amor chegar ao fim  
 Se culpado sou, meu Deus, o que será de mim  
 Ao saber que já não vou ter mais  
 Teu rostinho coladinho ao meu  
 E o carinho que você me deu,  
 Nunca mais vou encontrar

Eu não posso nem pensar que sou  
 Bem capaz de um dia te perder  
 Mas se um dia isto acontecer,  
 Eu sei que vou chorar, vou sofrer por você

A música “Qual a Razão?”<sup>22</sup>, com duração de 2’50”. É um ritmo da Jovem Guarda em tempo acelerado, apesar de a letra ser romântica. O tema, que é melancólico, refere-se à perda de uma mulher amada, e a poética viaja na imaginação de como o rapaz enfrentará a vida ao perder esse amor. Os arranjos que se destacam são os da guitarra, enquanto o violão aparece como base musical, juntamente com o contrabaixo e a percussão. Observa-se que a voz do cantor Sérgio Reis é bem empostada.

### **Fim de Sonho (1966)**

Autor: Sérgio Reis  
 Intérprete: Sérgio Reis  
 Disco: formato compacto  
 Gravadora: *Odeon*  
 Catálogo: nº 7 BD 1121

É mais um sonho que chegou ao fim  
 Mais um amor que terminou  
 Eu procurando um grande amor  
 Então mas estou só quanta solidão

E agora assim sem o teu amor  
 Vivo a soluçar e a esperar  
 E esta solidão a me atormentar  
 E o meu coração sempre a chorar

---

<sup>22</sup> Qual é a Razão? – Canal YouTube Antonio Carlos Mendonça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fHvzEz2PkhU>

A música “Fim de Sonho”<sup>23</sup>, com duração de 2’45”, é uma balada, muito comum no estilo musical da Jovem Guarda e preferido por cantores românticos. A letra é romântica e nostálgica. A poética refere-se à solidão profunda que o rapaz sofre quando o seu grande amor chega ao fim. A canção já começa com *back vocal*. O instrumento predominante nos arranjos é o instrumento de sopro, o saxofone. É possível perceber a presença da guitarra, do violão, do contrabaixo e da percussão. Quanto à voz do cantor, é perceptível a boa postura vocal, a afinação e a interpretação cativante de Sérgio Reis.

### **Nuvem Branquinha (1966)**

Autor: Sérgio Reis  
Intérprete: Sérgio Reis  
Disco: formato compacto  
Gravadora: *Odeon*  
Catálogo: nº 7 BD 1121

Nunca vi céu tão lindo assim, você junto a mim  
Triste a me olhar como em sonho  
Vou no céu buscar uma linda estrela  
Para te ofertar  
E uma nuvem branquinha pra você descansar  
E amanhã quando o sol surgir e você sorrir ao amanhecer  
Sentirás que és feliz então, que o meu coração  
Não vai te esquecer  
E uma nuvem branquinha pra você descansar  
E amanhã quando o sol surgir e você sorrir ao amanhecer  
Sentirás que és feliz então que o meu coração  
Não vai te esquecer  
Até morrer

A música “Nuvem Branquinha”,<sup>24</sup> com duração de 2’51”. É uma letra romântica, na qual o rapaz é feliz ao lado de sua namorada. Na poesia, ele oferece um lugar imaginário, como se fosse um paraíso, onde sua mulher querida pudesse descansar. Observa-se que a letra não faz menção a um paraíso do sertão ou a algo relacionado com a poesia da música sertaneja. Fica claro que Sérgio Reis, para compor, não se inspirou no universo rural, por ter nascido e se criado na vida urbana. O ritmo é uma balada lenta, com o estilo da Jovem Guarda. Os *backs* vocais estão presentes, assim

---

<sup>23</sup> Fim de Sonho - Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB). Disponível em: [https://immub.org/album/bis-sergio-reis?musica=qual%20a%20razao&interprete\\_1=S%C3%89RGIO%20REIS](https://immub.org/album/bis-sergio-reis?musica=qual%20a%20razao&interprete_1=S%C3%89RGIO%20REIS).

<sup>24</sup> Nuvem Branquinha - Canal YouTube Recuerdo Los Caminos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N1if1jOuc3U>

como os arranjos de piano e guitarra, com o violão como base para os arranjos musicais, além de contrabaixo e percussão. Quanto à voz, bem colocada e melodiosa, o cantor demonstra boa interpretação, buscando sempre ser sedutor.

Figura 7 - O menino da gaita/ Eu tive medo (1972). Capa e contracapa do *long-play* – compacto, 1972



Fonte: RCA Victor, nº 101.0116

### **O menino da gaita/ Eu tive medo (1972)**

Autor: Fernando Arbex

Versão em português: Sérgio Reis

Intérprete: Sérgio Reis

Disco: formato compacto

Gravadora: RCA Victor

Catálogo: nº 101.0116

Era um rapaz

Olhos claros bem azuis

Andava só

Com uma gaita em sua mão

Ouçã sua linda canção

Olhos tristes no chão

E caminha sozinho

Ouçã lá vai ele a tocar

Notas tristes no ar

É assim que pede amor

Caminha só

Ninguém sabe de onde vem

Triste a tocar

Pela rua sem ninguém

Sente que uma lágrima vem

O seu rosto molhar

Como a chuva que cai

Ouçã lá vai ele a tocar

Notas tristes no ar

É assim que pede amor

Toca, toca só pra mim  
 Ouça sua linda canção  
 Olhos tristes no chão  
 E caminha sozinho  
 Ouça lá vai ele a tocar  
 Notas tristes no ar  
 É assim que pede amor  
 Toca, toca só pra mim

A música “O Menino da Gaita”<sup>25</sup>, com 4’13” de duração, foi lançada pela gravadora *RCA Victor* em 1972, em um disco compacto simples – nº 101.0116. Trata-se de um *rock* pop melancólico. A canção inicia-se ao som de um violão base, ou seja, sem nenhum solo, e Sérgio Reis entra cantando. Aos 1’05”, um solo de piano aparece, e distingue-se também um solo de guitarra. Contrabaixo e percussão permanecem até o final da música.

Capa: A capa e a contracapa do disco, no formato *compacto* simples, gravado no ano de 1972 para a gravadora *RCA Victor* – nº 101.0116, não apresentam diferença. Apenas algumas descrições estão presentes na contracapa. A foto é a mesma: Sérgio Reis em pose, com um olhar distante, fixado no menino, enquanto o garoto toca a gaita. Isso demonstra que ele está admirado com a habilidade que observa no menino como músico. Com cabelos longos, o figurino mostra Sérgio Reis de camisa estampada com flores, um estilo da moda da Jovem Guarda. Percebe-se na foto que, apesar de estar sentado, ele está no limite das barras da calça, mas é possível ver que o cantor usa uma calça boca de sino, também típica da Jovem Guarda. Portanto, nada nas vestimentas se aproxima das tendências do cantor sertanejo.

Contracapa: Na contracapa, a foto é a mesma da capa. Entretanto, na lateral esquerda os informes aparecem em linhas verticais, com letras minúsculas – Coordenação artística: Tony Campelo. Arranjos: Elcio Álvares. Já na parte inferior da contracapa as descrições são apresentadas em linhas horizontais, com letras maiúsculas – COORDENAÇÃO GERAL: OSMAR ZANDOMENIGUI – LAY-OUT-101.0116 – DISCO É CULTURA.

---

<sup>25</sup> *O Menino da Gaita* – Canal YouTube Osmar Zan. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dEIYZFLcehg>

Constata-se que Tony Campelo esteve sempre presente em seus trabalhos musicais. Como produtor artístico da gravadora *RCA Victor*, foi o visionário influente na migração de Sérgio Reis da Jovem Guarda para a música sertaneja.

Aos 1'50", os *backing vocals* entram. Aos 2'10", destacam-se os arranjos de gaita, que enobrecem a música, acrescentando o glamour que a letra sugere. Aos 2'30", os *backs* vocais ganham destaque, com muita robustez. É possível perceber, inclusive, a proeminência da voz de Sérgio Reis no coro, possivelmente com o intuito de valorizar a letra da música, composta pelo espanhol Fernando Arbex em 1971<sup>26</sup>, com o título *El Chico de la Armónica*. No ano seguinte, Sérgio Reis fez a versão em português e a gravou.

Não foi possível encontrar nenhuma publicação que aponte se a letra foi inspirada em fatos reais ou se é uma obra de ficção, como ocorre com a lendária música "O Menino da Porteira". O que se sabe é que a letra da canção é melancólica, e que inúmeros cantores apostaram nessa obra, que agradava ao público da Jovem Guarda, apreciador de versões de músicas estrangeiras.

#### **Eu Tive Medo (1972)**

Autor: Sérgio Reis  
Intérprete: Sérgio Reis  
Disco: formato compacto  
Gravadora: *RCA Victor*  
Catálogo: nº 101.0116

Eu tive medo, eu tive medo  
Tive medo de errar, pressenti  
Que aquela hora não pude ficar  
Eu tive que ir embora  
Sei que fui covarde pra continuar  
Eu lhe confesso, eu tive medo  
Eu tentei lhe conquistar  
Esperei chegar a hora  
E naquele instante joguei tudo fora  
Sei que fui covarde pra continuar  
Eu fui embora você vem charmosa  
Me fazer visita  
Se você me evita de uma outra forma  
Eu vou lhe conquistar  
Mas se você chega e me perdoa  
Tudo, como é que fica

---

<sup>26</sup> Discogs - Música *El Chico De La Armónica* – Discogs. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/3679185-Micky-El-Chico-De-La-Arm%C3%B3nica?srltid=AfmBOopjGshiZePgurazeNdGJQsl7L9ZXwE3tgg3Bq2q1Q3umkbXnrOZ>

Meu coração grita sem o seu amor  
 Não posso mais ficar  
 Eu lhe confesso, eu tive medo  
 Eu lhe confesso, eu tive medo  
 Agora eu sei, eu tenho medo  
 Eu tive medo, eu tive medo

A música “Eu Tive Medo”, com 2’20” de duração, é caracterizada como uma balada romântica, com influências do *rock and roll*. Na letra, Sérgio Reis admite ter sido covarde ao insistir para que a mulher amada permanecesse ao seu lado. Todavia, o relacionamento conturbado termina. Ao visitá-lo, toda charmosa, ela o assedia, deixando-o ainda mais fascinado por ela. Então, louco de paixão, ele afirma que tentará conquistá-la de alguma outra forma, pois seu coração sofre demais sem o amor dessa mulher.

Entre os instrumentos em destaque estão o saxofone, a guitarra, o violão, o contrabaixo e a percussão. Foi possível ouvir as duas músicas, “O Menino da Gaita” e “Eu Tive Medo”, por meio de canais no *YouTube*: O Menino da Gaita, canal Osmar Zan, já mencionamos em páginas anteriores, e Eu Tive Medo, canal *Brazil In Sound*<sup>27</sup>.

#### **1.4 Na Jovem Guarda, Sérgio Reis brilhou... O Coração de Papel, no papel se espalhou**

As análises elaboradas das devidas obras musicais interpretadas por Sérgio Reis, em sua trajetória na Jovem Guarda, foram extremamente valiosas para compreender o nicho ao qual o cantor se afiliava: a canção romântica da Jovem Guarda.

##### **1.4.1 É assim a canção de cultura... Coração de Papel agora na partitura**

Observa-se que Sérgio Reis foi um bom compositor, fez muitas versões musicais e também foi um dos integrantes do time da Jovem Guarda. Compôs para muitos cantores na época do *iê-iê-iê*. “Sérgio Reis era um compositor de sucesso: afinal, só sua “Coração de Papel” já havia sido gravada pelos *Silvery Boys*, pelos Fevers e por Hebe Camargo, entre outros” (Fróes, 2000, p. 147).

---

<sup>27</sup> Eu Tive Medo - Canal *YouTube* – *Brazil In Sound*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gurOYnTIOFA>

A obra Jovem Guarda – Em *Ritmo* de Aventura (Fróes, 2000) faz várias citações sobre o talento de Sérgio Reis como compositor. Uma partitura musical da década de 1960, mais precisamente de 1967, evidencia seu sucesso nessa função. Trata-se de uma partitura em formato de apostila dobrável, que também pode ser usada como cartaz, com frente e verso. Na frente, apresenta-se a foto do cantor Sérgio Reis com o grupo *The Silvery Boys*; no verso, exibe-se a partitura da música “Coração de Papel”.

Figura 8 - Capa e contracapa da partitura “Coração de Papel” - Sérgio Reis e *The Silvery Boys*



Fonte: Seresta Edições Musicais – Avenida Ipiranga, 1123 – São Paulo – Brasil.

É possível compreender o sucesso de Sérgio Reis como compositor na Jovem Guarda ao compararmos as informações descritas na capa do cartaz. Observa-se, por exemplo, o título da música em letras maiúsculas, “CORAÇÃO DE PAPEL”, na parte superior do cartaz. À frente, no canto superior direito, encontra-se o símbolo de um piano. Mais abaixo, lê-se: “Letra e música de SÉRGIO REIS”.

Na fotografia, em plano médio, preto e branco, Sérgio Reis aparece com os braços cruzados, em pose contemplativa, olhando para cima, vestindo uma jaqueta de couro. A foto do grupo *The Silvery Boys*, apresentada em plano geral, mostra os cinco integrantes da banda, que também usam blusas. Nota-se que a imagem do grupo está posicionada abaixo da foto de Sérgio Reis.

O cartaz também traz informações sobre as gravadoras responsáveis pela gravação da música “Coração de Papel”: Sérgio Reis: *Odeon*; *The Silvery Boys*: RGE. No rodapé, consta o endereço da editora responsável pela produção da partitura: SERESTA Edições Musicais – Avenida Ipiranga, 1123 – São Paulo – Brasil.

Como o cartaz foi planejado no formato de uma apostila, ao abri-lo, a letra da música “Coração de Papel” encontra-se à esquerda. No verso da partitura está impressa a partitura da música, ocupando todo o espaço. O título, novamente em letras maiúsculas, “CORAÇÃO DE PAPEL”, aparece seguido da inscrição: “Letra e música de Sérgio Reis”.

Abaixo da partitura, no canto inferior esquerdo, reaparece o endereço da Seresta Edições Musicais, agora acompanhado da data de produção do cartaz e dos respectivos direitos autorais: *Copyright* 1967 by Seresta Edições Musicais – Avenida Ipiranga, 1123 – São Paulo – Brasil. Todos os direitos reservados – *Copyright* Internacional Assegurado – Impresso no Brasil.

Diante da análise do cartaz e com base na metodologia proposta por *Christian Marcadet* (2007), é possível compreender com clareza o quanto Sérgio Reis era respeitado como compositor ao longo de sua trajetória na Jovem Guarda:

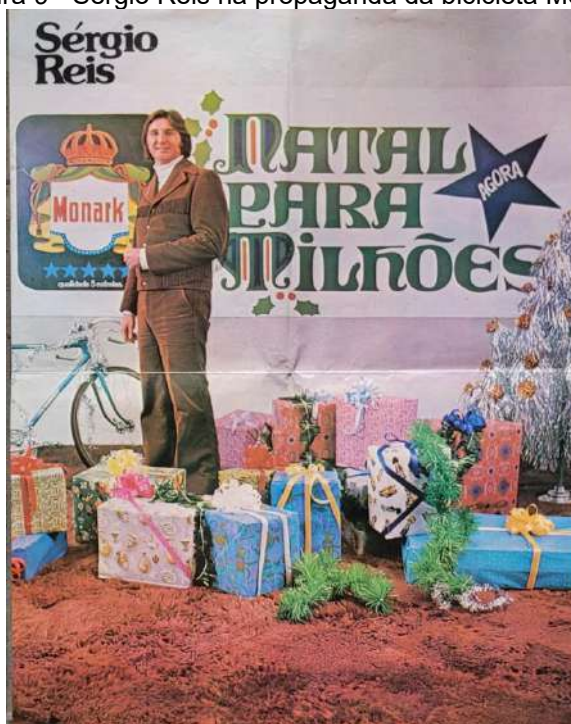
Pelo estudo detalhado do ‘cartaz’ com todos os protagonistas do espetáculo: número, tipo de ordem dos números, com as suas constantes e variações (verificamos assim a diminuição progressiva e irreversível da quantidade de números em favor das estrelas); programas concebidos segundo uma soma sequencial de números, ou tentativas de revista estruturada; concorrência e complementaridade dos números (tour de chant, número de circo, dança, orquestra, equilibrista, prestidigitação, strip-tease). Verificamos, igualmente, com precisão, o posicionamento respectivo entre estrelas e artistas coadjuvantes, de acordo com o tamanho das letras do cartaz, a presença ou a ausência da foto do artista (Marcadet, 2007, p. 121).

De acordo com Marcadet, é possível entender na exposição das fotos e legendas do cartaz que tanto a posição da foto de Sérgio Reis quanto o título da música em letras maiúsculas apontam a qualidade artística do cantor na Jovem

Guarda, ao tratá-lo como cantor e compositor. O autor nos mostra com clareza, ao se referir ao posicionamento dos elementos no cartaz, como as fotos, a ordem numérica e o tamanho das letras, que ele define o artista como uma estrela ou um coadjuvante.

Podemos, então, verificar no cartaz de 1967, um ano após o lançamento do álbum que marcou a carreira de Sérgio Reis na Jovem Guarda com a música “Coração de Papel”, o êxito que ele alcançou na carreira, que permaneceu na Jovem Guarda, mesmo com o sucesso crescente.

Figura 9 - Sérgio Reis na propaganda da bicicleta Monark



Fonte: Monark - qualidade 5 estrelas

É o que se confirma com a matéria *Coração de Boiadeiro* (Marciarj, 1990). Como já mencionamos no início, Sérgio Reis lutou pela fama a qualquer custo. Na época da Jovem Guarda ele chegou até a tentar a carreira de modelo.

Com figurino típico de modelo, cabelo longo, à moda da Jovem Guarda, camiseta branca com gola cacharrel e terno marrom, é muito provável que a produção tenha planejado seus trajes para combinar com o tom marrom do piso (que aparenta ser um tapete). Sérgio Reis aparece em uma pose de plano geral, com o braço esquerdo dobrado, exibindo charme, e sorri para transmitir ao público a confiança de que qualquer um poderia ser o próximo sorteado naquele Natal.

Observa-se que o cantor está em um degrau mais alto, cercado por muitas caixas de presentes. À direita do cartaz, vê-se uma árvore de Natal. Entre Sérgio Reis e a árvore, para obter destaque, está escrito com letras góticas: "Natal para Milhões".

À frente, uma estrela, provavelmente simbolizando a Estrela de Davi, e, no centro da estrela, a palavra "AGORA", em letras maiúsculas.

Todavia, Sérgio Reis aparece ao lado de uma bicicleta da marca Monark, certamente a patrocinadora da publicidade. Obviamente, não poderia faltar no cartaz a imagem de uma coroa, símbolo de realeza. Afinal, o modelo que protagoniza a propaganda é Reis. No rodapé da coroa, veem-se imagens de cinco estrelas, acompanhadas da frase: "quantidade 5 estrelas".

A propósito da promoção da bicicleta Monark, em pleno período das festividades natalinas, a equipe de marketing do cantor Sérgio Reis projetou sua imagem em material publicitário. Conforme elucida Paul Zumthor em sua obra *Performance, Recepção, Leitura* (2007), a comunicação corporal desempenha papel fundamental nos processos de significação e interação:

A posição de seu corpo no ato da leitura é determinada, em grande medida, pela pesquisa de uma capacidade máxima de percepção. Você pode ler não importa o quê, em que posição, e os ritmos sanguíneos são afetados. É verdade que mal conceberíamos que, lendo em seu quarto, você se ponha a dançar, e, no entanto, a dança é o resultado da audição poética! A diferença, porém, aqui é apenas de grau. Tal é, sem dúvida, a razão pela qual os editores literários tomam geralmente a preocupação de imprimir na capa de seus produtos o gênero ao qual eles pertencem: de modo a permitir ao cliente preparar-se para o modo particular de leitura que ele requer! (Zumthor, 2007, p. 36).

O autor nos leva a distinguir a performance de Sérgio Reis no cartaz, colocada em uma posição de percepção absoluta. Segundo Zumthor, a preocupação do editor responsável, ou seja, o criador da determinada publicidade, é que, na capa do produto, seja qual for o gênero, a imagem performática e as letras permitam a recepção que o cliente necessita.

Desse modo, podemos compreender que o modelo Sérgio Reis, em tempos de seu apogeu na Jovem Guarda, só fazia sentido com essa performance e figurino, já que seu público era composto pela sociedade urbana. Nos próximos capítulos, quando o artilheiro da busca pelo sucesso muda de "time" e passa a marcar gols no campo sertanejo, conquistando um público da roça, veremos suas poses nos cartazes: chapéu bem ajustado na cabeça, lenço no pescoço e botas.

### 1.5 Na Jovem Guarda, como ator, mostrou o seu talento: o Serjão na fotonovela *Amanhecer Cinzento*

Em 1966, Sérgio Reis alcançou reconhecimento no cenário da Jovem Guarda com o sucesso da canção “Coração de Papel”. Tal visibilidade evidencia um fenômeno recorrente na trajetória de artistas que, ao atingirem notoriedade, passam a ser incorporados como produtos culturais no âmbito da indústria cultural. Essa inserção se manifesta em diferentes esferas, como a fonográfica, a radiofônica, a televisiva e, contemporaneamente, nas plataformas digitais e redes sociais.

Nesse contexto, compreende-se que a consagração de Sérgio Reis como galã da Jovem Guarda — impulsionada pelo êxito de “Coração de Papel” — contribuiu para a ampliação de sua presença midiática. Como desdobramento desse processo, no ano seguinte, 1967, o artista foi convidado a participar da fotonovela *Amanhecer Cinzento*, evidenciando a circulação de sua imagem em múltiplos formatos e suportes culturais.

Sérgio Reis, carinhosamente chamado de “Sérjão”, apelido que ele próprio costuma reafirmar, em razão de sua estatura elevada, explorou o campo da atuação em fotonovelas durante o período da Jovem Guarda. Tal iniciativa evidencia seu interesse pela arte da interpretação, conforme se comprova por sua participação em uma fotonovela no início da carreira.

Embora não tenha sido possível localizar a revista original em sebos de livros e periódicos, foi possível encontrar registros da obra em um *blog* intitulado *Revista Melodias*. Nesse espaço, Sérgio Reis aparece na contracapa e nas duas primeiras páginas da fotonovela *Amanhecer Cinzento*, da qual foi protagonista em 1967. Na capa da revista, destaca-se a figura de *Ted Boy Marino*, o galã do ringue, italiano que construiu uma carreira bem-sucedida no Brasil durante as décadas de 1960 e 1970. Além de se sobressair como atleta no campo do pugilismo, Marino também atuou em diversos filmes do grupo Os Trapalhães<sup>28</sup>, nos quais desempenhou papéis de galã e humorista<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> Reportagem de O Globo ressalta o sucesso de *Ted Boy Marino* também na carreira artística, destacando sua atuação como ator na TV Globo e sua participação no elenco de Os Trapalhães (O GLOBO, 2017). O GLOBO. Acervo G1. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/com-golpes-charme-ted-boy-marino-tornou-se-astro-da-luta-no-telecatch-21851016>.

<sup>29</sup> É o que evidencia uma reportagem publicada pela Folha de S. Paulo escrita por Ivan Finotti, em 14 de novembro de 1999: “Quando a luta livre foi para a Globo, Marino estourou. Podia ser visto em nada menos que quatro programas da emissora: lutava no ‘Telecatch’ aos sábados e domingos, recebia

As imagens da revista encontram-se em baixa qualidade; contudo, constituem o único registro disponível que evidencia a participação de Sérgio Reis em uma fotonovela, no contexto de sua trajetória artística durante o movimento da Jovem Guarda. A referida publicação foi divulgada em um *blog* no dia 13 de outubro de 2012.<sup>30</sup>

Figura 10 - Contracapa



Fonte: Blog Revista Melodias, nº 120, ano 1967 – Fotonovela Amanhecer Cinzento

cantores e números circenses no 'Oh! Que Delícia de Show' às terças, apresentava desenhos animados do Pica-Pau e Tom & Jerry de segunda a sexta e ainda estrelava uma novelinha chamada 'Orion 4 x Ted Boy Marino' (Finotti, 1999). *Folha de S.Paulo* – Por Ivan Finotti. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv1411199908.htm>.

<sup>30</sup> REVISTA MELODIAS. *Fotonovela: Amanhecer cinzento*. Revista nº 120, 1967.

Ficha técnica: Personagens: Roberto (Sérgio Reis); Gilda (Ivanise Senna); Nivaldo (*Sylvain Benaim*); Altair (Milton Vicentini); Cláudio (Paulo Garcia Filho); Sílvia (Ana Paola); Técnicos: Original O. Baraldi; Direção: G. Baraldi; Produção: Armando A. Lopes; Fotografia: Baldi; Legendas: Marinho; Montagem: Mário S. Cafiero; Postado por: revistasantigas.

Disponível em: <https://revistamelodias.blogspot.com/search/label/S%C3%89RGIO%20REIS>.

Este primeiro capítulo desta tese analisa a trajetória de Sérgio Reis durante sua participação na Jovem Guarda, período que representa sua busca pelo sucesso, marcada pela disposição em se arriscar de diversas formas para alcançar reconhecimento. Nesse contexto, torna-se relevante destacar sua incursão na carreira de ator, tema que será aprofundado nos capítulos seguintes, por meio da análise de suas participações em filmes e telenovelas.

Na fase final dessa atuação artística, observa-se uma transição para papéis representativos do homem do campo, ou seja, personagens associados ao universo da música sertaneja, gênero para o qual o cantor migrou em sua contínua busca por projeção e êxito profissional. Em contraste, na fotonovela *Amanhecer Cinzento*, o personagem interpretado por Sérgio Reis retrata um jovem de perfil urbano, em consonância com a realidade vivida pelo artista no início de sua carreira.

Conforme já mencionado, a imagem da revista não se encontra em alta resolução e apresentou uma perda adicional de qualidade após o download, comprometendo sua nitidez. Dessa forma, não é possível ler os “balões de fala” – elementos gráficos, geralmente em forma de balões, que partem da boca dos personagens e contêm o texto falado ou pensado. Considerando que a imagem disponível no blog está mais legível, apresento, a seguir, um resumo das duas páginas, com base no diálogo entre os personagens: De acordo com Maria Angélica Bouzada<sup>31</sup>, as fotonovelas fizeram sucesso no Brasil a partir das décadas de 1960 e 1970, influenciadas pelo cinema norte-americano: “As fotonovelas foram um fenômeno de vendas no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. Narrativas ilustradas em forma de quadrinhos” (Bouzada, 2024). Nesse contexto, se Sérgio Reis buscava incessantemente o reconhecimento artístico, atuar em uma fotonovela, no ano de 1967, representava um marco significativo em sua trajetória no movimento da Jovem Guarda.

### *1.5.1 Análise da contracapa*

---

<sup>31</sup> *Blog* - Brasil Digital – Dossiê de Publicações Seriadas: História, Memória e Documentos. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/coordenacao-de-publicacoes-seriadas/mostras/as-fotonovelas-no-acervo-da-fbn/>.

Na contracapa da revista MELODIAS, cujo subtítulo, em letras maiúsculas, “A REVISTA DA MOCIDADE”, relacionado a um público jovem, aparece no canto superior esquerdo, observa-se a identidade gráfica característica da publicação. O título da revista, “MELODIAS”, também em letras maiúsculas e com tamanho superior ao subtítulo, ocupa posição de destaque na parte superior, estendendo-se em direção ao lado direito da contracapa.

No campo inferior esquerdo da imagem, sobreposta ao paletó do protagonista masculino, encontra-se a legenda “FOTONOVELA COM SÉRGIO REIS”, com ênfase tipográfica no nome do cantor, que aparece em negrito, reforçando sua centralidade no material apresentado.

A imagem principal apresenta Sérgio Reis, interpretando o personagem Roberto, em primeiro plano. O cantor aparece com expressão sorridente, olhando levemente para o alto, denotando felicidade ao lado da personagem feminina. Seu vestuário é composto por paletó marrom, gravata marrom e camisa branca, com o cabelo penteado de lado, em conformidade com os padrões estéticos masculinos da década de 1960.

A seu lado está a atriz Ivanise Senna, no papel de Gilda, que surge com as mãos sobrepostas no ombro direito de Sérgio Reis (Roberto). Seu sorriso e postura corporal sugerem uma expressão de afeto e admiração pelo personagem masculino. Embora seu figurino seja parcialmente encoberto, é possível identificar que veste uma blusa branca com um detalhe preto à altura do pescoço, possivelmente um lenço, acessório comumente utilizado por mulheres da época em ocasiões sociais, como forma de demonstrar elegância. Seu cabelo está cuidadosamente penteado, seguindo os padrões de beleza e estilo feminino da década de 1960. Vale observar algumas passagens, como na figura 10 (p.54): observa-se uma imagem do cantor Sérgio Reis em uma simulação de trailer, enquadrado em plano americano. Embora a imagem seja em preto e branco, é perceptível que o traje utilizado consiste em um terno escuro, gravata preta e camisa de tonalidade clara. Em sua mão direita, o artista segura um chapéu modelo *Fedora* da marca *Pralana Classic*, de cor preta com fita branca. No pulso direito, ele utiliza um relógio com pulseira metálica. Sua expressão facial é séria e seu olhar direciona-se para cima, sugerindo, possivelmente, a iminência de um acontecimento trágico.

Ainda na mesma página, no canto inferior esquerdo, observa-se a imagem de um homem em plano geral, posicionado diante de um automóvel esportivo da marca *Karmann-Ghia*.

Durante a década de 1960, o uso de chapéu e terno era amplamente difundido entre os homens e associado à elegância. Tal vestimenta era comum tanto em contextos sociais formais quanto profissionais, sendo frequentemente retratada em produções cinematográficas de *Hollywood* da época.

O figurino do personagem Sérgio Reis na fotonovela *Amanhecer Cinzento* foi influenciado pela estética dos filmes *hollywoodianos* da década de 1960. Essa influência é confirmada por Edvaldo de Souza, em sua dissertação de mestrado: “Desta forma, o conjunto de fotografias da fotonovela molda-se numa unidade, num mecanismo que opera exclusivamente para a narrativa” (Souza, 2015, p. 70).

É perceptível que, durante sua atuação no contexto da Jovem Guarda, Sérgio Reis incorporou o uso do chapéu de estilo norte-americano, como evidenciado na fotonovela, como recurso simbólico na elaboração de sua identidade artística. Nesse sentido, tal estratégia pode ser compreendida como parte de um processo orientado à obtenção de reconhecimento midiático, uma vez que dialogava diretamente com os referenciais estéticos valorizados pelo público urbano, especialmente aquele que demonstrava apreço pelos filmes *hollywoodianos*. Nos capítulos subsequentes, verifica-se uma transição na construção imagética do cantor, que passa a adotar um chapéu associado à figura do homem do campo, em consonância com seu processo de inserção e consolidação no campo da música sertaneja. Tal inflexão estética articula-se, de modo consistente, com sua atuação nos filmes de gênero drama rural, inaugurada a partir de seu primeiro filme, *O Menino da Porteira*.

## **1.6 Quando se fala em Jovem Guarda e sertanejo, fala-se em cultura. Já na biografia, Sérgio Reis não fala em ditadura**

Quando se fala no período da Jovem Guarda, é possível associá-lo a décadas marcadas por intensas dificuldades vividas pela sociedade brasileira, especialmente no contexto da Ditadura Militar. O artista, quando atinge o auge do sucesso, adquire certo poder simbólico e midiático. Além de ser constantemente requisitado para campanhas publicitárias, como é o caso do pôster de Sérgio Reis, ele passa a ser

amplamente reconhecido e legitimado socialmente, sobretudo por seu *status* de ídolo popular.

Esse prestígio pode, em parte, explicar a declaração de Sérgio Reis ao afirmar que a ditadura não o afetou. Pelo contrário, segundo suas próprias palavras, ele afirmou ter apreciado o regime. Em entrevista concedida ao programa Direto ao Ponto, da *Jovem Pan News*, publicada no canal do *YouTube* em 11 de julho de 2022, aos 51'33", ele declara:<sup>32</sup>

Presta atenção. Em 64 eu era um cantor que andava pela rua, nunca ninguém me pegou, nunca ninguém me bateu, porque eu não entro em política. Eu não era comunista, eu não era nada. Eu era brasileiro, como sou até hoje. Alguns foram mortos, por quê? Queriam instituir comunismo aqui. Naquela época o militarismo não queria comunismo aqui. Como nós não queremos até hoje (Sérgio Reis, 2022).

O cantor Sérgio Reis afirma que o regime militar instaurado no Brasil entre 1964 e 1985 não exerceu impacto significativo sobre sua trajetória artística, uma vez que nunca esteve diretamente envolvido com questões políticas. No entanto, ele não foi o único representante da Jovem Guarda a demonstrar apoio explícito ou implícito ao regime ditatorial. Outro exemplo notório é o cantor Roberto Carlos, consagrado como o "rei" da música popular brasileira, que também manteve relações cordiais com o Exército durante aquele período. Esses vínculos entre artistas e o regime revelam uma faceta menos debatida da história cultural brasileira, em que manifestações artísticas coexistiam com um cenário marcado pela censura e pela repressão política.

Sérgio Reis, na Jovem Guarda, ficou conhecido principalmente com as músicas "Coração de Papel", de sua autoria, e "O Menino da Gaita", de autoria do espanhol Fernando Arbex (em versão adaptada por ele). De acordo com Eduardo Vicente (2014), as gravadoras estrangeiras instaladas no Brasil, como a *RCA Victor*, à qual o cantor Sérgio Reis era vinculado, no início da década de 1970, ao perceberem a queda nas vendas de discos em comparação aos artistas da Jovem Guarda, buscaram se reinventar, adotando estratégias semelhantes às utilizadas pelas gravadoras nacionais:

Nesses termos, quando as gravadoras estrangeiras estão delimitando o campo de atuação das nacionais aos 'populares', evidentemente não consideram nessa equação nomes como o de Roberto Carlos e outros artistas consagrados da Jovem Guarda, mas sim aqueles não

---

<sup>32</sup> Canal *YouTube* Jovem Pan News – Direto ao Ponto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XYpyYmOztno>

inseridos no mercado consumidor dos grandes centros urbanos e das regiões mais desenvolvidas (Vicente, 2014, p. 81).

A obra de Eduardo Vicente, que investiga a indústria fonográfica no Brasil, evidencia que os cantores da Jovem Guarda que não se destacavam no mercado consumidor, ou seja, que não representavam rentabilidade para as gravadoras, eram gradualmente excluídos do cenário musical. Já foi mencionada, em página anterior, uma entrevista concedida por Sérgio Reis ao jornal *Folha de S.Paulo*, em 1981, conduzida por Miguel de Almeida, na qual o artista relata ter passado quatro anos sem alcançar sucesso comercial e que, diante desse cenário, decidiu se arriscar no gênero sertanejo. Provavelmente, no mercado fonográfico da música sertaneja, “O Menino da Porteira” apresentou vendas ainda mais expressivas. Essa foi a razão pela qual o fenomenal “jogador” aproveitou o ensejo, abandonou o “time” da Jovem Guarda e foi atuar no “campo” sertanejo.

## **CAPÍTULO II -**

### **PORTEIRA ENCANTADA A QUE SÉRGIO REIS TEVE ACESSO: DA CIDADE AO SERTÃO, ELE BUSCOU O SUCESSO**

Neste capítulo trataremos de “Sérgio Reis com chapéu na cabeça” – ou seja, quando se dá a “transformação”, a mudança na sua trajetória artística; que, como observaremos, não se deu apenas no campo musical, mas também no figurino, na performance, na necessária adaptação à cultura musical do homem do sertão que faz uso não apenas do chapéu, mas também do lenço no pescoço, cinto largo com fivela, camisa xadrez, botas. Abordamos as peripécias pelas quais Sérgio Reis enfrenta ao deixar a Jovem Guarda para se lançar no universo da música sertaneja. Complementarmente, para compreendermos essa mudança de trajetória, analisaremos o conteúdo das declarações do artista em entrevistas.

A “porteira encantada” referente ao título deste capítulo se refere à música “O Menino da Porteira”, gravada no ano de 1973, compondo o lado B do disco “O menino da gaita”. É aqui que se dá a migração da Jovem Guarda para o gênero sertanejo. O enredo se dá sobre tema fictício, produto da imaginação do compositor Teddy Vieira.

Mas esperava o jovem da Jovem Guarda abrir a tal porteira e adentrar pelo sertão buscando o sucesso. Analisaremos sua performance, uma vez que está diretamente relacionada ao sucesso conquistado no mercado fonográfico e em seus shows.

Como já foi mencionado anteriormente, serão analisadas as músicas a partir da letra, ritmo e arranjos. E as capas e contracapas dos discos serão analisadas a partir das imagens fotográficas, ou seja, poses que o cantor engendrou na produção da capa, e ou contracapa de cada álbum.

#### **2.1 Álbum: O Menino da Gaita (1973)**

Figura 11 - Capa e contracapa do primeiro long-play sertanejo (1973)



Fonte: RCA Victor, nº 103.0074

### 2.1.1 Informações visuais

Na capa o cantor aparece fotografado em um plano médio, vestindo uma camisa de listras amarelas e brancas sobre um fundo marrom. Ostenta cabelos longos, característicos da estética juvenil da época da Jovem Guarda e, no pulso esquerdo, exibe um relógio. Na contracapa: Sérgio Reis aparece fotografado, de corpo inteiro. Ele exibe cabelos longos, conforme a moda vigente nos tempos da Jovem Guarda. Veste uma camisa de mangas curtas, estampada com flores nas cores amarela, preta e marrom, além de uma calça branca no estilo boca-de-sino, também característica daquele período. Os calçados não são visíveis, pois o cantor está sentado sob uma árvore, com os pés encobertos pelo capim.

Na análise da capa do disco constata-se um elemento bastante evidente: Sérgio Reis aposta na canção “O Menino da Gaita”, seu sucesso no ano anterior. Provavelmente em consonância com a produção artística da gravadora *RCA Victor*, essa música acabou dando nome ao álbum. Mais do que um simples título, a capa traz, acima da legenda “O Menino da Gaita”, a palavra “Incluindo”, sugerindo uma estratégia clara de atrair o público que o acompanhava desde o movimento da Jovem Guarda, ao qual esteve vinculado por 12 anos.

O *long-play*, de catálogo nº 103.0074, foi gravado no ano de 1973 pela *RCA Victor* e contém 12 faixas musicais. A canção “O Menino da Porteira” ocupa a primeira faixa do lado B. Composta em 1955 por Teddy Vieira e Luís Raimundo, a música já

havia sido gravada anteriormente por duplas sertanejas como Luizinho e Limeira, e no ano seguinte, foi regravada pela dupla Tonico e Tinoco.

Mas era o momento da gravadora *RCA Victor* investir no cantor Sérgio Reis, com a música lendária “O Menino da Porteira”. Conforme relata Murilo Carvalho, autor do livro biográfico sobre Sérgio Reis, intitulado *Uma vida, um talento*:

Era o momento, então, de dar um salto definitivo: gravar um LP. A *Victor*, apesar de ainda não acreditar muito na nova face sertaneja de Sérgio Reis, acabou lançando um disco em que o repertório mesclava O Menino da Porteira com músicas de caráter ainda urbano, sendo muitas composições do próprio Sérgio Reis (Carvalho, 2018, p. 72).

A princípio, a gravadora ainda demonstrava certo ceticismo em relação à transição do artista para o estilo sertanejo. É evidente que a adaptação de um cantor como Sérgio Reis nascido na capital paulista e cuja infância e juventude se desenvolveram em um contexto urbano, à cultura do homem do campo, não se configura como um processo simples. Inicialmente inserido no universo musical da Jovem Guarda, movimento fortemente enraizado na sociedade urbana, sua transição para o gênero musical característico do sertão brasileiro representa um deslocamento cultural significativo.

A postura de Sérgio Reis sugere que, naquele momento, ele ainda não havia assumido plenamente a identidade musical sertaneja. Sua aparência indica, na verdade, uma fase de experimentação, em que buscava verificar se a música sertaneja seria o caminho mais promissor para sua carreira. Poderíamos supor que a produção da gravadora, ao utilizar a imagem do cantor sob uma árvore, adotou uma estratégia simbólica que remete aos seus primeiros passos pelas veredas na busca por ressignificá-lo no universo musical vinculado à cultura sertaneja. Apesar de estar em contato com a natureza, nota-se, por meio das vestimentas, do penteado e, principalmente, pela ausência do chapéu, acessório tradicionalmente associado ao homem do campo, que ele ainda não incorporava integralmente a vestimenta típica dos intérpretes da música sertaneja daquela época.

A canção “O Menino da Gaita”, que intitula o álbum homônimo lançado em 1972, apresenta todas as características marcantes do estilo Jovem Guarda. A canção “O Menino da Porteira” representa esse momento de transição na trajetória artística de Sérgio Reis.

### O Menino da Porteira (1973)

Autores: Teddy Vieira/ Luizinho

Interpretação: Sérgio Reis

Disco: formato *long-play*

Gravadora: *RCA Victor*

Catálogo: nº 103.0074

Toda vez que eu viajava pela estrada de Ouro Fino  
De longe eu avistava a figura de um menino  
Que corria abrir a porteira e depois vinha me pedindo  
Toque o berrante, seu moço, que é pra eu ficar ouvindo  
Quando a boiada passava e a poeira ia baixando  
Eu jogava uma moeda e ele saía pulando  
Obrigado, boiadeiro, que Deus vá lhe acompanhando  
Pra aquele sertão afora meu berrante ia tocando

No caminho desta vida muito espinho eu encontrei  
Mas nenhum calou mais fundo do que isto que eu passei  
Na minha viagem de volta qualquer coisa eu cisme  
Vendo a porteira fechada, o menino não avistei  
Apeei do meu cavalo num ranchinho beira-chão  
Vi uma mulher chorando, quis saber qual a razão  
Boiadeiro veio tarde, veja a cruz no estradão  
Quem matou o meu filhinho foi um boi sem coração

Lá pras bandas de Ouro Fino levando gado selvagem  
Quando passo na porteira até vejo a sua imagem  
O seu rangido tão triste mais parece uma mensagem  
Daquele rosto trigueiro desejando-me boa viagem  
A cruzinha do estradão do pensamento não sai  
Eu já fiz um juramento que não esqueço jamais  
Nem que o meu gado estoure, que eu precise ir atrás  
Neste pedaço de chão berrante eu não toco mais

A canção “O Menino da Porteira” constitui um exemplo emblemático do repertório da música sertaneja brasileira. A gravação analisada encontra-se disponível na plataforma *YouTube*, no canal de George C. Cassemiro, em vídeo com duração de 3’11”<sup>33</sup>. Classificada dentro do gênero sertanejo, especificamente no ritmo cururu, a obra apresenta uma estrutura musical marcada por elementos característicos da música rural. A introdução é conduzida por um órgão, eletrônico, que também reaparece no início de cada uma das três estrofes. O arranjo inclui violão base, além de um *back vocal* perceptível ao final da introdução, o qual contribui para a densidade

---

<sup>33</sup> É possível escutar a canção na plataforma *YouTube* de George C. Cassemiro. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=47faael\\_EbQ](https://www.youtube.com/watch?v=47faael_EbQ)

harmônica. O órgão continua presente ao longo da canção, realizando contracanto melódico, enquanto o contrabaixo e a percussão estabelecem a base rítmica, sustentando o compasso típico do gênero.

É de fundamental importância a análise da primeira gravação da canção “O Menino da Porteira”, realizada pela dupla Luizinho e Limeira, no ano de 1955<sup>34</sup>. Tal relevância se justifica pelo fato de Luizinho, um dos compositores da obra, integrar a referida dupla juntamente com seu irmão Limeira, ambos representantes do chamado sertanejo de raiz. Essa vertente contrasta significativamente com a trajetória artística de Sérgio Reis, que, oriundo de uma cultura musical urbana, se aventurou no gênero sertanejo, até então alheio à sua experiência, com o intuito de alcançar maior reconhecimento e êxito comercial. Conforme registros do Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB), a gravação foi realizada para o selo *RCA Victor*, em disco no formato de 78 rpm, catálogo 80-1436-a.

#### **O Menino da Porteira (1955)**

Autores: Teddy Vieira/ Luizinho  
 Interpretação: Luizinho e Limeira  
 Disco: formato 78 RPM  
 Gravadora: *RCA Victor*  
 Catálogo: nº 80-1436-a

Toda vez que eu viajava pela estrada de Ouro Fino  
 De longe eu avistava a figura de um minino  
 Que corria a abrir a portera depois vinha me pidindo  
 Toque o berrante seu moço que é pra mim fica ouvindo  
 Quando a boiada passava e a poeira ia abaixando  
 Eu jogava uma moeda e ele saía pulando  
 Obrigado boiadeiro que Deus vá lhe acompanhando  
 Por aquele sertão afora meu berrante ia tocando

No caminho desta vida muito ispinho eu encontrei  
 Mais nenhum calou mais fundo do que isto que eu passei  
 Na minha viagem de volta qualquer coisa eu cismeie  
 Vendo a portera fechada o minino não avistei  
 Eu apeei do meu cavalo num ranchinho beira-chão  
 Vi uma muier chorando quis saber qual a razão  
 Boiadero veio tarde veja a cruz no estradão  
 Quem matou o meu filhinho foi um boi sem coração

Lá pras bandas de Ouro Fino levando gado servage  
 Quando eu passo na porteira até vejo a sua image  
 O seu rangido tão triste mais parece uma mensage  
 Daquele rosto trigueiro desejando-me boa viagem

---

<sup>34</sup> É possível escutar a canção no Canal *YouTube* Gudas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6cBCn-KNUEU>.

A cruzinha do estradão do pensamento não sai  
 Eu já fiz um juramento que não esqueço jamais  
 Nem que o meu gado estoure que eu precise ir atrás  
 Neste pedaço de chão berrante eu não toco mai

A letra original da música apresenta diversas incorreções linguísticas, refletindo variações populares e regionais da língua portuguesa, como: “minino”, “portera”, “pidindo”, “ispinho”, “incontrei”, “viage”, “vorta”, “quarquer”, “muier”, “boiadero”, “cruiz”, “servage”, “image”, “mensaje” e “cruzinha”.

Quanto ao acompanhamento instrumental, este se restringe à viola e ao violão, sendo a introdução marcada pelo som do berrante, seguido por um arranjo de viola com o suporte do violão. O toque do berrante reaparece no arranjo como elemento de transição para a segunda estrofe. Desde sua primeira versão registrada, a música mantém-se estruturada em três estrofes.

### **O Menino da Porteira (1973)**

Autores: Teddy Vieira/ Luizinho  
 Interpretação: Tonico e Tinoco  
 Disco: formato *long-play*  
 Gravadora: Continental  
 Catálogo: nº CLP 9181

Toda vei que eu viajava pela estrada de Ouro Fino  
 De longe eu avistava a figura de um minino  
 Que corria abri a portera depoi vinha me pidindo  
 Toque o berrante seu moço que é pra mim ficá ouvindo  
 Quando a boiada passava que a portera ia fechando  
 Eu jogava uma mueda ele saia pulando  
 Obrigado boiadero que Deus vai lhe acumpanhando  
 Pra aquele sertão afora meu berrante ia tocando

No caminho desta vida muito ispinho incontrei  
 Mai nenhum calou mai fundo do que isso que eu passei  
 Na minha viage de volta quarqué coisa eu cisme  
 Vendo a portera fechada e o minino não avistei  
 Apiei do meu cavalo num ranchinho bera chão  
 Vi uma muié chorando quis sabê qualé a razão  
 Boiadero veio tarde veja a cruz no istradão  
 Quem matou o meu fiinho foi um boi sem coração

Lá pra banda de Ouro Fino levando gado servage  
 Quando eu passo na portera até vejo a sua image  
 O seu rangido tão triste mai parece uma mensaje  
 Daquele rosto trigueiro desejando-me boa viage  
 A cruzinha do istradão do pensamento não sai  
 Eu já fiz um juramento que eu não esqueço jamai  
 Nem que o meu gado istore que eu preciso ir atrain  
 Nesse pedaço de chão berrante eu não toco mai

Esta mesma canção foi regravada pela dupla Tonico e , uma das mais emblemáticas duplas da música sertaneja tradicional, representantes autênticos da estética e dos valores culturais originários do sertão, também no ano de 1973<sup>35</sup>, em um disco comemorativo pelos 31 anos de carreira dos artistas,

A música “O Menino da Porteira” interpretada pela dupla Tonico e Tinoco é lançada no mesmo ano em que o cantor da Jovem Guarda, Sérgio Reis, também registrou sua versão da música; uma possível tentativa de se inserir no universo da cultura musical rural brasileira, buscando, assim, uma maior identificação com o imaginário do homem do campo.

A versão original apresenta diversas ocorrências de desvios linguísticos em relação à norma-padrão da língua portuguesa, refletindo, contudo, variações populares e regionais características do português falado no interior do país. São exemplos dessas formas linguísticas: “veí”, “minino”, “portera”, “depoi”, “pidindo”, “ficá”, “mueda”, “boiadero”, “acumpanhando”, “ispinho”, “incontrei”, “viage”, “quarquê”, “apiei”, “bera”, “muié”, “sabê”, “qualé”, “istradão”, “fiinho”, “servage”, “image”, “mensagem”, “viage”, “jamai” e “istore”. Observa-se, ainda, que, na versão interpretada por Tonico e Tinoco houve a substituição do verso “a poeira ia abaixando” por “a portera ia fechando”, especificamente na primeira estrofe, no quinto verso.

No que diz respeito ao acompanhamento instrumental, este é composto predominantemente por viola e violão. A introdução da música é marcada pela presença de órgão, seguida por uma harmonia executada por instrumento de sopro, aparentemente uma flauta *zampoña*. Destaca-se ainda a acentuada marcação rítmica proporcionada pelo contrabaixo, conferindo estrutura e cadência à execução musical.

Observa-se que, no uso de expressões linguísticas consideradas inadequadas à norma culta, tanto Luizinho e Limeira quanto Tonico e Tinoco preservam elementos característicos de suas origens, refletindo a sociabilidade própria da cultura sertaneja. No que se refere aos instrumentos musicais utilizados nos acompanhamentos,

---

<sup>35</sup> Segundo informações do Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB), a primeira gravação realizada por Tonico e Tinoco foi lançada pelo selo Caboclo/Continental, em formato *long-play*, sob o catálogo CLP 9181. O Menino da Porteira – intérpretes: Tonico e Tinoco, 1973. Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB).

Disponível em:

[https://immub.org/busca\\_avancada?album=&musica=O+MENINO+DA+PORTEIRA&interprete\\_1=tonico+e+tinoco+&compositor\\_1=&interprete\\_2=&compositor\\_2=&gravadora=&ano=&tipo\\_midia=&busca\\_0\\_a\\_9=&busca\\_letra](https://immub.org/busca_avancada?album=&musica=O+MENINO+DA+PORTEIRA&interprete_1=tonico+e+tinoco+&compositor_1=&interprete_2=&compositor_2=&gravadora=&ano=&tipo_midia=&busca_0_a_9=&busca_letra)

evidencia-se o apego às tradições do homem do campo, reafirmando sua identidade cultural:

Tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio ecológico e social, o caipira se apegou a elas como sua própria razão de ser, enquanto tipo de cultura e sociabilidade. Daí o atraso que feriu a atenção de *Saint-Hilaire* e criou tantos estereótipos, fixados sinteticamente de maneira injusta, brilhante e caricatural, já no século XX, no Jeca Tatu de Monteiro Lobato (Candido, 2010, p. 96).

Segundo Antonio Candido, em sua obra *Os Parceiros do Rio Bonito*, a figura do caipira era comumente representada por uma perspectiva preconceituosa, como um indivíduo marcado pelo atraso sociocultural. Esse estereótipo é reforçado na obra *Urupês*, de Monteiro Lobato, na qual o autor constrói uma imagem depreciativa do homem do sertão. Tal representação pode ser observada na caracterização do personagem Jeca Tatu<sup>36</sup>: “O caboclo é uma quantidade negativa. Jeca Tatú ou outros sons ignorados, de dolorosa memória à natureza circunvizinha” (Lobato, 1944, p. 28), evidenciando uma visão pejorativa e reducionista do habitante rural. Os habitantes do campo eram alvos de preconceitos por parte da elite urbana, que os marginalizava linguística e socialmente, atribuindo-lhes traços de ignorância e atraso:

Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar a professora a ‘corrigir’ quem fala muleque, bêjo, minino, bisôro, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e inevitável na vida das línguas. Essa supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo! (Bagno, 2016, p. 79).

Diante do preconceito linguístico relacionado à pronúncia das palavras, observa-se que a interpretação da canção “O Menino da Porteira” pelas duplas sertanejas Luizinho e Limeira e Tonico e Tinoco não foi bem recebida pelo cantor Sérgio Reis, um ídolo voltado para o público urbano.

Nesse contexto, é muito provável que a utilização de formas linguísticas consideradas “incorretas” ou desviantes da norma culta era vista como inadequada para a imagem que o cantor projetava. Além disso, a gravadora *RCA Victor*, atenta às dinâmicas do mercado fonográfico, percebeu que uma abordagem linguística mais alinhada à norma padrão atenderia melhor aos interesses comerciais, favorecendo a ampliação do público consumidor e, conseqüentemente, a obtenção de maior lucro. Tal suposição é corroborada por uma entrevista em que Sérgio Reis revela detalhes

---

<sup>36</sup> A respeito dessa imagem de Monteiro Lobato, vale rever os estudos de Marisa Lajolo.

que evidenciam as estratégias articuladas por seu produtor artístico, em conjunto com o próprio cantor, na elaboração do álbum que marca sua transição definitiva do movimento da Jovem Guarda para o gênero da música sertaneja.

Nesse processo, o artista passa a incorporar de forma plena as performances simbólicas associadas à cultura sertaneja, a partir da adoção de elementos icônicos como o chapéu, representativo da figura do homem do sertão. De acordo com Paul Zumthor, em *Performance, Recepção, Leitura*, a performance deve ser compreendida como um fenômeno que articula corpo, voz e contexto sociocultural, no qual os signos adquirem sentido na interação entre emissor e receptor: “O corpo permanece estranho à minha consciência de viver. É o ambiente em que me desenvolvo. Os fatos corporais não são jamais dados plenamente nem como um sentimento, nem como uma lembrança; no entanto, não temos senão o nosso corpo para nos manifestar” (Zumthor, 2014, p. 78). À luz dessa perspectiva, é possível compreender que Sérgio Reis evidencia a transformação de sua própria imagem artística ao mobilizar uma performance imagética na capa do disco, por meio da qual constrói e comunica signos identitários que contribuem para sua consolidação como representante da música sertaneja.

## 2.2 Saudade de minha terra é pra quem vem do sertão: pra quem vem do lê-lê-lê, ai-ai-ai meu chapelão

Figura 12 -Sérgio Reis passa a cantar com o chapéu (1975)



Fonte: RCA Victor, nº 103.0102

Foi apenas no disco *Saudade de Minha Terra*, lançado em 1975, que o cantor aparece pela primeira vez na capa usando chapéu. Teria o "menino de gaita na mão" decidido abrir, somente em 1975, a porteira do sertão?

Sérgio Reis afirma ter assumido o risco de buscar sucesso na música sertaneja, apesar de não ser seu gênero preferido. Além disso, como já mencionado anteriormente, o cantor utiliza um vocabulário pejorativo ao declarar que nunca havia “pisado em uma bosta de vaca”. É um relato muito espontâneo presente no vídeo que foi publicado na plataforma *YouTube* (2020).

Para apresentarmos algumas opiniões pessoais do cantor, seguem algumas passagens da entrevista concedida ao canal do *YouTube* JOVEM GUARDA 50 Anos – O FILME – A SÉRIE<sup>37</sup>, em 25 de novembro de 2020. Aos 2’43” Sérgio Reis, declara:

Não tinha ideia de gravar mais nada sertanejo. Até que nessa mesma boate Cafona, um fazendeiro no ano seguinte falou: - Sérgio Reis, canta o João de Barro aí pra mim, sô. O João de Barro. Vamos fazer o seguinte: eu canto amanhã. Aí eu fui numa loja de disco de um amigo meu que tava começando cantar, um tal de Amado Batista. Eu cheguei, Amado, me empresta o João de Barro. Aí eu copiei. Cheguei à noite na boate Cafona, tive que cantar quatro vezes a música. Falei pro Tony. E foi outro sucesso. Porque a verdade é essa, eu nunca pisei numa “bosta de vaca” na minha vida naquela época. Eu era urbano. Mas eu fui. Aí, o Tony falou, Serjão, o grandão, agora você tem logo que ‘botá’ esse chapéu na cabeça de vez (Reis, 2020).

Os relatos de Sérgio Reis convergem com as reflexões apresentadas na obra *Viola Caipira ou Sertaneja?*, autor Capitão Furtado (1985): “Quando cantores de *rock* urbano, como Sérgio Reis, debandaram na direção a força de mero acaso, que lhes abriu as portas da fortuna, já se começou a pressentir o oportunismo” (Furtado, 1985, p. 123). Nesse sentido, evidencia-se que Sérgio Reis não pode ser compreendido como um defensor genuíno da música sertaneja, mas antes como um agente que se apropriou desse gênero de maneira oportunista, visando prioritariamente ao êxito e à projeção no mercado musical.

Na capa do disco *O Menino da Porteira* o cantor ainda não incorporava o chapéu, símbolo que se tornaria essencial na construção imagética do artista sertanejo. Tal ausência é coerente com o relato biográfico que indica a hesitação da gravadora em investir plenamente no novo gênero musical que Sérgio Reis passava

---

<sup>37</sup> Canal *YouTube*: JOVEM GUARDA 50 anos O FILME – A SÉRIE. *SÉRGIO REIS – O roqueiro virou sertanejo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uUQNTC893eM&t=13s>

a adotar. Prosseguimos com a apresentação de seus relatos no vídeo *YouTube* JOVEM GUARDA 50 Anos – O FILME - A SÉRIE, e aos 02'21":

Aí que foi a cabeça do Tony Campelo junto comigo, ele falou assim. Falei, olha Tony, vamos fazer uma música pra cada estado. Então, vamos começar com Saudade de Minha Terra. Essa daí foi para o brasileiro que tá fora do seu torrão natal. Aí fizemos pra minas Gerais, Chico Mineiro. E pra fronteira, Chalana. Pro Mato Grosso, Pé de Cedro, do Goiás. E eu era amigo do Goiás. Goiás e Belmonte essa música. E eu fiz uma música para cada estado. Pra São Paulo foi, O Rio de Piracicaba. E assim foi. Gravei música de Teixeirainha pro Sul. E fiz um sucesso. Doze sucesso no *long-play* (Reis, 2019).

Em entrevista concedida por Zéka Perez, filho de Tinoco, integrante da consagrada dupla sertaneja Tonico e Tinoco, confirmamos a convergência de esforços para a inserção de Sérgio Reis no cenário da música sertaneja. Aos 03'04" da gravação, Perez afirma: "O Sérgio Reis, na época, foi orientado pelo Tony Campelo e também pelo Palmeira, que eram produtores de artistas vinculados à música sertaneja" (Perez, 2024)<sup>38</sup>.

A arte da capa do *long-play* evidencia a intenção estratégica de conquistar o público adepto da música sertaneja, manifestada pela adoção simbólica do chapéu por parte do artista. Em entrevista, Wilson Souto, ex-diretor artístico da gravadora Continental e atual proprietário e diretor da Atracção Fonográfica, elucida de forma clara o papel do chapéu como elemento de identificação cultural mobilizado por Sérgio Reis. Ao referir-se ao acessório típico do homem do campo, Souto destaca, aos 21'29" de sua fala, que: "Faz parte dessa cultura do campo, do sertão, do interior do Brasil. É um parador de sol. É um adereço que tem certa popularidade. Ele toma aquilo pra si, apesar de não ser um sertanejo" (Souto, 2024). A adoção desse elemento de vestuário, revela-se como um recurso de aproximação simbólica com o universo rural, reforçando a construção de uma identidade artística voltada à recepção popular no contexto da música sertaneja.

Todos os intérpretes que realizaram a transição de outros gêneros musicais para a música sertaneja – como dupla *Chrystian e Ralf*, que anteriormente interpretava canções em língua inglesa – necessitaram adaptar-se aos valores associados ao universo do homem do campo, os quais até então lhes eram pouco familiares. Em

---

<sup>38</sup> Entrevista concedida por Zéka Perez, realizada em 21 de março de 2024 - Trabalho aprovado pela Plataforma Brasil, junto ao Comitê de Ética do UNIP. Vídeo publicado no canal *YouTube* ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô, em 18 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=stw8ZYdsnb0&t=1s>

entrevista concedia ao jornalista André Piunti, em 17 de outubro de 2021, aos 2'32"<sup>39</sup>, o cantor *Ralf* esclarece que:

O primeiro disco você tem que ter um esquema. E saber como fazer esse esquema acontecer. Então, nós regravamos toda as músicas para que as duplas soubessem que a gente conhecia Tião Carreiro, conhecia todo mundo e cantava sertanejo. Porque no início era assim, a gente num canto e o povo no outro, os estranhos no ninho. Então foi isso. Foram conversando, foram acostumando (Ralf, 2021).

Em outra entrevista concedida a Piunti, no ano de 2021, aos 1'12" *Ralf* afirmou que, embora ouvisse cantores sertanejos, não apreciava a música sertaneja: "Ouvia o que tocava, Tião, Tonico e Tinoco, esse pessoal, ouvia normalmente. Porque realmente eu não gostava mesmo. Meu pai me chamava pra cantar pro vizinho, então eu detestava. Eu ouvia assim, mas ouvia só" (Ralf, 2021).

A dupla Chrystian e Ralf, cuja trajetória musical teve início no *rock*, no romantismo cantado em inglês e em temas de novelas, migrou posteriormente para o gênero sertanejo. Em entrevistas, ambos sempre se mostraram francos ao afirmar que a adoção do sertanejo não correspondia às suas preferências musicais originais, mas ao desejo de seu pai, que almejava vê-los formados como uma dupla sertaneja.

### **2.3 Sem dúvida, violeiro é conversa e prosa... mas a violinha é duvidosa!**

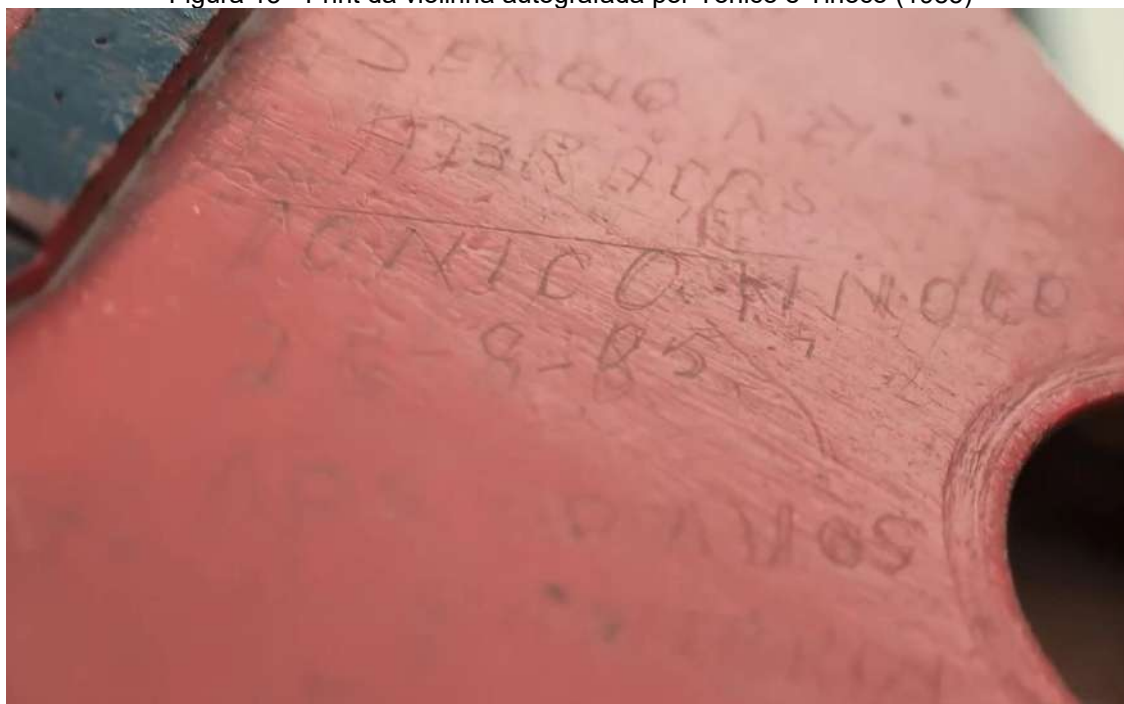
Essa postura contrasta com a narrativa apresentada por Sérgio Reis, cuja relação com a música sertaneja suscita questionamentos. O cantor costuma exibir uma viola autografada pela dupla Tonico e Tinoco, apresentada como uma de suas relíquias pessoais. Segundo seu relato, o instrumento teria sido um presente de seu pai quando ele tinha dez anos de idade, motivado pela suposta paixão precoce do menino pela música sertaneja e pelo fato de acompanhar assiduamente os programas da dupla. Como evidência complementar, apresentamos uma tela do vídeo<sup>40</sup> no qual se observa a data do autógrafo de Tonico e Tinoco, reforçando a discrepância cronológica apontada:

---

<sup>39</sup> Canal *YouTube* André Piunti. Entrevista *Ralf*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Nt\\_x0OGlaYg](https://www.youtube.com/watch?v=Nt_x0OGlaYg)

<sup>40</sup> Canal *YouTube* @serjaooficial. Vídeo publicado em 13 de outubro de 2024. Disponível em: [https://www.youtube.com/shorts/lv\\_lxDV5Yu4](https://www.youtube.com/shorts/lv_lxDV5Yu4)

Figura 13 - Print da violinha autografada por Tonico e Tinoco (1985)



Fonte: Vídeo canal youtube @serjaooficial

No entanto, a cronologia apresentada pelo próprio artista levanta dúvidas quanto à veracidade dessa versão. A viola teria sido adquirida em 1950, quando Sérgio Reis, que nascera em 23 de junho de 1940, teria 10 anos. O artista gravou seu primeiro disco em 1961, um *rock*, e por 12 anos permaneceu cantando na Jovem Guarda.

Como já comentamos, somente em 1973 ele experimentou gravar música sertaneja – afirmando, inclusive, que “não tinha ideia de gravar mais nada sertanejo” –, e apenas em 1985 solicitou o autógrafo de Tonico e Tinoco no referido instrumento, ou seja, 35 anos após o período em questão. Essa expressiva defasagem temporal configura uma incongruência significativa que enfraquece a coerência interna do relato e sustenta a hipótese de que a estória construída acerca da violinha – apresentada como um presente paterno – tenha sido inventada por Sérgio Reis. Tal hipótese sugere, alternativamente, que o instrumento possa ter sido adquirido posteriormente pelo próprio cantor, não correspondendo, portanto, à origem afetiva e cronológica que lhe é atribuída no discurso memorialístico.

Tendo em conta tais aspectos, é plausível supor que o cantor tenha adquirido posteriormente uma viola usada como estratégia simbólica de legitimação junto às duplas sertanejas consagradas, possivelmente motivado por um sentimento de deslocamento no gênero, semelhante ao experimentado por Chrystian e Ralf, que se reconheciam como “estranhos no ninho”.

O produtor cultural Lela Lopes<sup>41</sup> concedeu uma entrevista realizada em 6 de agosto de 2025 na Fundação Nacional de Artes (Funarte), sede do Ministério da Cultura, em São Paulo. No trecho correspondente a 1'13" da gravação, o entrevistado discorre sobre a suposta "violinha" mencionada pelo cantor, a qual este afirma ter recebido como presente de seu pai: "Conheço muito bem a história do Sérgio Reis, e essa viola, violinha, né, faz parte da trajetória artística dele. Apesar de várias pessoas questionarem, inclusive, em função dessa viola ter ficado esquecida durante mais de 20 anos" (Lopes, 2025). Considera-se que Lopes recorre a uma estimativa, ao mencionar "mais de 20 anos". Todavia, a análise cronológica revela um intervalo temporal significativamente mais amplo, totalizando aproximadamente 35 anos. Esse período estende-se de 1950, quando supostamente recebeu a violinha de seu pai, até 1985, ano em que o instrumento foi autografado pela dupla Tonico e Tinoco. Aos 2'38" da gravação, Lopes tem a percepção de que o cantor era visto como interesseiro ao deixar a Jovem Guarda, e a participação no cenário da música sertaneja era motivada pela busca de maior projeção: "E tem essa transição pra música sertaneja. Muitos acharam que era uma coisa oportunista, né?" (Lopes, 2025).

Diante das controvérsias que envolvem a trajetória do cantor, que permaneceu por 12 anos vinculado ao movimento da Jovem Guarda e, posteriormente, migrou para a música sertaneja, bem como da narrativa segundo a qual sua aproximação com a música de raiz teria sido motivada por uma suposta viola recebida do pai, buscamos informações junto a Ivan Vilela<sup>42</sup>. Partimos do pressuposto de que o pesquisador da música de raiz, violeiro, doutor, professor universitário e escritor poderia apresentar um parecer mais embasado sobre o tema. Ao ser entrevistado sobre a possibilidade de Sérgio Reis ser considerado um defensor da música de raiz, o entrevistado<sup>43</sup> afirma aos 8'42": "Da música Raiz, não. E talvez, não defensor da música sertaneja, mas talvez representante dessa facção mais comercial da música sertaneja" (Vilela, 2024). As considerações de Ivan Vilela permitem inferir que Sérgio Reis não se configura

---

<sup>41</sup> A entrevista foi concedida por Lela Lopes para Zé Renato, mediante autorização prévia para uso de imagem. O trabalho foi realizado em 06/08/2025. Canal *YouTube* ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=-j0SQWyJJIs&t=2s>

<sup>42</sup> Entrevista concedida por Ivan Vilela, aprovada pela Plataforma Brasil, junto ao Comitê de Ética do UNIP. Canal *YouTube* ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7dss-T1JyNQ&t=523s>

<sup>43</sup> Ivan Vilela concedeu entrevista em 23 de abril de 2024, nas dependências da Universidade de São Paulo (USP), especificamente na Escola de Comunicações e Artes (ECA).

como um agente de preservação da tradição musical de matriz sertaneja, sendo mais plausível compreendê-lo como um representante das dinâmicas e interesses do mercado fonográfico associado à música sertaneja.

## 2.4 A música que conduziu Sérgio Reis ao campo e à serra: Saudade de Minha Terra

A música “Saudade de Minha Terra”, que dá título ao álbum de Sérgio Reis lançado em 1975, representa um marco de transição na carreira do artista, sinalizando sua passagem do movimento da Jovem Guarda para o gênero sertanejo. A obra é uma composição de Belmonte e Goiás, cuja primeira gravação ocorreu em 1967, interpretada pela dupla Belmonte e Amaraí – Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB)<sup>44</sup>. Foi possível ouvir a canção no canal *YouTube* Belmonte e Amaraí, em vídeo publicado em 17 de julho de 2025<sup>45</sup>. Com o objetivo de verificar se a produção de Sérgio Reis promoveu alterações em relação à versão original, procedemos à análise comparativa por meio da audição da gravação inicial realizada por Belmonte e Amaraí. Na sequência, a investigação volta-se para a versão da obra registrada na interpretação de Sérgio Reis, ouvida no canal *YouTube* intitulado (Sérgio Reis<sup>46</sup>), publicado em 22 de junho de 2020.

### Saudade de Minha Terra (1967)

Autores: Belmonte/ Goiás  
Intérpretes: Belmonte e Amaraí  
Disco: formato *long-play*  
Gravadora: *RCA Victor*  
Catálogo: nº CALB 5119

De que me adianta viver na cidade  
Se a felicidade não me acompanhar  
Adeus, paulistinha do meu coração  
Lá pro meu sertão eu quero voltar

---

<sup>44</sup> Música “Saudade de Minha Terra” – Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB) - Interpretada por Belmonte e Amaraí, ano 1967. Disponível em: [https://immub.org/album/saudade-de-minha-terra-belmonte-e-amarai?musica=saudade%20de%20minha%20terra&interprete\\_1=belmonte%20e%20amara%C3%A9](https://immub.org/album/saudade-de-minha-terra-belmonte-e-amarai?musica=saudade%20de%20minha%20terra&interprete_1=belmonte%20e%20amara%C3%A9)

<sup>45</sup> Música “Saudade de Minha Terra” – canal *YouTube* Belmonte e Amaraí - Interpretada por Belmonte e Amaraí, ano 1967. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1DI6S92cV4M>

<sup>46</sup> Música “Saudade de Minha Terra” – canal *YouTube* (Sérgio Reis) - Interpretada por Sérgio Reis, ano 1975. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FRxO6uDBJZw&list=PL5VLyIbcj6TwtlqIm--6w-EwlcKUfEp6cb>

Ver a madrugada quando a passarada  
Fazendo a alvorada começa a cantar  
Com satisfação eu arreio o burrão  
Cortando o estradão, saio a galopar  
E vou escutando o gado berrando  
Sabiá cantando no jequitibá

Por Nossa Senhora, meu sertão querido  
Vivo arrependido por ter te deixado  
Essa nova vida aqui na cidade  
De tanta saudade eu tenho chorado  
Aqui tem alguém diz que me quer bem  
Mas não me convém, eu tenho pensado  
Eu vivo com pena pois essa morena  
Não sabe o sistema que eu fui criado  
Tô aqui cantando de longe escutando  
Alguém está chorando com o rádio ligado

Que saudade imensa do campo e do mato  
Do nosso regato que corta as campina  
**“Aos domingo eu ia passear de canoa”**  
Nas lindas lagoas de águas cristalinas  
Que doce lembrança daquela festança  
Onde tinha dança e muitas meninas  
Eu vivo hoje em dia sem ter alegria  
O mundo judia, mas também me ensina  
Estou contrariado mas não derrotado  
Eu sou bem guiado pelas mãos divinas

Pra minha mãezinha já telegrafei  
E já me cansei de tanto sofrer  
Essa madrugada estarei de partida  
Pra terra querida que me viu nascer  
Já ouço sonhando o galo cantando  
O inhambu piando no escurecer  
**“A Lua prateada clareando as estradas”**  
A relva molhada desde o anoitecer  
Eu preciso ir pra ver tudo ali  
Foi lá que nasci lá quero morrer

### **Saudade de Minha Terra (1975)**

Autores: Belmonte/ Goiá  
Interpretação: Sérgio Reis  
Disco: formato *long-play*  
Gravadora: *RCA Victor*  
Catálogo: nº 103.0102

De que me adianta viver na cidade  
Se a felicidade não me acompanhar  
Adeus, paulistinha do meu coração  
Lá pro meu sertão eu quero voltar  
Ver a madrugada quando a passarada  
Fazendo a alvorada começa a cantar

Com satisfação eu arreio o burrão  
 Cortando o estradão, saio a galopar  
 E vou escutando o gado berrando  
 Sabiá cantando no jequitibá

Por Nossa Senhora, meu sertão querido  
 Vivo arrependido por ter te deixado  
 Essa nova vida aqui na cidade  
 De tanta saudade eu tenho chorado  
 Aqui tem alguém diz que me quer bem  
 Mas não me convém, eu tenho pensado  
 Eu vivo com pena pois essa morena  
 Não sabe o sistema que eu fui criado  
 Tô aqui cantando de longe escutando  
 Alguém está chorando com o rádio ligado

Que saudade imensa do campo e do mato  
 Do nosso regato que corta as campina  
**“Aos domingos ia passear de canoa”**  
 Nas lindas lagoas de águas cristalinas  
 Que doce lembrança daquela festança  
 Onde tinha dança e muitas meninas  
 Eu vivo hoje em dia sem ter alegria  
 O mundo judia, mas também me ensina  
 Estou contrariado mas não derrotado  
 Eu sou bem guiado pelas mãos divinas

Pra minha mãezinha já telegrafei  
 E já me cansei de tanto sofrer  
 Essa madrugada estarei de partida  
 Pra terra querida que me viu nascer  
 Já ouço sonhando o galo cantando  
 O inhambu piando no escurecer  
**“A Lua prateada clareando a estrada”**  
 A relva molhada desde o anoitecer  
 Eu preciso ir pra ver tudo ali  
 Foi lá que nasci lá quero morrer

Constata-se que na gravação original ocorre um desvio da norma-padrão no terceiro verso da terceira estrofe, em razão de um erro de concordância verbal: “Aos domingos eu ia passear de canoa”. Na versão interpretada por Sérgio Reis, observa-se a correção desse aspecto linguístico, sendo o verso apresentado como: “Aos domingos ia passear de canoa”. Ademais, no sétimo verso da quarta estrofe, identifica-se uma variação lexical entre as versões: enquanto na gravação original de Belmonte e Amaraí se ouve “A lua prateada clareando as estradas”, Sérgio Reis opta pela forma singular, “A lua prateada clareando a estrada”.

Observa-se que, na gravação original de Belmonte e Amaraí, da música “Saudade de Minha Terra”, de ritmo guarânia, o acordeão desempenha função central,

introduzindo e conduzindo a harmonia ao longo das quatro estrofes, enquanto o violão exerce o papel de base e o contrabaixo reforça a sustentação rítmico-harmônica. Na versão interpretada por Sérgio Reis esses instrumentos principais são mantidos, com o acréscimo discreto de um órgão, que contribui para a ampliação da textura sonora. Embora a primeira estrofe preserve a introdução original, as subsequentes apresentam forma abreviada, restrita a um breve prelúdio. Como resultado, a duração total da peça é reduzida de 3'09"min para 2'52"min, evidenciando uma adequação às exigências de formato e tempo próprias das execuções radiofônicas. Essa condensação estrutural e aprimoramento timbrístico conferem à gravação um caráter mais comercial, especialmente no que se refere à sua difusão e aceitação em programas de rádio. Essa reformulação estética e sonora presente na produção musical de Sérgio Reis pode ser atribuída à atuação de seu produtor, Tony Campello. É o que afirma Eduardo Vicente em sua obra *Da Vitrola ao iPod*:

Sérgio Reis, que nunca obtivera grande sucesso durante a sua fase na Jovem Guarda, deu uma guinada bem-sucedida em sua carreira em 1973 quando, ao perceber o seu potencial mercadológico, voltou-se para a música sertaneja e deu um novo tratamento – adotando instrumentos elétricos, visual *country* e uma interpretação mais *clean* – a canções tradicionais do segmento. Seu produtor nessa empreitada foi Tony Campello, um dos pioneiros do *rock* brasileiro (Vicente, 2014, p. 109-110).

Conforme observa Vicente, o ano de 1973 marcou um ponto de inflexão na trajetória do cantor, percebido como um agente de adaptação estratégica oriundo do movimento da Jovem Guarda e que, até então, não havia conquistado expressivo reconhecimento no cenário da música urbana. Nesse período, o artista passou por um processo de reformulação estética e artística, conduzido sob a orientação de seu produtor Tony Campello – profissional de amplo domínio sobre a produção musical e profundo conhecedor do *rock* brasileiro. Amparado por essa assessoria, o cantor foi estrategicamente direcionado a adequar-se às demandas do mercado fonográfico voltado ao público consumidor do gênero sertanejo. Essa mesma ideia é endossada pela atriz Maria José Franco, que participou da primeira versão do filme *O Menino da Porteira* (1977), estrelado por Sérgio Reis. Em entrevista, afirma: “A música daquela época, do estilo Jovem Guarda, já estava acalmando. Já estava abaixando suas asas. Então, com a música “O Menino da Porteira”, ele teve um leque maior. Foi ali que

nasceu o Sérgio” (Franco, 2024)<sup>47</sup>. Os relatos da atriz que conviveu com o cantor e acompanhou sua trajetória no movimento da Jovem Guarda evidenciam que Sérgio Reis já não figurava nas paradas de sucesso naquele período. Entretanto, com a canção “O Menino da Porteira”, o artista foi novamente projetado, alcançando destaque nas paradas da música sertaneja.

Afirma Evandro Rodrigues Higa, em *Para Fazer Chorar as Pedras: guarânias e rasqueados em um Brasil fronteiro*: “A música sertaneja, após se apropriar de tudo o que fosse possível de ser apropriado e que revelasse algum sentido de identificação em seus agentes – seja nos segmentos produtor, mediador ou consumidor” (Higa, 2019, p. 139). No caso específico do cantor Sérgio Reis, ao se tratar de uma iniciativa voltada à música sertaneja, o objetivo principal consistia em atender às demandas do público consumidor.

Em entrevista concedida ao canal do *YouTube* BlogNejo<sup>48</sup>, no dia 9 de fevereiro de 2023, aos 3’29” da gravação, quando Marcus Vinícius pergunta como aconteceu a transição da Jovem Guarda para o sertanejo, O cantor Sérgio Reis diz: “A porteira se abriu e eu entrei, aproveitei” (BlogNejo, 2023). Ele afirma que aconteceu por acaso, quando gravou a canção “O Menino da Porteira”, em 1973. Segundo o artista, esse momento representou uma oportunidade decisiva de transição da Jovem Guarda para a música sertaneja. Explica que seu produtor artístico, Tony Campello, entendeu que a canção “Saudade de Minha Terra” possuía um forte apelo emocional, especialmente entre aqueles que haviam deixado o ambiente rural em busca de melhores condições de vida nas cidades. Essa evidência é identificada na obra *Os Parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Candido:

Ao contrário, a modalidade de hoje conduz muitas vezes ao abandono completo dos gêneros tradicionais de vida, quer levando o caipira ao trabalho em zonas de agricultura moderna, onde se incorpora aos novos padrões, quer, sobretudo, incorporando-o ao proletariado urbano (Candido, 2010, p. 215).

---

<sup>47</sup> FRANCO, Maria José. Entrevista concedida a Zé Renato. Entrevista realizada em 21 abr. 2024, no município de Mairiporã (SP). Publicado em 18 maio 2024. Canal YouTube ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ILi7RnsA7Ow>. Observe-se, particularmente, a declaração aos 04’07”.

<sup>48</sup> Entrevista com Sérgio Reis. Canal YouTube BlogNejo, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=50o7Shw-zxU>

O autor contribui para a ampliação do entendimento ao abordar, em sua obra, o período da industrialização, caracterizado pelo deslocamento do homem do campo para o espaço urbano e pelas exigências de adaptação à vida nas cidades. Nesse contexto, observa-se que esses sujeitos frequentemente manifestam sentimentos de nostalgia em relação às suas origens no sertão. Ademais, é bastante plausível que Sérgio Reis, em colaboração com seu produtor artístico, tenha concebido tal perspectiva sob uma orientação estratégica voltada ao mercado fonográfico.

Como mencionado anteriormente, na entrevista, Sérgio Reis afirma ter “aproveitado a oportunidade quando a porteira se abriu”. A seguir, apresentaremos seu relato na íntegra. Tal característica, segundo Campello, seria determinante para conquistar o público apreciador do gênero sertanejo e consolidar o sucesso do cantor nesse novo estilo musical. Sérgio Reis relata que precisou assimilar elementos da cultura do sertão, o que incluiu o aprendizado do toque e da afinação da viola caipira, instrumento emblemático da tradição musical sertaneja:

Em setenta e três eu fiz o sucesso com O Menino da Porteira. Depois eu fiz um *long-play*, eu e o Tony Campello que era o meu diretor artístico. Ele falou, grandão você tem que pôr o chapéu na cabeça, vamos fazer um *long-play* só com música sertaneja. A porteira se abriu, eu entrei. Aproveitei. Botei o chapéu na cabeça, depois fui montar num cavalo. Parei de compor. Porque eu não queria por música minha no meu disco. Porque eu não posso tirar o João Pacífico pra por música minha. Entendeu? Eu não vou deixar de gravar Cabocla Tereza pra dizer, ah, eu tenho uma música aqui. Nada disso. O que eu já fiz lá atrás, Coração de Papel, essas coisas eu já fiz. Então eu fui aprender andar a cavalo, tocar berrante, tocar viola, afinar. Então eu fui fazer a coisa, quis fazer bem feitinha. E na época de gravar o *long-play*, falei, Tony vamos fazer o seguinte, vamos gravar uma música pra cada estado. Você pega Saudade de Minha Terra, do Belmonte e Amaraí, sucesso. Essa pega todo mundo que tá fora de casa (Reis, 2023).

De acordo com a obra *O Processo de Escolarização da Viola Caipira*, de Saulo Sandro Alves Dias, a viola caipira, por muitas décadas desde sua chegada ao Brasil, trazida de Portugal nas caravelas de Pedro Álvares Cabral, constituiu-se como um instrumento cujo aprendizado não se dava por meio do ensino formal. Sua transmissão ocorria predominantemente de forma oral e prática, baseada na tradição familiar, passando de pai para filho: “A roda de viola se consiste numa prática musical coletiva entre os violeiros da tradição oral, conservando um traço característico da viola caipira. Na roda, toca-se em torno do instrumento e se canta o repertório típico da música sertaneja raiz” (Dias, 2012, p. 49).

Sérgio Reis não tinha vínculo familiar com a tradição da cultura musical do sertão. Todo o esforço empreendido pelo cantor oriundo da Jovem Guarda para adaptar-se à cultura do homem do campo mostrou-se frutífero. O artista conseguiu consolidar-se no cenário da música sertaneja, ainda que tenha precisado assimilar aspectos com os quais não possuía qualquer familiaridade, uma vez que sua infância, adolescência e juventude transcorreram no ambiente urbano. Conforme o próprio cantor relata, “a porteira se abriu” e ele soube aproveitar a oportunidade que se apresentou. Contudo, é importante destacar que a gravadora *RCA Victor* já havia direcionado investimentos a outros intérpretes vinculados ao estilo *country* ou *cowboy*. Essa conjuntura será analisada a seguir.

## **2.5 Que a RCA Victor investiu em cantor solo camponês não foi a primeira vez: Mas o primeiro que aproveitou a porteira aberta foi o Sérgio Reis**

De acordo com o Dicionário Cravo Albin, o cantor Bob Nelson antecedeu Sérgio Reis na conquista do público sertanejo aproximadamente três décadas antes. Sérgio Reis, nascido em 1940, tinha apenas quatro anos de idade quando a gravadora *RCA Victor* reconheceu o talento de Bob Nelson, um artista criativo que se destacava pela adaptação de canções norte-americanas e pela elaboração de uma performance cênica inspirada na figura do caubói. Inspirado pelo filme *Idílio nos Alpes*, incorporou o canto tirolês (*yodel*) ao repertório no início da década de 1940 e, em 1943, alcançou projeção nacional ao adaptar para o português a canção norte-americana *Oh, Suzana*, apresentada durante a Segunda Guerra Mundial em homenagem ao general *Douglas MacArthur*, em evento promovido por Assis Chateaubriand, que financiou seu primeiro traje de caubói. No ano seguinte, gravou pela *RCA Victor* seu primeiro disco, com as faixas *Oh, Suzana* e *Vaqueiro Alegre* (Instituto Memória Musical Brasileira IMMUB)<sup>49</sup>, consagrando-se como precursor do cantor solo sertanejo no Brasil e antecedendo o investimento da gravadora em nomes como Sérgio Reis. Cabe observar que, à época, os discos não possuíam capa, e apenas em 1944 o artista lançou seu primeiro

---

<sup>49</sup> Instituto Memória Musical Brasileira (IMMUB) – Bob Nelson. Músicas: “Oh! Suzana e Vaqueiro Alegre”. Disponível em: [https://immub.org/album/78-rpm-67380?musica=vaqueiro%20alegre&interprete\\_1=bob%20nelson](https://immub.org/album/78-rpm-67380?musica=vaqueiro%20alegre&interprete_1=bob%20nelson)

compacto simples. Conforme registrado no Dicionário Cravo Albin<sup>50</sup>, Bob Nelson distingue-se por sua notável criatividade:

A composição ‘*Oh! Suzana*’, do maestro norte-americano *Stephen Foster*. Esta música de ritmo lento foi feita durante a Guerra Civil Americana como tema do Sul. Nelson adaptou-a em ritmo *country*, tornando-a sucesso internacional, com discos vendidos na França, Inglaterra, Portugal e Estados Unidos. Adotou o estilo *Gene Autry*, que era seu ídolo, com roupa de vaqueiro, dois revólveres do lado e um chapelão na cabeça (Dicionário Cravo Albin, 1996).

Observa-se que, quase três décadas depois, a gravadora *RCA Victor* investiu em outro cantor que também adotava o uso de colete e de um chapelão. Entretanto, algumas diferenças se fazem notáveis. Bob Nelson, em sua performance voltada à representação do homem do campo, utilizava um revólver na cintura – apetrecho ausente na apresentação de Sérgio Reis. Contraditoriamente, era Sérgio Reis o “encenqueiro”: declarou em diversas entrevistas ter se envolvido em brigas, agressões, situações de violência e ter sido preso cinco vezes, ao passo que Bob Nelson construía uma imagem associada à leveza e à jovialidade. Não por acaso, Bob Nelson incluiu a canção “Vaqueiro Alegre” em seu primeiro disco.

---

<sup>50</sup> Dicionário Cravo Albin – Biografia de Bob Nelson. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/bob-nelson/>

Figura 14 – Bob Nelson (1944) – Álbum: *Vaqueiro Alegre*



Fonte: RCA Victor, nº 80-0238-a

Figura 15 - Bob Nelson (1968)

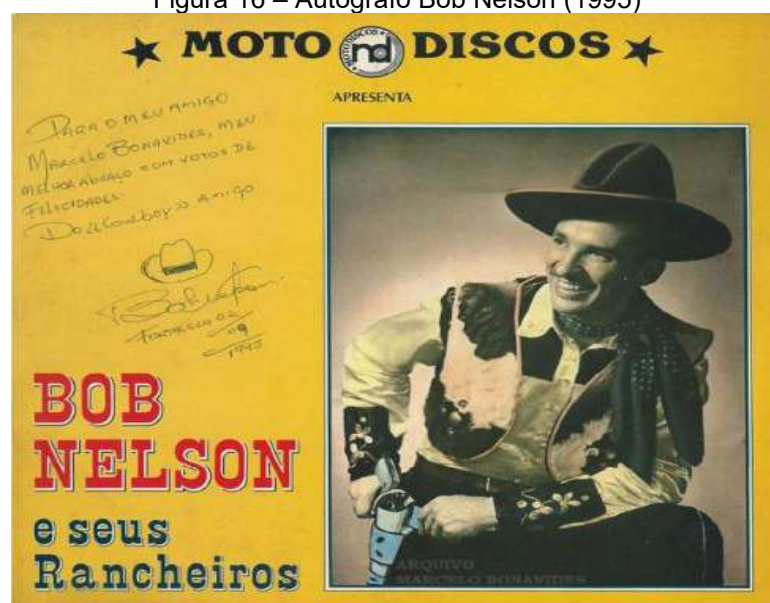


Fonte: RCA Victor, nº LC - 6392

A criatividade de Bob Nelson esteve constantemente presente ao longo de sua trajetória. Conforme destaca Marcelo Bonavides no site Estrelas que Nunca se Apagam<sup>51</sup>, na página intitulada “Relembrando Bob Nelson”, publicada em 12 de outubro de 2025, o cantor possuía o hábito de desenhar um chapéu ao autografar seus discos e pôsteres, gesto que se tornou uma marca distintiva de sua personalidade artística: “Autógrafo de Bob Nelson com um desenho feito por ele. Arquivo Marcelo Bonavides” (Bonavides, 2025).

<sup>51</sup> Site arquivo Marcelo Bonavides. Disponível em: <https://www.marcelobonavides.com/2019/08/bob-nelson-10-anos-de-saudade.html>

Figura 16 – Autógrafo Bob Nelson (1995)



LP autografado de Bob Nelson e Seus Rancheiros, da Moto Discos.  
Arquivo Marcelo Bonavides

Fonte: Site arquivo Marcelo Bonavides

Constata-se que Bob Nelson se destacou por sua notável criatividade, tornando-se uma fonte de inspiração para diversos artistas. Conforme a obra biográfica *A História de Rolando Boldrin – Sr. Brasil*, de autoria de Willian Corrêa e Ricardo Taira, Rolando Boldrin relata que, ainda na infância, iniciou sua trajetória musical interpretando canções a partir da imitação de Bob Nelson:

Com chapéu no estilo Texaco, lenço no pescoço, cinturão com duas armas, Bob Nelson e seus Rancheiros faziam apresentações em todos os cantos do país. O pequeno Boldrin, além de imitar o andar dos gringos durões, prontos para um duelo, também dava os gritos dos caubóis: 'o- Le-rei-iii-tiii...o-le-iiii-tiii'. E todos caíam na risada (Corrêa; Taira, 2017, p. 20).

Uma matéria publicada na *Folha de S.Paulo*<sup>52</sup>, publicada em 27 de dezembro de 2022, relata que o pai de Rolando Boldrin, apreciador de música e de filmes de faroeste, estimulou tanto Rolando quanto seu irmão, Leili, a explorarem o repertório da música caipira: "Nascia então Boy e Formiga, que tinha também como inspiração os caubóis do cinema e o cancionero de Bob Nelson, que interpretava canções no estilo tirolês que a cultura popular adaptou para "tiroleite" (Martins, 2022). De acordo com o dicionário Cravo Albin, na década de 1940, Bob Nelson participou de dois filmes: *Segura esta mulher* e *Este mundo é um pandeiro* (Dicionário Cravo Albin,

<sup>52</sup> *Folha de S.Paulo* / Ilustrada. Disponível em: Retrospectiva 2022: Rolando Boldrin viu o Brasil mais belo - 27/12/2022.

1996). Constata-se que, embora Bob Nelson tenha participado de dois filmes, não alcançou reconhecimento no campo cinematográfico comparável ao obtido pelo cantor Sérgio Reis.

Compreendida a inserção de Sérgio Reis no universo da música sertaneja e as estratégias que contribuíram para a consolidação de sua trajetória artística, passa-se à análise de sua atuação no campo cinematográfico. Este capítulo examina de que maneira o cantor recorreu ao cinema como um recurso para ampliar sua visibilidade e fortalecer sua projeção no cenário da música sertaneja. O ponto de partida dessa trajetória como ator foi sua participação como protagonista no filme *O Menino da Porteira*, cuja narrativa foi inspirada na canção homônima que desempenhou papel fundamental em sua aproximação e identificação com o gênero sertanejo.

### **CAPÍTULO III**

## **O CANTOR, CINEASTA, PEÃO... BUSCOU NO FILME O APOIO À MÚSICA DO SERTÃO**

Neste capítulo, abordaremos o perfil de ator de cinema do cantor roqueiro, ou ídolo da Jovem Guarda, como foi conhecido Sérgio Reis. Sua inserção no cinema não ocorreu de forma fortuita, mas esteve diretamente relacionada à estratégia de associar o êxito alcançado na música ao audiovisual. Tal movimento teve como marco a canção “O Menino da Porteira”, cuja letra de caráter lendário despertou a atenção do público em 1973, quando o artista decidiu gravá-la, obtendo ampla aceitação entre os apreciadores da cultura musical sertaneja da época. Esse sucesso musical antecedeu e favoreceu o lançamento de seu primeiro filme, ocorrido em 1977.

Para compreender o processo de integração do cantor Sérgio Reis ao universo cinematográfico, apresenta-se a entrevista concedida pelo cineasta, roteirista e diretor Clery Cunha. Na entrevista, realizada em 9 de março de 2024, ao ser questionado sobre a possibilidade de o cantor, em conjunto com sua equipe de produção, ter associado o sucesso da música ao objetivo de ampliar a venda de discos, a realização de shows e a bilheteria cinematográfica – considerando que a canção já figurava entre as mais populares –, aos 010’14” da gravação, Clery Cunha relata:

Claro, o cinema sempre foi uma indústria, né? O cinema custa caro, e os produtores, cada um na época, tinham uma adesão de produtores que entravam com dinheiro para produzir, e não era fácil. Quando o Sérgio era cantor, ele tinha o seu público, sempre teve, mas foi muito difícil ele aderir, adaptar-se à atualidade da época. E, com o grande sucesso que houve, O Menino da Porteira, por exemplo, que foi, aproveitou (Cunha, 2024).

O cineasta esclarece que Sérgio Reis e a equipe de produção provavelmente realizaram um investimento significativo na realização do filme, cujo objetivo teria sido capitalizar o enredo da canção homônima, já consagrada como sucesso, por meio de sua adaptação para o formato cinematográfico. A entrevista foi publicada em 2 de julho de 2024, no canal do *YouTube* ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> A entrevista concedida por Clery Cunha para Zé Renato, mediante autorização prévia para uso de imagem. O trabalho foi realizado em 09/03/2024. Canal *YouTube* ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=swb4f2cl-PE>

Figura 17 - DVD do filme O Menino da Porteira



Fonte: Capa do DVD – Cinemateca Brasileira: Código do filme “O Menino da Porteira”, nº 007638

Conforme já mencionado em páginas anteriores, o próprio artista relata, em entrevista, que não tinha a intenção inicial de seguir gravando músicas sertanejas. No entanto, diante da repercussão positiva de “O Menino da Porteira”, decidiu, no álbum seguinte, assumir de forma definitiva a cultura do homem do sertão. A performance construída para caracterizar a imagem presente na capa do disco – concebida estrategicamente para atrair o público sertanejo – constituiu um passo fundamental para sua consolidação como protagonista também no cinema. Dessa forma, Sérgio Reis ampliou sua atuação artística e fortaleceu sua identificação com o público apreciador da música e da cultura sertaneja.

Constata-se que, na obra *Bem Sertanejo: A história da música que conquistou o Brasil*, dos autores Michel Teló e André Piunti, evidencia-se um movimento de ressignificação da narrativa musical sertaneja associado à trajetória de Sérgio Reis. Desde o momento em que o artista gravou a música na qual apostou e ganhou, observa-se que ele apostou novamente ao transpor para o cinema o roteiro de uma música considerada lendária, “O Menino da Porteira”, cuja trama, embora amplamente difundida no imaginário midiático, nunca aconteceu:

Ao consagrar nacionalmente a canção, Sérgio Reis transformou O Menino da Porteira em uma de todas as músicas mais conhecidas de todos os tempos; história da música deu origem a um filme, estrelado

pelo próprio Serjão, em 1976, que ganhou um *remake* em 2009, com o cantor Daniel interpretando o peão Diogo, mesmo papel de Sérgio Reis (Teló; Piunti, 2015, p. 210).

Tal informação é corroborada por entrevista concedida por Sérgio Reis a Marcus Vinícius, do BlogNejo, para o canal do *YouTube* BlogNejo, vídeo publicado em 09 de fevereiro de 2023<sup>54</sup>. Ao ser questionado sobre como ocorreu sua primeira atuação cinematográfica, o cantor descreve o processo e relata as circunstâncias de sua estreia. É amplamente reconhecido que, desde o período em que atuava como roqueiro, Sérgio Reis buscava de forma persistente o sucesso artístico, até aceitar o risco de gravar músicas no gênero sertanejo. Assim, seus relatos apresentados nessa entrevista não configuram uma novidade. No minuto 14'55" da entrevista, afirma:

Não, primeiro, é normal. Você faz uma música de sucesso, vamos fazer um filme. Traz o ator, entendeu. Tem tantos deles que começaram assim. E O Menino da Porteira quebrou os recordes de bilheteria. O Art-Palácio é meu. Não é nem do Mazzaropi, dos Trapalhães. Não é de ninguém, é meu. Era assim, vamos ver que leva mais público das oito da manhã até dez da noite, no domingo. Foi o Sérgio Reis com O Menino da Porteira. Sabe o que eu fazia? Eu punha catira pra dançar na porta do Art-Palácio, quando lançamos. Os cara dançando catira, tocando viola. E aquele povo dava volta no quarteirão (Reis, 2023).

O cinema mencionado por Sérgio Reis ao relatar a superlotação durante a exibição de *O Menino da Porteira* era uma das salas mais conceituadas de São Paulo nos anos 1970. Segundo reportagem da revista *Veja* São Paulo, publicada em 29 de novembro de 2013 por Maurício Xavier<sup>55</sup>, fala sobre as antigas dependências do cinema Art Palácio: “Inaugurado em 1936, o prédio projetado pelo arquiteto Rino Levi tornou-se um marco na Av. São João” (Xavier, 2013). Com capacidade para 3.139 pessoas, alcançou, em 1945, um público de 1,5 milhão de espectadores, consolidando-se como a maior bilheteria do ano e sediando estreias de comédias protagonizadas por Mazzaropi. A partir da década de 1980, entrou em decadência ao exhibir filmes pornográficos, o que levou ao seu fechamento definitivo em 2009. Embora a matéria não tenha como foco a bilheteria de *O Menino da Porteira*, a menção a Mazzaropi permite inferir a capacidade de atração do público por Sérgio Reis. E sua

---

<sup>54</sup> Entrevista exclusiva a Sérgio Reis – Canal *YouTube* BlogNejo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=50o7Shw-zxU>

<sup>55</sup> *Veja* São Paulo. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/cinema-art-palacio-festival-audiovisual/>

criatividade para atrair o público, com a presença de violeiros à frente do cinema. Essa relação entre imagem, performance e recepção pode ser analisada conforme a obra *Teoria da Comunicação*, de Luís Mauro Sá Martino, que discute os processos de mediação cultural e construção simbólica na comunicação de massa:

As mediações são os conhecimentos e as práticas sociais das pessoas. São estruturas simbólicas dinâmicas a partir das quais é atribuído o sentido de uma mensagem em um determinado momento no espaço e no tempo. As condições materiais e simbólicas, nas quais o receptor está inserido e que influenciam a recepção de uma mensagem, são os elementos responsáveis pelas reapropriações e reconstruções levadas a efeito pelo receptor. Ver televisão ou ir ao cinema é uma prática social (Martino, 2010, p. 180).

Nesse sentido, destaca-se o método criativo utilizado por Sérgio Reis que, oriundo da Jovem Guarda e ainda em processo de familiarização com os cantores e o público da música sertaneja, buscou estratégias para se inserir nesse novo universo musical. Para atrair o público adepto do gênero, o artista adotou uma prática inovadora - levar violeiros para se apresentarem na porta do cinema.

Como já exposto anteriormente, Sérgio Reis sertanejo teve como marco inicial de sua trajetória de sucesso a canção “O Menino da Porteira”<sup>56</sup>, posteriormente adaptada para o cinema, dando origem ao filme homônimo, que preserva o mesmo título e temática da obra musical. Entretanto, sua atuação cinematográfica não se limitou a essa produção, estendendo-se a outros dois filmes: *Mágoa de Boiadeiro*<sup>57</sup>, ano de 1978, e *O Filho Adotivo*<sup>58</sup>, em 1984, igualmente inspirados em composições musicais. Nesse contexto, torna-se fundamental comentar as trilhas musicais dessas obras, bem como a interpretação de Sérgio Reis enquanto ator e a construção dos personagens principais, considerando-se, sobretudo, as estratégias empregadas para a conquista e identificação do público sertanejo.

### **3.1 Três filmes em busca do sucesso foram o motivo: O Menino da Porteira, Mágoa de Boiadeiro e O Filho Adotivo**

---

<sup>56</sup> Filme: *O Menino da Porteira* - Canal YouTube Arquivo Emerson Reis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kQfUQkiD1RY>

<sup>57</sup> Filme: *Mágoa de Boiadeiro* - Canal YouTube RECUERDO LOS CAMINOS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s1ZOWayiVqo>

<sup>58</sup> Filme: *O Filho Adotivo* - Canal YouTube RECUERDO LOS CAMINOS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3YZBysW9OH4>

Figura 18 - Capas dos DVDs dos três filmes



Fontes: Capas dos DVDs – Cinemateca Brasileira: Código do filme *O Menino da Porteira* nº 007638; Código do filme *Mágoa de Boiadeiro* nº 021088; Código do filme *O Filho Adotivo* nº 025362

Analisa-se o primeiro filme protagonizado por Sérgio Reis, *O Menino da Porteira*, lançado em 1977. Embora a publicação do vídeo na plataforma *YouTube* indique o ano de 1976 como data de lançamento, adota-se, neste estudo, a informação fornecida pela Cinemateca Brasileira<sup>59</sup>. Na sequência, apresentamos os filmes *Mágoa de Boiadeiro*<sup>60</sup> e *O Filho Adotivo* para melhor compreender a relação entre a obra cinematográfica e o imaginário sobre a música sertaneja que o cantor vinha construindo no período imediatamente anterior ao lançamento do filme. Em especial, destaque-se o ano de 1975, quando Sérgio Reis assume de forma mais definida a performance de cantor sertanejo, marcada, entre outros elementos, pela adoção definitiva do chapéu como símbolo identitário.

Consideramos outros dois fatores relevantes a serem analisados em ambos os filmes: a presença de personagens cômicos – uma vez que Sérgio Reis compara o sucesso do filme ao de produções protagonizadas por Mazzaropi – e, de modo especial, as músicas que compõem as trilhas musicais inicial e final. Endossamos as palavras de Alves, ao afirmar: “A música constitui um dos mais poderosos elementos dramáticos da produção audiovisual, ocupando uma posição privilegiada na trilha

<sup>59</sup> Título: *O Menino da Porteira* – Diretor: Moreira Filho, Jeremias – Ano: 1977 – País: Brasil – Duração: 84 min. Cinemateca Brasileira. Disponível em: <https://bases.cinemateca.org.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=007638&format=detailed.pft>

<sup>60</sup> Título: *Mágoa de Boiadeiro* – Diretor: Moreira Filho, Jeremias – Ano: 1978 – País: Brasil – Duração: 90 min. Cinemateca Brasileira. Disponível em: <https://bases.cinemateca.org.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=021088&format=detailed.pft>

sonora cinematográfica” (Alves, 2013, p. 93). Conforme aponta Bernardo Marquez Alves, a música de trilha sonora encontra-se diretamente vinculada aos personagens representativos de um filme. Ademais, o estudioso do cinema Fernando Moraes da Costa, em sua obra *O Som do Cinema Brasileiro*, ressalta que a música ocupa um espaço tão relevante quanto o da imagem na construção da narrativa cinematográfica: “A música talvez seja, mais do que a voz, o elemento sonoro mais comentado do conjunto de análises sobre os filmes das décadas de 1960 e 1970” (Costa, 2008, p. 180). De acordo com Costa, a música exerce um papel fundamental na construção fílmica.

### 3.1.1 *Menino da Porteira* (1977)

Figura 19 – Capa e contracapa do DVD



Fonte: Capa e contracapa do DVD – Cinemateca Brasileira:  
Código do filme “O Menino da Porteira” nº 007638

O filme *O Menino da Porteira*, produzido pela Topázio Cinematográfica em 1977 e protagonizado pelo cantor Sérgio Reis, constitui uma adaptação cinematográfica da canção homônima. Como já comentado anteriormente, trata-se de uma narrativa ficcional inspirada na composição musical de 1955, intitulada “O Menino da Porteira”, escrita por Teddy Vieira e Luizinho, e originalmente gravada pela dupla sertaneja Luizinho e Limeira. A trama relata o desejo de um menino de tornar-se boiadeiro; contudo, seu destino é tragicamente interrompido ao ser atingido por uma boiada, evento que culmina em sua morte e provoca profundo sofrimento em sua mãe, retratada em meio à dor decorrente da perda do filho.

Observa-se que o longa-metragem, com duração de 1’18”55, inicia-se com o som de um berrante, enquanto a boiada aparenta encontrar-se agitada. Nesse

momento, destaca-se a presença de um boiadeiro que procura conduzir e reunir o rebanho para que este siga pela estrada em direção ao seu destino. O boiadeiro é interpretado por Sérgio Reis, protagonista da narrativa. Aos 30'00" da exibição, tem início a trilha sonora com a canção Poeira, composta em 1967 por Serafim Colombo Gomes e Luís Bonan.

Aos 4'05", Diogo (Sérgio Reis), personagem que representa um boiadeiro, encontra-se trajando camisa de manga longa bege, colete preto, calça branca, cinturão preto, chapéu da marca Panamá, lenço marrom ao pescoço e botas pretas. Ele chega à pousada onde os boiadeiros irão pernoitar e apeia de seu cavalo, momento em que encontra Zé Coqueiro (Walter Raimundo), personagem de caráter cômico. Diogo pergunta a Zé Coqueiro: "Alá, Zé Coqueiro. A boia tá pronta?". Zé Coqueiro responde: "Tá. Mai num foi faci não". Diogo indaga: "Ué, não foi fácil por que?". Zé Coqueiro replica: "Num quero nem num contá". Em seguida, Zé Coqueiro caminha com um andar desengonçado até o fogão, onde prepara os alimentos destinados à peonada.

Posteriormente, aos 5'58", Rodrigo Mendes (Márcio Costa), personagem que representa *O Menino da Porteira*, diz à sua mãe: "Aí então eu disse pra ele, taca o berrante seu moço. Tinha que ver, mãe, o senhor 'tamém', pai. O boiadeiro 'oiô' pra mim e fez até um sinal com a cabeça. Me falo, pois o berrante na boca e 'tocô'. 'Tocô' bonito 'memo'. Ah, mãe, quando eu crescer eu quero ser um 'boiadero'. E quero ter um berrante igualzinho o desse 'boiadero'". Sua mãe, Carolina (Maria José Franco) diz: "Tá certo meu 'fio', quando 'ocê' 'crescê' vai 'sê' 'boiadero'. E vai 'tê' um berrante até 'mai' 'bunito' que esse". O menino diz: "Não mãe, não quero diferente, quero igualzinho a esse". Sua mãe responde: "Tá bom meu fio, agora tá na hora de ir pra cama. 'Vamo' 'durmi', 'vamo'". O menino balança a cabeça concordando com sua mãe. Pega a lamparina que sua mãe lhe entrega, e diz: "'Bença', pai". Seu pai, Otacílio Mendes (Jorge Karan), responde: "Deus te abençoe". O menino: "'Bença', mãe". Sua mãe responde: "Deus te abençoe. Num esqueça da oração, heim." O menino segue da cozinha para seu quarto, onde se ajoelha próximo de sua cama e faz suas orações.

No filme, a cena de caráter religioso protagonizada pelo menino revela-se cuidadosamente construída com o propósito de evidenciar a cultura religiosa dos povos camponeses, estabelecendo um diálogo com a tradição já delineada por Monteiro Lobato em sua obra *Urupês*, na qual se apresenta a cultura do homem do

campo, inclusive ao se abordar a origem da música sertaneja; nesse contexto, ao mencionar o precursor desse gênero, Cornélio Pires, evidenciam-se também as perspectivas críticas de Lobato, frequentemente marcadas por preconceitos em relação à cultura sertaneja, ao passo que a religiosidade do homem do campo configura-se como um elemento estruturante de sua identidade cultural, manifestando-se de forma contínua em práticas, rituais e tradições, e, ao descrever o caipira e suas crenças, Lobato faz referência à presença simbólica da imagem do santo que o acompanha, transmitida como herança intergeracional, embora, ao abordar tais aspectos, o autor recorra, por vezes, a termos de caráter pejorativo, o que evidencia uma visão estigmatizada desse grupo social e revela tensões entre o registro cultural e o julgamento valorativo em sua obra:

Completavam o rancho um cachorro sarnento, brinquinho, a foice, a enxada, a pica-pau, o pilãozinho de sal, a panela de barro, 'um santo encardido', três galinhas pevas e um galo índio. Com estes simples ingredientes o fazedor de sapezeiros perpetua a espécie e a obra de esterilização iniciada com os remotíssimos avós (Lobato, 1944, p.26).

De acordo com Lobato, ainda que sua abordagem contenha termos considerados preconceituosos, sua obra contribui para a compreensão das tradições culturais e religiosas do homem do sertão, entendidas como heranças transmitidas entre gerações. O menino, em sua cena, ao pedir a bênção aos seus pais para se deitar, demonstra a tradição que aprendeu com eles. Ressalta-se, contudo, que tais tradições não correspondem à trajetória de Sérgio Reis, cuja origem é urbana, assim como a de seus pais e avós. Ainda assim, ao protagonizar o filme *O Menino da Porteira*, o ator incorporou, no âmbito da narrativa, elementos da cultura do homem do campo.

Observa-se que na cena mais trágica do filme, quando o menino é morto pelo ataque do boi, nos minutos finais da obra, aos 1'15"05, inicia-se a trilha sonora da canção "O Menino da Porteira". Nesse momento, Diogo deposita seu berrante sobre a cova onde o menino Rodrigo foi sepultado, monta em seu cavalo e segue por uma estrada.

#### **Trilha: (de abertura)**

##### **Poeira (1976)**

Autores: Serafim Colombo Gomes/ Luís Bonan (1967)

Interpretação: Sérgio Reis

Disco: formato *long-play*

Gravadora: *RCA Victor*

Catálogo: nº 103.0202

O carro de boi lá vai gemendo lá no estradão  
 Suas grandes rodas fazendo profundas marcas no chão  
 Vai levantando poeira, poeira vermelha  
 Poeira, poeira do meu sertão  
 Olha seu moço a boiada em busca do ribeirão  
 Vai mugindo e vai ruminando cabeças em confusão  
 Vai levantando poeira, poeira vermelha  
 Poeira, poeira do meu sertão  
 Olha só o boiadeiro montado em seu alazão  
 Conduzindo toda a boiada com seu berrante na mão  
 Seu rosto é só poeira, poeira vermelha  
 Poeira, poeira do meu sertão  
 Barulho de trovoadas coriscos em profusão  
 A chuva caindo em cascata na terra fofa do chão  
 Virando em lama a poeira, poeira vermelha  
 Poeira, poeira do meu sertão  
 Poeira entra meus olhos não fico zangado não  
 Pois sei que quando eu morrer meu corpo irá para o chão  
 Se transformar em poeira, poeira vermelha  
 Poeira, poeira do meu sertão  
 Poeira do meu sertão, poeira  
 Poeira do meu sertão

Observa-se que a produção cinematográfica inicia o filme com a trilha sonora da canção “Poeira<sup>61</sup>” (Instituto Memória Musical Brasileira -IMMuB). É plausível supor que a decisão de encerrar a narrativa com a música “O Menino da Porteira” tenha sido orientada pela intenção de produzir um efeito de forte impacto emocional no espectador, especialmente no momento em que ocorre o sepultamento do menino. Tal escolha mostra-se particularmente significativa, uma vez que a canção “O Menino da Porteira” sintetiza, em sua narrativa lírica, os principais acontecimentos que estruturam o enredo do filme.

Ademais, a música “Poeira”, utilizada na abertura da obra, desempenha papel relevante na construção da paisagem sonora da narrativa fílmica, evocando o universo do sertão e seus elementos culturais, situados no contexto do início da década de 1970. Para fins de exemplificação, recorremos aos versos da composição musical (O carro de boi lá vai gemendo lá no estradão. Suas grandes rodas fazendo profundas marcas no chão. Vai mugindo e vai ruminando cabeças em confusão. Olha só o boiadeiro montado em seu alazão. Conduzindo toda a boiada com seu berrante na

---

<sup>61</sup> Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB) – Sérgio Reis. Música: “Poeira”. Disponível em: [https://immub.org/album/o-menino-da-porteira?musica=poeira&interprete\\_1=S%C3%89RGIO%20REIS](https://immub.org/album/o-menino-da-porteira?musica=poeira&interprete_1=S%C3%89RGIO%20REIS)

mão. Seu rosto é só poeira, poeira vermelha). A letra apresenta forte inspiração em aspectos da vida do homem do campo, enquanto o ritmo remete à toada, estrutura musical bastante recorrente nas composições do gênero sertanejo do período.

No que se refere à caracterização do personagem Diogo, interpretado por Sérgio Reis, observa-se o uso de indumentária associada ao boiadeiro e ao homem do sertão, composta por chapéu, botas, lenço no pescoço, cinturão e colete. Tal figurino contribui para reforçar a verossimilhança da representação do universo rural. Ainda no âmbito da performance, nota-se que a voz de Sérgio Reis apresenta adequada projeção e afinação, evidenciando uma postura vocal consistente com a interpretação musical proposta.

Verifica-se também que o personagem Zé Coqueiro, ao ser questionado por Diogo sobre o preparo do almoço, assume uma função marcadamente cômica na narrativa. Em suas falas, utiliza expressões caracterizadas por desvios da norma-padrão da língua portuguesa, como “Tá. Mai num foi faci não” e “Num quero nem num contá”. Tal recurso linguístico contribui para a construção de um efeito humorístico e aproxima a performance do personagem – no modo de falar, caminhar e se comportar – do estilo associado ao humor popular de Amácio Mazzaropi, reconhecido como um dos mais importantes humoristas do cinema brasileiro entre as décadas de 1950 e 1970.

### 3.1.2 Mágoa de Boiadeiro (1978)

Figura 20 - Capa e contracapa do DVD



Fonte: Capa e contracapa do DVD – Cinemateca Brasileira:  
Código do filme *Mágoa de Boiadeiro* nº 021088

O filme *Mágoa de Boiadeiro*, lançado em 1978, constitui um importante registro cinematográfico de transformações sociais e econômicas que afetaram diretamente o universo do trabalho rural no Brasil. De acordo com dados da Cinemateca Brasileira, o longa-metragem possui duração de 1'28"26 e foi produzido pela Topázio Cinematográfica Ltda. Foi possível assistir ao filme no canal *YouTube* RECUERDO LOS CAMINOS<sup>62</sup>.

A narrativa do filme desenvolve-se a partir da representação das mudanças ocorridas no modo tradicional de condução do gado, prática historicamente associada à figura do boiadeiro. Ao longo de décadas, esses trabalhadores deslocavam-se por extensas distâncias ao longo de estradas e vias rurais, conduzindo boiadas. Tal atividade não se configurava apenas como uma prática laboral, mas também como um elemento estruturante de um modo de vida, caracterizado por experiências coletivas, saberes práticos e uma sólida identidade cultural. No entanto, com o avanço dos processos de modernização no setor agropecuário e o desenvolvimento de novas formas de transporte, especialmente o uso de caminhões para o deslocamento do gado, esse modelo tradicional passou a ser progressivamente substituído pelo transporte rodoviário de gado em caminhões.

Nesse contexto, *Mágoa de Boiadeiro* aborda o sentimento de saudade e nostalgia que emerge entre os boiadeiros diante do declínio de sua atividade tradicional. A obra evidencia o impacto social provocado pela modernização dos meios de transporte que, ao mesmo tempo em que representa progresso técnico e eficiência econômica, contribui para o desaparecimento gradual de práticas culturais profundamente enraizadas no cotidiano do campo. Assim, o filme constrói uma reflexão sobre a tensão entre tradição e modernidade, ressaltando os efeitos dessas transformações na identidade e na memória coletiva dos trabalhadores rurais.

O filme se inicia com a música "Mágoa de Boiadeiro", porém, somente orquestrada. Ouve-se uma canção gravada no ano de 1967, pela dupla sertaneja Pedro Bento e Zé da Estrada, que foi regravada por Sérgio Reis em 1975<sup>63</sup>, quando o cantor da Jovem Guarda assume o uso de chapéu para representar o cantor

---

<sup>62</sup> Disponível em canal *YouTube* Recuerdo los Caminos:

<https://www.youtube.com/watch?v=s1ZOWayiVqo&t=13s>

<sup>63</sup> Música: "Mágoa de Boiadeiro". Canal *YouTube* Sérgio Reis. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Np5QPpe-S8wg>

sertanejo. Aos 1'20", a música tocando, entre os boiadeiros, Diogo (Sérgio Reis) aparece a cavalo, vestindo camisa manga longa, xadrez em branco e preto, lenço azul no pescoço, calça marrom, botas pretas e cinturão preto. Até está caminhando tranquila, quando aos 1'30" um caminhão aparece na estrada, buzina, a boiada estoura e sai em disparada.

Constata-se que os personagens que representam Sérgio Reis e Walter Raimundo são os mesmos do filme *O Menino da Porteira* – Sérgio Reis (Diogo), Walter Raimundo (Zé Coqueiro); o menino Márcio Costa agora representa o personagem (Tico). Observa-se, que aos 3'00", Zé Coqueiro entra em cena, cumprimenta outros boiadeiros, num mal-entendido o empurram; ele sai andando com os trejeitos de Mazzaropi. Também, suas palavras, frases com erros da língua portuguesa, contribuem para transmitir situação de humor. Observa-se que no final do filme, aos 1'23"<sup>1</sup>, a música "Mágoa de Boiadeiro" começa a tocar. Quando ao boiadeiro Diogo, agora vestindo camisa manga longa, também xadrez em preto e branco, com a estampa em xadrez bem menor. A camisa por fora, cobrindo o cinturão, calça de preta de couro, cobrindo o cano da bota preta, lenço roxo no pescoço, vem puxando seu cavalo. Aos 01'23"<sup>24</sup> ele pega seu chapéu de couro preto que está no chão, monta no seu cavalo e sai galopando estrada afora.

### **Trilha: (de abertura/ encerramento)**

#### **Mágoa de Boiadeiro (1978)**

Autores: Nonô Basílio; Índio Vago (1967)

Intérprete: Sérgio Reis

Disco: formato *long-play*

Gravadora: *RCA Victor*

Catálogo: nº 103.0267

Antigamente nem em sonho existia  
Tantas pontes sobre os rios nem asfaltos nas estradas  
A gente usava quatro ou cinco sinueiros  
Para trazer o pantaneiro no rodeio da boiada

Mas hoje em dia tudo é muito diferente  
Com progresso nossa gente nem sequer faz uma ideia  
E entre outros fui peão de boiadeiro  
Por esse chão brasileiro os heróis da epopeia

Tenho saudade de rever nas corrutelas  
As mocinhas nas janelas acenando uma flor  
Por tudo isso eu lamento e confesso  
Que a marcha do progresso é a minha grande dor

Cada jamanta que eu vejo carregada  
Transportando uma boiada me aperta o coração  
E quando eu vejo minha tralha pendurada  
De tristeza, dou risada para não chorar de paixão

O meu cavalo relinchando pasto a fora  
Que por certo também chora na mais triste solidão  
Meu par de esporas, meu chapéu de aba larga  
Uma bruaca de carga, o meu lenço e o facão

O velho basto, o sinete e o apeiro  
O meu laço e o cargueiro, o ginete e o gibão  
Ainda resta a guaiaca sem dinheiro  
Deste pobre boiadeiro que perdeu a profissão

Não sou poeta, sou apenas um caipira  
E o tema que me inspira é a fibra de peão  
Quase chorando imbuído nesta mágoa  
Rabisquei estas palavras e saiu esta canção

Canção que fala da saudade das pousadas  
Que já fiz com a peonada junto ao fogo de um galpão  
Saudade louca de ouvir um som manhoso  
De um berrante preguiçoso nos confins do meu sertão

Observa-se que o filme *Mágoa de Boiadeiro*, diferentemente do filme *O Menino da Porteira*, que se inicia com uma canção na trilha musical e se encerra com outra composição, apresenta uma estrutura distinta: a obra começa com a canção “Mágoa de Boiadeiro” e termina com a mesma música em sua trilha. É possível inferir que a produção e o roteirista compreenderam que a utilização de outra canção não se ajustaria de maneira tão adequada à abertura e ao desfecho da narrativa.

Cabe lembrar que a música “O Menino da Porteira” já havia alcançado grande êxito no filme homônimo *O Menino da Porteira*, no qual Sérgio Reis interpretou um boiadeiro chamado Diogo. Assim, a associação entre personagem, narrativa e repertório musical contribuiu para consolidar determinados elementos simbólicos do universo sertanejo representado na obra.

Situação semelhante ocorre com o personagem interpretado por Walter Raimundo, conhecido como Zé Coqueiro. Trata-se de uma figura cômica marcada por trejeitos que remetem ao estilo de Amácio Mazzaropi, o que reforça a construção humorística do personagem, que também recebe o nome de Zé Coqueiro.

### 3.1.3 O Filho Adotivo (1984)

Figura 21 - Capa e contracapa do DVD



Fonte: Capa e contracapa do DVD – Cinemateca Brasileira: Código do filme *O Filho Adotivo* nº 025362

O filme *O Filho Adotivo*, lançado em 1984, de acordo com a Cinemateca Brasileira<sup>64</sup>, é classificado no gênero de drama rural e apresenta uma narrativa centrada na trajetória de um pai que, embora tenha gerado sete filhos biológicos, encontra cuidado e afeto apenas na fase final de sua vida em um filho adotivo. A obra constitui um relevante registro cinematográfico das transformações sociais e econômicas que incidiram diretamente sobre o mundo do trabalho no meio rural brasileiro. Conforme informações disponibilizadas pela Cinemateca Brasileira, o longa-metragem possui duração de 1'23"21 e foi produzido pelas empresas Madial Filmes Ltda. e Sérgio Reis Produções<sup>65</sup>.

A narrativa do filme acompanha Isidoro, um idoso que vive em um asilo alimentando a esperança de reencontrar Dioguinho, seu filho adotivo desaparecido. Enquanto isso, Dioguinho percorre o interior como peão de rodeio e é acolhido por Diogo, que é um peão dos mais respeitados da redondeza, com quem constrói uma relação de amizade e proteção. A trama se intensifica com a revelação de vínculos familiares inesperados e com os conflitos com o coronel Jatobá, agravados pelo romance entre Dioguinho e Mariana, filha do coronel.

<sup>64</sup> Título: *O Filho Adotivo* – Diretor: Cavalcanti, Deni – Ano: 1984 – País: Brasil – Duração: 93 min. Cinemateca Brasileira. Disponível em: <https://bases.cinemateca.org.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=025362&format=detailed.pft>

<sup>65</sup> Filme: *Mágoa de Boiadeiro*. Canal YouTube RECUERDO LOS CAMINOS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s1ZOWayVqo&t=13s>

O filme se inicia com o toque do sino de uma igreja. Uma missa celebrada por padre Chico, que tenta amenizar o conflito existente entre familiares. Quando o padre começa a pregar, aos 01'10 Zé Coqueiro (Walter Raimundo) aparece fazendo careta de deboche. Observa-se que no terceiro filme de Sérgio Reis o ator Walter Raimundo faz parte do elenco e representa novamente o personagem cômico, inclusive, no personagem Zé Coqueiro. E o roteiro conta com suas cenas humorísticas.

Aos 1'13"46, o boiadeiro Diogo, entre a multidão da festa de casamento de Dioguinho e Mariana, Sérgio Reis avista uma mulher que não para de olhar para Zé Coqueiro, e pergunta para Zé Coqueira: "O Zé, eu posso saber quem é essa dama?" E aponta o dedo para a mulher. Zé Coqueiro responde: "Ah, essa é a Filoca! Num larga 'du' meu pé." Diogo responde: "Ocê é um cara bom pra ela. Vá que dá certo!" Zé Coqueiro balança o pescoço, explora do gesto cômico e diz: "Cavalo num guenta. Sartei de banda!" Diogo sorri. Em seguida, Diogo fala: "Oh pessoal, vou oferecer uma música bem gostosa pra esse casal aqui". Filoca (Jacy Ferreira), que também interpreta um personagem cômico, diz: "Vem, lindo! Vem Zé Coqueiro! Vamos dançar, Zé! Entre salva de palmas, Diogo sobe num palco de madeira no quintal da casa da fazendo e fala: "E ree! Como vai gaiteiro? E Caçulinha! Olha aqui o Caçulinha! O maior sanfoneiro do Brasil! Capricha, Caçula na Panela Velha, que agora o Zé Coqueiro vai dançar com a Filoca!" Enquanto Diogo assume o palco interpretando a música "Panela Velha", acompanhado por Caçulinha no acordeom, Zé Coqueiro e Filoca dançam. Aos 1'18"33, a música "O Filho Adotivo"<sup>66</sup> começa<sup>67</sup>.

### **Trilha: (encerramento)**

#### **O Filho Adotivo (1984)**

Autores: Arthur Moreira; Sebastião Ferreira da Silva

Intérprete: Sérgio Reis

Disco: formato *long-play*

Gravadora: Som Livre

Catálogo: nº 409.6058

Com sacrifício eu criei meus sete filhos  
Do meu sangue eram seis  
E um peguei com quase um mês

---

<sup>66</sup> Música: "O Filho Adotivo". Canal *YouTube* Sérgio Reis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YRh4KeeCAL8>

<sup>67</sup> No desfecho do filme, as cenas passam a abordar a problemática do pai que, apesar de ter gerado numerosos filhos, encontra acolhimento apenas no filho adotivo. A narrativa encerra-se com o reencontro entre o boiadeiro Diogo (Sérgio Reis) e seu filho biológico, o peão de rodeio Dioguinho (Bruno Giordano).

Fui viajante, fui roceiro, fui andante  
 Pra alimentar meus filhos  
 Muitas vezes nem comi  
 Sete bocas inocentes lá em casa  
 Muito pobres, mas contentes  
 Nunca deixei nada faltar  
 Foram crescendo e a vida mais difícil  
 Trabalhei de sol a sol  
 Mas eles tinham que estudar

Meu sofrimento valeu a pena, eu sei  
 Quantas lágrimas chorei  
 Mas tudo foi por amor  
 Sete diplomas, sendo seis importantes  
 Que às custas de uma enxada  
 Conseguiram ser doutor  
 Hoje estou velho, cabelos branqueados  
 Meu corpo todo surrado  
 Minhas mãos já não dão mais  
 Uso bengala e sei que dou trabalho  
 Sei que às vezes atrapalho  
 Meus filhos até demais

Passou o tempo e eu fiquei muito doente  
 Hoje vivo num asilo  
 E só um filho vem me ver  
 Esse meu filho é simples e honesto  
 Vive apenas do trabalho  
 Que encontrou pra viver  
 Faz muito tempo que não vejo os outros filhos  
 Sei que eles estão bem  
 E não precisam mais do pai  
 Mas Deus é grande e ouve minhas preces  
 Esse filho querido  
 Eu sei que ainda vai vencer

Um belo dia ouvi uma voz ao lado:  
 “Pai, eu vim pra te buscar  
 Arrume as malas, pois venci  
 Comprei casa, tenho esposa  
 E o seu neto vai chegar”  
 De alegria eu chorei olhando o céu  
 Obrigado, meu Senhor  
 Minha recompensa chegou  
 Deus proteja os meus seis filhos queridos  
 Mas foi meu filho adotivo  
 Que este velho amparou

Observa-se que o filme se inicia com o som do sino de uma igreja, elemento que contribui para a construção de uma atmosfera simbólica e antecipatória. Ao longo da narrativa, intensifica-se o conflito centrado na trajetória do filho adotivo de Isidoro, que segue a carreira de peão de rodeio e posteriormente revela-se filho biológico de

Diogo. Nesse contexto, a canção “O Filho Adotivo” é incorporada à trilha sonora apenas no desfecho, quando adquire função de síntese narrativa, reforçando e ressignificando os vínculos familiares e os conflitos que estruturam a trama.

### 3.1.4 Comentário sobre os três filmes

As três obras cinematográficas protagonizadas por Sérgio Reis apresentam como eixo narrativo a cultura do homem do campo. Elementos como o sotaque característico, a profissão de boiadeiro e os costumes associados ao cotidiano do sertão constituem aspectos centrais das narrativas. Nesse sentido, observa-se que o cantor estabeleceu, já em seu primeiro filme, *O Menino da Porteira*, uma forte associação com a canção homônima que contribuiu significativamente para sua consolidação no cenário da música sertaneja.

No segundo filme, *Mágoa de Boiadeiro*, buscou-se novamente capitalizar o sucesso obtido anteriormente, apostando em uma temática semelhante; contudo, o resultado não alcançou a mesma repercussão esperada. Situação semelhante ocorreu com o terceiro filme, *O Filho Adotivo*, que também procurou reproduzir elementos narrativos associados ao êxito inicial, sem obter o mesmo resultado.

Observa-se ainda que as produções posteriores parecem ter investido fortemente na fórmula estabelecida por *O Menino da Porteira*. Nos dois filmes realizados após esse primeiro sucesso, Sérgio Reis interpretou novamente um personagem boiadeiro, chamado Diogo, enquanto Walter Raimundo desempenhou o papel cômico de Zé Coqueiro, sugerindo a tentativa de repetir a estrutura narrativa e os tipos de personagens que haviam contribuído para a recepção positiva do filme inaugural. Percebe-se que os roteiros das três obras cinematográficas exploram elementos que compõem a paisagem sonora rural: toque de berrante, sons de cascos de cavalos, gado pelas estradas; especialmente o uso de músicas associadas à cultura do campo, com o objetivo de provocar reação no telespectador.

Conforme apontam Rodrigo Carreiro e Laura Loguercio Cánepa (2025), os elementos audiovisuais de uma obra cinematográfica exercem influência significativa sobre a percepção da plateia:

Toda a superfície sensória do corpo do espectador, ativando a multissensorialidade, em um modo de recepção fílmica no qual a percepção audiovisual pelos corpos da plateia trabalha de forma complexa e simbólica, com os sentidos fisiológicos do ser humano

trabalhando em conjunto e se influenciando mutuamente (Carreiro; Cánepa, 2025).

Os autores afirmam que o processo de recepção de uma obra audiovisual por parte dos espectadores mobiliza e influencia diretamente os sentidos fisiológicos desses indivíduos. Nesse contexto, a experiência de fruição do audiovisual não se restringe apenas à compreensão cognitiva do conteúdo apresentado, mas envolve também a ativação de percepções sensoriais que participam ativamente da forma como a obra é percebida, interpretada e experimentada pelo público. Dessa maneira, os estímulos visuais e sonoros presentes na obra contribuem para desencadear respostas sensoriais que integram o processo de interação entre o espectador e o produto audiovisual.

Em relação ao personagem cômico Zé Coqueiro (Walter Raimundo), nas três obras cinematográficas observa-se a presença de vínculos com a cultura circense, na qual os palhaços figuram entre as principais atrações. Tal aproximação também remete à tradição dos circos itinerantes que percorriam o Brasil nas décadas de 1970 e 1980, espaços em que artistas populares – incluindo cantores sertanejos – frequentemente realizavam apresentações.

Nesse contexto, a produção buscou incorporar elementos humorísticos ao roteiro, dialogando com uma tradição de comicidade associada tanto ao cinema quanto ao espetáculo circense. Essa estratégia pode ser compreendida à luz do sucesso alcançado por Amácio Mazzaropi, cuja trajetória transitou entre o cinema e o circo e estabeleceu forte vínculo com o público do interior.

De modo semelhante, o cantor e ator Sérgio Reis também se inseria nesse circuito de entretenimento popular, realizando shows e apresentações em circos itinerantes, nos quais frequentemente trabalhava como parte da programação artística. É o que o cantor afirma numa entrevista no canal *YouTube* Conceito Sertanejo<sup>68</sup>. Quando o jornalista Cauê Mota pergunta se conheceu o Edson da dupla Edson e Hudson, aos 25'14" Sérgio Reis diz:

O Edson era pequenininho, né. Fazia aquelas coisas, ele era pequeno, O Menino da Porteira, fazia o cenário no circo. Ele tinha cinco anos de idade. Ele que lembrou dessa história. Eu era amigo do pai dele. Eu participava do circo do pai deles. Eu não me lembro nem o nome do circo. Eu cantei em todos (Reis, 2022).

---

<sup>68</sup> Canal *YouTube* Conceito Sertanejo. Acesso em: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rh1zYOvnyhg>. Acesso em: 2 fev. 2025.

Com base nos relatos de Sérgio Reis, compreende-se que sua presença nos palcos dos circos pelo Brasil constituiu um espaço estratégico para consolidar sua imagem no universo da música sertaneja. Proveniente do movimento da Jovem Guarda, o artista passou por um processo de reformulação de sua identidade artística, incluindo mudanças em seu figurino e em sua performance, com o objetivo de aproximar-se de um novo público — o público seguidor da música sertaneja. Nesse contexto, seus filmes também incorporavam a participação do humorista Zé Coqueiro, figura de destaque e principal atração dos espetáculos circenses, reforçando o diálogo entre cinema, música e cultura popular, dinâmica que é analisada na obra *O Som no Cinema Brasileiro* (Costa, 2008), a qual evidencia as articulações entre o universo circense, a música sertaneja e as produções cinematográficas do período:

Em alguns momentos, o som da sequência posterior com relação à imagem. O efeito, no caso específico de *O circo*, quando o que se ouve é um cantador e seu violão, é de que parece não se tratar de som direto, e sim de uma música inserida para comentar uma imagem que vemos (Costa, 2008, p. 142-143).

Fernando Moraes da Costa, ao analisar o filme *O Circo*, discute as relações entre som e imagem no contexto da obra. O autor argumenta que, quando um cantor surge em cena entoando uma canção, não se deve interpretar o som como proveniente de captação imediata; antes, é necessário compreendê-lo como vinculado à imagem que será apresentada na sequência. Nesse sentido, observa-se que Sérgio Reis, no início de sua carreira, buscou difundir sua imagem artística por meio de apresentações em circos. Tal estratégia relaciona-se ao fato de que esses espaços constituíam, naquele período, importantes locais de espetáculo e circulação para cantores do gênero sertanejo.

Além de protagonizar três filmes, Sérgio Reis iniciou sua trajetória na televisão em 1982, ao integrar o elenco da telenovela *Paraíso*, exibida pela TV Globo, interpretando Diogo – curiosamente, nome que também havia sido atribuído aos personagens de seus três filmes anteriores, conforme matéria de Dilva Frazão em seu blog *Biografia*<sup>69</sup>. Em 1990, participou de *Pantanal*, da Rede Manchete, no papel de Tibério Cavalcante, e de *A História de Ana Raio e Zé Trovão*, na qual representou a

---

<sup>69</sup> Blog Biografia. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/sergio\\_reis/](https://www.ebiografia.com/sergio_reis/)

si próprio. Em 1996, atuou em *O Rei do Gado* como Zé Bento. Retornou às novelas em 2006, em *Bicho do Mato* (RecordTV), interpretando Geraldo da Silva. Em 2009, voltou à TV Globo no *remake* de *Paraíso*, como Diogão. Mais recentemente, em 2022, teve breve participação na nova versão de *Pantanal*, na cena do casamento de Zé Leôncio e Filó.

A presença na televisão é de fundamental importância para a reafirmação de seu sucesso artístico e sustentação financeira, a ponto de se tornar um dos primeiros cantores do gênero a possuir ônibus próprio para turnês pelo Brasil.

## **CAPÍTULO IV**

### **DA JOVEM GUARDA AO SERTANEJO NA BUSCA DE FAMA E GRANA... O ARTISTA VISIONÁRIO E O SONHO MILIONÁRIO**

Este capítulo dedica-se à análise das ambiguidades da figura pública de Sérgio Reis, cuja trajetória artística revela um percurso singular de transição da Jovem Guarda para a música sertaneja, movimento que não apenas redefiniu sua identidade musical, mas também ampliou significativamente seu alcance de público e reconhecimento no cenário cultural brasileiro.

Ao longo desse processo, o cantor consolidou uma carreira marcada por expressivo sucesso comercial e acúmulo de capital simbólico, convertendo prestígio artístico em visibilidade social e econômica. Paralelamente, sua imagem pública passou a associar-se de maneira cada vez mais evidente à representação de interesses vinculados ao agronegócio, o que contribuiu para a construção de uma persona que extrapola os limites do campo musical. Nesse contexto, observa-se ainda seu engajamento em esferas políticas, elemento que reforça a complexidade de sua atuação e evidencia as múltiplas dimensões de sua presença na vida pública brasileira, articulando cultura musical de “interesse pessoal”, economia e política em uma mesma trajetória.

#### **4.1 A porteira abriu e o Serjão passou... Um ônibus para fazer seus shows**

Figura 22 - Print do vídeo de Sérgio Reis em seu ônibus de shows



Fonte: Print do vídeo publicado no canal *YouTube* TV MAX

O vídeo publicado no canal *YouTube TV MAX*<sup>70</sup> apresenta Sérgio Reis em seu ônibus particular, adquirido com o objetivo de viabilizar a realização de apresentações musicais em um momento no qual sua trajetória artística e seu reconhecimento como intérprete da música sertaneja já se encontravam amplamente consolidados. A entrevista exibida no referido vídeo foi concedida ao repórter Carlos Nascimento em 1985, aproximadamente uma década após a consolidação da carreira do cantor. Aos 0'26" da gravação, Sérgio Reis cumprimenta o repórter e afirma: "Tá pronta a viola, graças a Deus. Quero chegar cedo porque é uma programação pra chegar até a hora do almoço, pra poder descansar até a hora do show" (Reis, 1985); ao que Nascimento acrescenta, em sua narração: "Sérgio Reis comprou e equipou este ônibus, que hoje é uma verdadeira casa e vale mais de 100 milhões de cruzeiros. Aí dentro ele leva os músicos, as roupas e os instrumentos" (Nascimento, 1985). Na sequência da reportagem, o cantor e o repórter adentram o veículo, que é apresentado como um espaço confortável e funcional, concebido para viabilizar a circulação do artista em turnês pelo território nacional. Confirma-se essa perspectiva também na matéria publicada pela *Folha de S.Paulo* em 9 de outubro de 1984:

Juntos no ônibus – um Scania, motor a turbo, de Sérgio Reis. Conforto não faltaria: São duas camas 'suítes', mais as camas de solteiros, totalizando oito leitos. Os lugares são ocupados pelos músicos da banda e por funcionários da infraestrutura, já que a aparelhagem dos espetáculos segue sempre na bagageira do veículo. Instalados neste ônibus, Reis e os instrumentistas – Alemão, Gaúcho, Eliseu e Toninho – o motorista Tenório e o empresário de campo Lula Vizeu, eles rodam o Brasil inteiro, com uma média de duzentos shows ao ano (Almeida, 1984, p. 25).

Com base na reportagem em vídeo da TV MAX (2021) e na matéria publicada pela *Folha de S.Paulo* (Almeida, 1984), observa-se que o sucesso de Sérgio Reis foi expressivo. Nesse contexto, é possível destacar que, em meio à consolidação de sua trajetória artística, como já mencionamos, participou de telenovelas. É o que mostraremos a seguir.

---

<sup>70</sup> Vídeo: canal *YouTube TV MAX* publicado em 29 de jul. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5HQgX67AHSQ&t=1s>

## 4.2 Escorregou no asfalto e buscou um caminho mais liso... saltou da estrada do sertão, a novela *Paraíso*

Figura 23 – Print foto de Sérgio Reis – Memória Globo



Foto: Acervo/Globo

Fonte: Site Memória Globo

O portal Memória Globo, em matéria publicada em 29 de outubro de 2021, apresenta a primeira versão da telenovela *Paraíso*, exibida em 1982 pela TV Globo. Nessa produção, Sérgio Reis foi convidado a participar não apenas por meio da inclusão da canção *Boiadeiro Errante* na trilha sonora, mas também como ator, interpretando o personagem Diogo — papel que já havia desempenhado anteriormente em produções cinematográficas.

A referida matéria destaca que “a novela retrata, ainda, o universo dos boiadeiros, com rodas de violeiros comandadas pelo peão Diogo, interpretado por Sérgio Reis” (Memória Globo, 2021)<sup>71</sup>. Tal informação é corroborada por entrevista concedida por Sérgio Reis ao canal *YouTube*, especificamente ao canal Inteligência Ltda<sup>72</sup>, vídeo publicado em 22 de fevereiro de 2023, na qual o artista afirma que sua

---

<sup>71</sup> Novela *Paraíso*, 1982 - TV Globo, autor: Benedito Ruy Barbosa, direção: Gonzaga Blota e Ary Coslov. Portal Memória Globo Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/paraíso-1a-versão/notícia/tramas-paralelas.ghtml>

<sup>72</sup> Canal *YouTube* Inteligência Ltda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GDAJlel2giw>

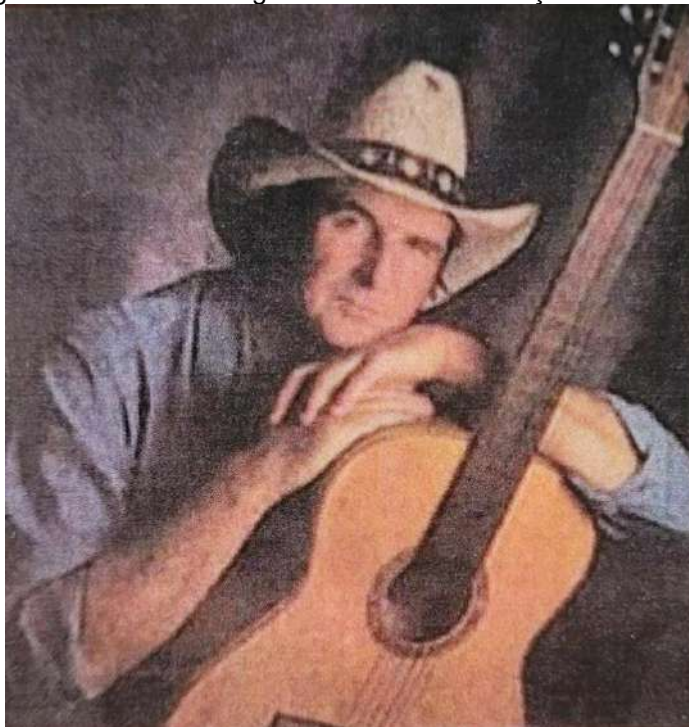
trajetória nesse contexto teve início com o filme *O Menino da Porteira*, que alcançou cerca de quatro milhões de espectadores. Em seguida, menciona sua participação em *Mágoa de Boiadeiro* e ressalta sua proximidade com Benedito Ruy Barbosa, com quem mantinha relação de amizade e vizinhança no bairro de Santana, na zona norte da cidade de São Paulo. Aos 33'05" o cantor diz:

Aí, quando chegou aos anos 80, ele disse que iria fazer a novela *Paraíso*, com Kadu Moliterno, Roberto Bomfim, Cláudio Corrêa e Castro e Jofre Soares, na Globo, novela das seis. O Ruy Barbosa sempre fez novela das seis. Então ele falou: 'Grandão, vou te pôr na novela como ator. Eu escrevo o texto, você é rápido, seja você. Você é largado, você é engraçado, faz o que você tiver vontade. Pegue o texto e fale. Se é um texto sério, vai ter que falar o texto sério. Mas qualquer coisa eu tô aqui. Eu te oriento em tudo. Olha lá, Bentão, Zé Bento, fala bravo. Aí tinha que falar bravo'. Foi assim que comecei. Gostei (Reis, 2023).

Constata-se que Sérgio Reis, desde sua primeira participação em telenovelas, apresentou uma formação essencialmente autodidata, característica igualmente observada em sua atuação nos três filmes que protagonizou; nesse contexto, destaca-se o relato do próprio artista acerca do êxito do filme *O Menino da Porteira*, que alcançou expressiva bilheteria, superando a marca de quatro milhões de espectadores, sendo que tal sucesso, aliado ao vínculo de amizade estabelecido ao longo do tempo com Benedito Ruy Barbosa – com quem, segundo o cantor, mantinha relação de vizinhança –, contribuiu significativamente para sua entrada no meio televisivo. Ademais, é plausível supor que, caso Sérgio Reis tivesse permanecido restrito ao circuito urbano associado à Jovem Guarda, não teria enveredado pelas temáticas do sertão, tampouco assumido a representação do boiadeiro – elemento central de sua consolidação artística e de seu paraíso financeiro –, o que possivelmente teria comprometido o desenvolvimento de sua carreira como ator. Por fim, observa-se uma continuidade simbólica entre cinema e televisão, na medida em que o personagem que lhe conferiu notoriedade em *O Menino da Porteira*, o boiadeiro Diogo, estabeleceu as bases para sua atuação posterior na telenovela *Paraíso*, reforçando a recorrência de tipos e narrativas em sua trajetória artística.

#### **4.3 Sonhou com a fama e o dinheiro, agora o sonho é real... do Menino da Porteira ao Paraíso, chegou ao paraíso do Pantanal**

Figura 24 – Foto de Sérgio Reis – Revista Coração de Boiadeiro



Fonte: Revista Coração de Boiadeiro  
Publicada em 24 de junho de 1990

Apresentaremos a matéria publicada na revista *Coração de Boiadeiro*, que aborda a segunda telenovela da qual Sérgio Reis participou. A referida revista já foi mencionada no primeiro capítulo, ao tratar da fase em que o artista, então vinculado ao movimento Jovem Guarda, buscava também ingressar na carreira de modelo sob o pseudônimo Johnny Johnson. O exemplar utilizado foi localizado no acervo do Centro Cultural São Paulo (CCSP), especificamente na Biblioteca Sérgio Milliet, e data de 24 de junho de 1990. Ano da primeira versão da telenovela *Pantanal* (Memória Globo, 2025)<sup>73</sup>.

Neste momento, propõe-se analisar o percurso de Sérgio Reis após sua atuação no filme *O Menino da Porteira*, que impulsionou sua inserção no universo televisivo, culminando em sua participação na telenovela *Paraíso*. A partir desse período, observa-se a consolidação de sua carreira e de sua estabilidade financeira.

Em 1990, ano de publicação da revista em análise, o artista é novamente convidado a integrar o elenco de uma produção televisiva, desta vez a telenovela

---

<sup>73</sup> Novela *Pantanal*, 1990 - TV Manchete, autor: Benedito Ruy Barbosa. Direção: Jayme Monjardim  
Portal Memória Globo Disponível em:  
<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/pantanal/noticia/pantanal.ghtml>

Pantanal, ocupando o papel de um boiadeiro (Tibério). É possível assistir à novela na *playlist* do canal do *YouTube* “Do Tempo da Onça”<sup>74</sup>. Essa participação marca sua segunda experiência no gênero. Em razão disso, apresenta-se a seguir a reportagem especial da revista *Coração de Boiadeiro*, intitulada “Tibério Milionário”, reproduzida em sua íntegra:

Serjão né bobo não. ‘Tem gancho, vou ganhar dinheiro’. É assim que Sérgio Reis define seu espírito empresarial. E não há melhor ganho que “Pantanal”. Esta semana o compositor lançou seu 27º LP, “Sérgio Reis Pantaneiro”, com músicas da novela. “Tenho de cara 150 mil cópias vendidas.” Sérgio também transforma hobby em forma de dinheiro. Nas horas vagas tira fotos e faz vídeos da equipe, paisagens, animais. O destino das fotos é o álbum de luxo ‘Pantanal’, em cores, sobre a novela. Sérgio ganha noutras pontas: Tibério veste grife Sérgio Reis. A emissora não paga nada, mas é merchandising gratuito. O mesmo vale para o seu hotel-fazenda, o Pousada das Garças, no MT, que a Manchete às vezes recheia de anunciantes. ‘Meu dinheiro aplico em boi, terra. Nada de mercado financeiro.’ Agarrando a oportunidade quando passa selada, o compositor reúne ainda a Sérgio Reis Produções, a transportadora Expresso Pantanal, a fazenda São Judas Tadeu, com 500 bois Nelore, e uma agência de turismo. ‘Se é bom negócio eu topo. Daqui a dois anos pode ser que ninguém fale de mim. Fala, mas não como hoje’ (Marciarj, 1990, p. 1).

Percebe-se que a matéria evidencia traços de arrogância discursiva, na medida em que o enunciador recorre a estratégias de autoexaltação já no título – “Tibério Milionário” –, orientando a leitura para uma construção de prestígio simbólico. Tal orientação se reafirma no início do texto, quando se mobilizam marcas do sotaque caipira em tom lúdico – “Serjão né bobo não” –, articuladas à assertiva “Tem gancho, vou ganhar dinheiro”, que explicita uma racionalidade voltada à exploração de oportunidades midiáticas. Nesse sentido, o “gancho” mencionado pode ser interpretado como recurso estratégico semelhante ao utilizado na canção “O Menino da Porteira”, por meio do qual se viabilizou a transição da estética da Jovem Guarda para o campo do sertanejo, de modo que se pode sustentar que, não fosse por tais expedientes, Serjão não teria se consolidado como representante da cultura musical do sertão.

Para uma melhor compreensão acerca da acumulação de bens materiais por parte do cantor Sérgio Reis, apresenta-se uma entrevista concedida pelo artista ao

---

<sup>74</sup> Canal *YouTube* O Tempo da Onça. Disponível em: <https://www.youtube.com/@dotempodaonca662/playlists>.

canal do *YouTube Cortes Himildão*<sup>75</sup>, publicada em 28 de fevereiro de 2026. Nessa ocasião, o cantor discorre sobre as gravações da telenovela *Pantanal*, realizadas em sua propriedade rural localizada na região do Pantanal mato-grossense. Apresentaremos, com base na inspiração proveniente do roteiro da novela *Pantanal*, alguns episódios vivenciados em sua fazenda, quando Sérgio Reis convidou seu amigo Benedito Ruy Barbosa para passar alguns dias no local. No minuto 02'30", Sérgio Reis afirma:

Eu falei: Ruy, você tá cansado, vamos lá pro Pouso da Garça pra descansar. Pega uns dias lá, vamos pescar. E nós chegamos lá, ele desceu do avião, ele olhou assim e falou: Serjão, eu vou fazer uma novela que eu vou tomar conta do mundo. Vou fazer uma novela que ninguém fez até hoje. Falei: tá bom. E ele foi com isso, já começou a pensar. E nós fomos pescar. E a região do hotel, muito bicho, muita onça, muita anta, muito porco do mato, ele já imaginou tudo. E na nossa fazenda não tinha pasto, era mata brava. Tanto é que uma onça começou a rondar o nosso hotel lá, e, numa noite, ela entrou no galinheiro e matou 86 galinhas. Aquele inferno, aquele pampeiro. Aí eu falei: oh, Gonçalo. Gonçalo era o índio nosso. Falei: Gonçalo, você deixa o menino pequeno aí. O menino tinha uns 8 anos, vamos matar essa onça. Mata uma capivara pequena, pendura na árvore, aqui no galpão, você fica aqui em cima, e vamos pôr uma luzinha em cima do bicho, deixa sangrando. Quando ela vier, você mete bala com calibre 12. E assim foi feito. E matamos essa onça. Ela levou um tiro e fugiu. No dia seguinte, ela tava morta há uns 200 metros na frente (Reis, 2023).

De acordo com os relatos de Sérgio Reis, a inspiração para a novela *Pantanal* teria surgido durante uma visita de Benedito Ruy Barbosa à sua fazenda, ocasião em que o autor se deparou com a abundância de animais silvestres na paisagem natural. No entanto, no que se refere à perspectiva atribuída ao cantor, é possível problematizar a representação do sacrifício de animais como medida de proteção, mesmo quando motivada pela necessidade de resguardar a vida da criança, filho do indígena Gonçalo. Considerando que Sérgio Reis dispunha de recursos financeiros significativos, pode-se argumentar que alternativas menos violentas – como a construção de barreiras físicas para a proteção da residência – poderiam ter sido adotadas.

Em entrevista, Sérgio Reis afirma: “Na época que filmamos, ficamos um ano lá” (Reis, 2023). O cantor relata que Benedito Ruy Barbosa recorreu à participação de diversos de seus empregados na condição de atores, ainda que estes não possuísem formação em artes cênicas. Entre os casos mencionados, destaca-se o de Luiz Henrique Rondon (Ari), piloto de seu monomotor, que interpretou um piloto em

---

<sup>75</sup> Canal *YouTube Cortes Humildão*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CVFHizZil3Q>

razão de seu conhecimento da região. Da mesma forma, seu motorista, Antonio Petrin (Tenório), foi escalado para representar um grileiro de terras.

O entrevistado esclarece que, durante o período de filmagem, a equipe de gravação e o elenco permaneceram hospedados em seu hotel Pouso da Garça, situado em sua fazenda. Ademais, adota um tom bem-humorado ao relatar o convite dirigido a Almir Sater para integrar o projeto. No minuto 17'28", declara: "Almir, a gente vai pescar, nós vamos trabalhar lá, ficar um ano lá dentro, pescando, ainda beijando as mulheres bonitas e ainda ganhando! Aí ele falou, grandão, pensando bem é um bom negócio" (Reis, 2013). Percebe-se que Sérgio Reis apresenta um comportamento de cunho brincalhão; entretanto, sua postura também evidencia traços de autoritarismo, especialmente ao mencionar que as atrizes, ao realizarem a prática de tomar banho de sol para a interpretação das cenas, necessitavam de proteção, pois tinham de permanecer nuas. Aos 22'59", ele afirma:

Porque elas não confiavam muito nos caras lá. Confiavam em mim. Aí, eu tinha uma winchester 44 e uma calibre 12, eu ia com duas espingardas, tinha um canto lá que eu não enxergava elas, entendeu? E pescando, eu pescava, e elas no banho de sol. Pensa numa lambuzeira de creme que elas usavam. Tinham que se preparar pra cena, né. Entendeu? (Reis, 2023).

Os depoimentos de Sérgio Reis acerca da gravação da novela Pantanal evidenciam a confiança estabelecida entre seus amigos. Segundo seu relato, durante as filmagens, toda a equipe de produção sentiu-se à vontade em sua fazenda, o que sugere um ambiente de acolhimento e colaboração, sendo ainda observado outro aspecto referente à postura autoritária atribuída a Sérgio Reis, bem como à sua elevada confiança no uso e posse de armas de fogo.

Embora já tivesse consolidado sua trajetória no universo da música sertaneja, bem como em produções cinematográficas e telenovelas, nota-se que as cenas em que o artista aparece caracterizado como personagens associados ao homem do sertão configuram-se, fundamentalmente, como representações de natureza cênica. Ademais, há indícios de que o cantor ainda preserva uma afinidade afetiva com a música vinculada ao movimento da Jovem Guarda. Esse aspecto será examinado a seguir.

#### **4.4. Lá no sertão, o boiadeiro Diogo encenando: mas o coração do Serjão na Jovem Guarda parece estar pulsando**

Figura 25 – Sérgio Reis dançando ao som da Jovem Guarda



Fonte: Print do vídeo *YouTube* Lucinha Zanetti.

Um vídeo publicado em 15 de outubro de 2022 no canal de *YouTube* de Lucinha Zanetti<sup>76</sup> apresenta um especial realizado na chácara de Sérgio Reis, localizada na cidade de Sorocaba, durante a década de 1990. O encontro reuniu diversos artistas associados ao movimento da Jovem Guarda, entre os quais se destacam Renato e Seus *Blue Caps*, Leno, George Freedman, Wanderley Cardoso, Waldirene, Marcos Roberto e o grupo Os Caçulas, além de outros artistas ligados ao mesmo contexto musical.

No registro audiovisual, observa-se Serjão, apelido pelo qual gosta de ser chamado, em um momento de descontração, está dançando sem o tradicional chapéu associado à sua imagem na música sertaneja. Ele veste figurino da estética da Jovem Guarda, remetendo ao início de sua carreira e sugerindo que, apesar da consolidação no sertanejo, manteve vínculos afetivos e simbólicos com colegas e com o ambiente cultural onde iniciou sua projeção pública.

Esse episódio pode ser interpretado como indício da permanência de referências musicais urbanas em sua identidade artística. A Jovem Guarda, consolidada nos anos 1960, estava ligada a uma cultura urbana influenciada pelo rock internacional e pelos comportamentos juvenis da época. A participação de Sérgio Reis

---

<sup>76</sup> Sérgio Reis dançando ao som da Jovem Guarda. Canal *YouTube* Lucinha Zanetti. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C7AzT4O3-YE>

nesse movimento marcou o início de sua carreira e ajudou a formar suas bases estéticas e performáticas. Embora depois tenha se identificado amplamente com o repertório sertanejo, registros como o encontro em sua chácara sugerem que sua formação musical e seus vínculos afetivos permaneciam associados ao universo da Jovem Guarda.

#### 4.5 É Johnny Johnson ou Sérgio Reis? Bar na Barra da Tijuca em 1996

Figura 26 – Sérgio Reis em 1996 – Barra da Tijuca - RJ



Fonte: Print do vídeo canal *YouTube SuperVipTV*<sup>77</sup>

A pesquisa adentra o círculo de amigos de Sérgio Reis, construído ao longo de mais de uma década, especialmente em função de sua relação com a música da Jovem Guarda. Um vídeo disponível no canal do *YouTube SuperVipTV* publicado em 24 de julho de 2009, registra o artista na residência de Márcio Vip, localizada na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, no ano de 1996.

No registro, Sérgio Reis aparece em clima festivo interpretando a canção “Coração de Papel”, ao lado de Márcio Vip e Wanderley Cardoso. Márcio Vip foi responsável pela formação da banda *Os Vips*, da qual Sérgio Reis integrou durante a década de 1960, utilizando o pseudônimo Johnny Johnson: “Sérgio era o Johnny Johnson, Márcio, o *Jet Williams* e Ronaldo, o *Ronald Red*” (Carvalho, 2018, p. 32).

<sup>77</sup> Canal *YouTube SuperVipTV*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gb2b2epF5Ao>

Esses encontros com antigos colegas da Jovem Guarda evidenciam não apenas a valorização das relações de amizade estabelecidas naquele período, mas também o apreço do artista pelo gênero musical associado ao movimento. Tal migração artística pode ser interpretada como uma estratégia de adaptação às demandas do mercado fonográfico da época, que favorecia a produção e a circulação da música sertaneja no contexto da indústria fonográfica brasileira.

Como será demonstrado a seguir, o artista, ao alcançar a condição de ídolo, passa a assumir um estatuto de natureza soberana perante seus seguidores. Nesse processo, a incorporação de uma cultura artística já consolidada confere-lhe grande poder simbólico, o qual se manifesta em múltiplas dimensões, inclusive no âmbito político: “Numa sociedade aberta, embora a cultura se mantenha independente da vida oficial. É inevitável e necessário que haja relação e intercâmbios entre cultura e política” (Llosa, 2016, p. 117). O autor Mario Vargas Llosa, em sua obra *A civilização do espetáculo*, evidencia o papel do poder político associado à notoriedade do artista, aspecto que será analisado na sequência.

#### 4.6 O cantor aventureiro no Brasil Caminhoneiro

Figura 27 - Sérgio Reis – site Rádio Brasil Caminhoneiro



Fonte: Imagem do site “Rádio Brasil Caminhoneiro”

Uma matéria publicada no G1 (2021)<sup>78</sup> mostra que em paralelo à sua trajetória musical, Sérgio Reis desenvolveu uma extensa carreira no rádio<sup>79</sup>, destacando-se como apresentador do programa *Siga Bem Caminhoneiro*, veiculado por mais de uma centena de emissoras em todo o território nacional. O programa teve início em 14 de maio de 1995, sendo inaugurado com transmissão pelo SBT – Sistema Brasileiro de Televisão. Relacionando sua bem-sucedida carreira como artista da música sertaneja, Sérgio Reis passou a assumir também o papel de representante da classe dos caminhoneiros<sup>80</sup>, segmento que viria a ser identificado como o “Brasil Caminhoneiro”. Foi no exercício da função de apresentador do programa que retratava a vida dos carreteiros pelas estradas do Brasil que o cantor estabeleceu contato com o jornalista Murilo Carvalho, que viria a se tornar seu biógrafo e que atuou como diretor do programa *Siga Bem Caminhoneiro* por mais de três décadas. Nesse mesmo contexto, conviveu com Pedro Trucão, reconhecido como o principal repórter brasileiro especializado em transporte rodoviário de cargas. Pedro Trucão relata alguns fatos que considera importantes:

Eu fazia as reportagens e ele apresentava, lembra Trucão. Depois vieram as inaugurações dos postos Siga Bem, projeto da Petrobras de postos rodoviários com serviços voltados aos caminhoneiros, e nelas eu fazia a apresentação e sempre havia um artista - em muitas dessas inaugurações, que aconteceram em todo o Brasil, esse artista era o Sérgio Reis (Trucão, 2021).

Quando Pedro Trucão relata o surgimento do programa *Siga Bem Caminhoneiro* e destaca a amplitude e a influência que a atração radiofônica alcançou em todo o território nacional, evidencia-se a dimensão sociocultural que o projeto adquiriu junto ao público caminhoneiro. A percepção acerca da grandiosidade do projeto – concebido como uma homenagem aos caminhoneiros brasileiros – é corroborada por matéria publicada no site *O Siga Bem Caminhoneiro acabou? - Pé na Estrada*, em 3 de março de 2023<sup>81</sup>, de autoria de Paula Toco: “Sérgio Reis, que dava voz a uma das versões da abertura do programa” (Toco, 2023). Tal constatação pode ser cotejada com as apontadas Llosa na obra já mencionada, sobretudo no que

---

<sup>78</sup> G1 BBC News. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/08/20/como-sergio-reis-foi-do-menino-da-porteira-a-bolsonarista-investigado-por-possiveis-crimes.ghtml>

<sup>79</sup> Site Rádio Brasil Caminhoneiro. Disponível em: <https://brasilcaminhoneiro.com.br/category/radio/>

<sup>80</sup> Frise-se a relação entre Agronegócio, caminhoneiro, música sertaneja e posicionamento políticos de extrema direita no qual Reis é um dos protagonistas.

<sup>81</sup> TOCO, Paula. *O Siga Bem Caminhoneiro acabou? - Pé na Estrada*. Disponível em: <https://penaestrada.com.br/o-siga-bem-caminhoneiro-acabou/>.

concerne ao protagonismo assumido por figuras midiáticas e à capacidade de artistas de influenciar o debate público e os processos de mobilização no âmbito político.

Ao aprofundarmos a investigação acerca do universo midiático no qual Sérgio Reis buscou consolidar sua aproximação com o público de caminhoneiros, recorreremos à base de dados *Discogs*. A partir dessa consulta, constatamos que, já no início de sua trajetória na música sertaneja, o artista gravou a primeira música com a letra poética voltada aos caminhoneiros: “Em 1976, a canção Caminheiro<sup>82</sup> posteriormente, em 1980, O Lobo da Estrada<sup>83</sup> em 1983, Destino de Carreteiro<sup>84</sup> e, em 1988, no mesmo álbum, as faixas Viajante Solitário<sup>85</sup> e O Pó da Estrada<sup>86</sup>”. Tais produções evidenciam a recorrência temática vinculada ao universo das estradas e à identidade dos caminhoneiros.

Para a fundamentação teórica, mobilizamos a obra *Performance, Recepção, Leitura*, de Paul Zumthor, especialmente no que concerne à emissão da voz poética e ao canto enquanto práticas performativas. Nesse sentido, o autor afirma: “Pensemos nos cantos revolucionários. Os que cantam em público têm a intenção de provocar um movimento de multidão. Diversos meios retóricos, rítmicos, musicais contribuem para esse efeito unânime” (Zumthor, 2007, p. 56). Tal perspectiva nos permite compreender como a musicalidade pode atuar como elemento mobilizador e agregador de públicos específicos.

Nessa perspectiva, observa-se que a popularidade construída no âmbito do entretenimento pode converter-se em capital simbólico com repercussões sociais e políticas concretas. Tal fenômeno pode ser exemplificado pela atuação de Sérgio Reis que, em 2021, associou-se aos caminhoneiros em manifestações que culminaram no bloqueio de rodovias em diferentes regiões do Brasil. Desse modo, confirma-se que a centralidade das figuras artísticas na sociedade contemporânea ultrapassa o campo cultural, alcançando esferas de influência política. É o que evidenciam os relatos do cantor e compositor Renato Teixeira, em entrevista concedida ao jornalista André

---

<sup>82</sup> Música – “Caminheiro” – 1976 - gravadora: *RCA Victor* – catálogo nº 103.0172. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/19959610-S%C3%A9rgio-Reis-Retrato-Do-Meu-Sert%C3%A3o>

<sup>83</sup> Música – “O Lobo da Estrada” – 1980 - gravadora: *RCA Victor* – catálogo nº 103.0373. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/19959610-S%C3%A9rgio-Reis-Retrato-Do-Meu-Sert%C3%A3o>

<sup>84</sup> Música – “Destino de Carreteiro” – 1983 - gravadora: *RCA Victor* – catálogo nº 103.0600. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/8285745-S%C3%A9rgio-Reis-S%C3%A9rgio-Reis>

<sup>85</sup> Música – “Viajante Solitário” – 1988 - gravadora: *RCA Victor* – catálogo nº 103.0055. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/15240932-S%C3%A9rgio-Reis-S%C3%A9rgio-Reis>

<sup>86</sup> Música – “O Pó da Estrada” – 1988 - gravadora: *RCA Victor* – catálogo nº 103.0055. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/15240932-S%C3%A9rgio-Reis-S%C3%A9rgio-Reis>

Piunti, publicada no canal *YouTube*<sup>87</sup>. No depoimento, aos 0'40" de gravação, o entrevistador formula a seguinte pergunta: "Como é que você está diante do Sérgio, vocês têm um projeto muito grande, muito premiado, que é *Amizade Sincera*, como é que foi o seu papo com ele, como é que é sua cabeça em relação a tudo o que está acontecendo" (Piunti, 2021). Piunti, ao empregar a expressão *Amizade Sincera*, faz referência ao projeto homônimo, cujo título remete à canção composta por Renato Teixeira em 1981. Posteriormente, o projeto foi materializado em um DVD gravado ao vivo, lançado no ano de 2010<sup>88</sup>.

No contexto da entrevista, Piunti direciona questionamentos acerca da amizade, considerando que, além do vínculo pessoal, Sérgio Reis mantém com ele uma parceria consolidada em trabalhos artísticos. Aos 0'52" da gravação do vídeo, Renato Teixeira responde: "Antes de ele fazer aquele manifesto, eu já vinha chamando a atenção dele, entendeu? Porque, desde que ele se candidatou a deputado, a primeira coisa que eu fiz foi escrever, nas minhas redes sociais, que eu era absolutamente contra" (Teixeira, 2021). Tal atitude teve resposta vigorosa por parte do Governo Federal<sup>89</sup>.

#### 4.7 Dois reis: um coroa de migração, e o outro coroa de imitação

Neste capítulo, analisa-se como a construção da persona artística de Sérgio Reis engendrou a emergência de imitadores e seguidores, evidenciando quais elementos de sua trajetória contribuíram para a formação de novos produtos e intérpretes no mercado fonográfico.

---

<sup>87</sup> PIUNTI, André. Entrevista exclusiva a Renato Teixeira. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3P2pe7ZswgA&t=9s>.

<sup>88</sup> DOSE DE SUCESSO TV. Renato Teixeira & Sérgio Reis (DVD Ao Vivo). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nyuAQLWmxKY>.

<sup>89</sup> Quando Renato Teixeira menciona os atos promovidos por Sérgio Reis, faz referência à proposta de paralisação de rodovias articulada por este em conjunto com caminhoneiros, no âmbito de mobilizações inseridas no cenário político e caracterizadas por ações de cunho reivindicativo. O que nos mostra uma matéria publicada na Jovem *Pan News* em 20 de agosto de 2021: "O ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, determinou, nesta sexta-feira, 20, que os alvos de uma operação deflagrada hoje com o objetivo de 'apurar o eventual cometimento do crime de incitar a população, através das redes sociais, a praticar atos violentos e ameaçadores contra a democracia, o Estado de Direito e suas instituições, bem como contra os membros dos Poderes', devem manter distância de pelo menos um quilômetro de raio da Praça dos Três Poderes, em Brasília, além dos ministros do STF e dos senadores da República. Entre eles está o cantor Sérgio Reis" (JPNEWS, 2021). J P Vide: NEWS. Hoje existe no Brasil o crime de opinião - Sérgio Reis. *JP News*. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/3-em-1/hoje-existe-no-brasil-o-crime-de-opinioao-diz-constantino-apos-decisao-envolvendo-sergio-reis.html>.

Examina-se, em particular, o caso do cantor Hélió Reis como imitador de Sérgio Reis. Nesse contexto, no ano de 1983, Hélió Reis surge no mercado como seu imitador. O artista gravou quatro álbuns no formato vinil. Em 2010, deixa a carreira do gênero musical sertanejo, e se integra ao gênero brega. Onde participou de coletâneas ao lado de nomes como Ovelha<sup>90</sup>. A inflexão em sua carreira ocorre quando passa a emular a trajetória de Sérgio Reis, especialmente no momento em que este consolida sua transição da Jovem Guarda para a música sertaneja. Nesse contexto, por volta de 1983, Hélió Reis surge no mercado como seu imitador.

Sua produção fonográfica caracteriza-se, sobretudo, pela regravação sistemática do repertório de sucesso de Sérgio Reis. No primeiro lançamento, um compacto simples, grava “Panela Velha” e “Sarita” – gravadora Fermata. Em seguida, no álbum de 1984, amplia esse procedimento ao incluir outras canções consagradas do artista. Tal estratégia atinge seu ápice no disco de 1985, composto integralmente por regravações de sucessos de Sérgio Reis, inclusive, a canção que abriu a porteira para Sérgio Reis da Jovem Guarda ao Sertanejo: “O Menino da Porteira”.

Em 1986, o cantor altera seu pseudônimo para “Hélió Rios” e adota mudanças performáticas, como o uso de lentes de contato. Ainda assim, mantém a imitação por meio da voz, das vestimentas e da construção imagética nas capas e contracapas de seus discos, evidenciando a centralidade na constituição de sua carreira artística.

Figura 28 - Panela Velha \$élio Reis: Rei - coroa de imitação (1983)



Fonte: Fermata nº 80.046

<sup>90</sup> Vídeo Coletânea. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lm9fvxa48zk>.

#### 4.8 O primeiro disco de Hélio Reis - 1983

Percebe-se que, na capa, Hélio Reis adota uma postura que sugere tristeza, olhando para baixo. Tenta emitir um clima de romantismo. Seu figurino já não remete ao estilo da música brega, mas aproxima-se da estética associada ao universo do boiadeiro, evidenciada pelo uso de chapéu – elemento simbólico frequentemente explorado por Sérgio Reis na construção de sua identidade junto ao público sertanejo – uma jaqueta de couro e de lenço no pescoço.

No que diz respeito aos elementos gráficos da capa do álbum, observa-se que a letra inicial do nome “H”, de Hélio, está sobreposta a um “S”, configuração que remete ao símbolo do cifrão (\$), evocando, assim, referências ao mercado financeiro e à moeda vigente à época, o cruzeiro. E ao fixarmos o olhar, também nos remete ao (S) de Sérgio. Na contracapa, repete-se a sobreposição do “H” sobre o “S”, acompanhada da ficha técnica, da identificação da gravadora e do título do álbum, *Panela Velha*.

#### 4.9 Panela Velha e Sarita

Foi possível analisar a música “Sarita”, de Benedito Toledo da Cruz e Santos Rodrigues, por meio do vídeo no canal *YouTube* REDE TRISCH I<sup>91</sup>, álbum gravado no ano de 1984. Já a música “Panela Velha”, de Moraezinho e Auri Silvestre, foi possível analisar no canal *YouTube* REDE TRISCH<sup>92</sup>. Ressalta-se que o primeiro álbum de Hélio Reis, lançado em 1983, encontra-se esgotado no comércio. Observa-se, ainda que o timbre vocal do intérprete apresenta significativa similaridade com o de Sérgio Reis. Nesse sentido, verifica-se que Hélio Reis direcionou sua produção artística à interpretação de canções que já haviam alcançado êxito na voz de Sérgio Reis.

#### 4.10 Análise do timbre de voz de Hélio Reis – em relação à voz de Sérgio Reis

Ao ouvirmos atentamente as duas faixas musicais, “Sarita” e “Panela Velha”, observa-se que o timbre vocal de Hélio Reis e Sérgio Reis apresenta elevado grau de

---

<sup>91</sup> Hélio Reis – E seus Grandes Sucessos - Música “Sarita”. Canal *YouTube* REDE TRISCH I. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Akz1ydI283c>

<sup>92</sup> Hélio Reis – E seus Grandes Sucessos - Música “Panela Velha”. Canal *YouTube* REDE TRISCH. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Iw0WHOGUt54>

similaridade, a ponto de se tornar, em determinados momentos, praticamente indistinguível, dada a notável proximidade entre as características vocais de ambos os intérpretes.

Figura 29 - Sérgio Reis e outros intérpretes: Rei - coroa de imitação (1984)



Fonte: Itamaraty CID nº 2224

#### 4.11 O segundo disco de Hélio Reis – 1984

Observa-se que, na capa, Hélio Reis apresenta-se trajando um figurino característico do universo da música sertaneja, composto por chapéu, camisa de mangas longas e múltiplas correntes dispostas ao redor do pescoço. O cantor posa com o olhar direcionado horizontalmente, enquanto a composição fotográfica o insere emoldurado dentro de um quadro, recurso que contribui para a construção estética da imagem.

Nas legendas, evidencia-se de forma explícita que o artista interpreta sucessos de Sérgio Reis, além de incluir canções de outros intérpretes. Destaca-se, nesse contexto, o uso de letras maiúsculas para grafar o nome “Sérgio Reis”, estratégia que reforça a centralidade e o apelo do repertório associado a esse cantor.

Na contracapa, por sua vez, a gravadora Itamaraty CID utiliza o espaço como estratégia de divulgação de outros artistas de seu catálogo, apresentando imagens das capas de discos desses cantores, o que evidencia uma prática promocional voltada à ampliação da visibilidade de seu elenco artístico.

#### 4.12 As 12 faixas músicas do disco *long-play* de 1984

Ao analisar as 12 faixas que compõem o disco em formato *long-play*, verifica-se que Hélio Reis gravou versões de diversas canções originalmente interpretadas por Sérgio Reis, entre as quais se destacam “Rei do Gado” – trilha sonora da novela homônima da qual o artista participou –, “Chalana”, “Sarita”, “Adeus Mariana”, “Os Três Boiadeiros”, “Rio de Lágrimas”, “Disco Voador” e “O Menino da Gaita”. Esta última alcançou expressiva projeção durante o período da Jovem Guarda, sendo posteriormente regravada pelo próprio intérprete, já consolidado no gênero sertanejo.

Observa-se, ademais, que, para além das canções previamente registradas por Sérgio Reis, o referido intérprete também gravou composições associadas a outros artistas, como “Mesa nº 8”, “Teu Desprezo”, “Cabelo Branco” e “Piracicaba”. Ainda assim, mesmo nessas faixas, mantém-se um padrão interpretativo fortemente pautado na imitação vocal e estilística de Sérgio Reis, alcançando um nível de semelhança tal que o timbre e a impostação vocal tornam-se facilmente confundíveis com os do cantor original, podendo levar o ouvinte, em uma escuta desatenta, a equívocos quanto à identidade de quem interpreta as gravações.

Ao proceder a uma escuta criteriosa das 12 faixas musicais, torna-se possível identificar um elevado grau de semelhança entre os timbres vocais de Hélio Reis e Sérgio Reis. Tal proximidade sonora pode, em determinados momentos, dificultar a distinção imediata entre as vozes dos intérpretes, sobretudo quando analisadas sem o apoio de elementos contextuais adicionais, como arranjos específicos ou características de produção fonográfica.

Figura 30 – Hélio Reis e seus grandes sucessos: Rei - coroa de imitação (1985)



Fonte: Itamaraty CID nº 2227

#### 4.13 O terceiro disco de Hélio Reis – 1985

Na capa do disco em formato *long-play*, correspondente ao terceiro álbum de Hélio Reis, gravado pela gravadora Itamaraty CID no ano de 1985, observa-se a representação do cantor em um ambiente rural, sentado ao lado de uma árvore. O artista aparece em pose contemplativa, com o olhar direcionado ao horizonte, vestindo trajes associados à identidade do cantor de música sertaneja, tais como chapéu, camisa xadrez, colete cinza em harmonia com o chapéu, lenço no pescoço, calça jeans e segurando um violão.

A composição fotográfica sugere uma organização visual em diagonal, evocando a ideia de um enquadramento pictórico. No que se refere à arte gráfica, verifica-se, na parte superior da capa, a presença da legenda “A Revelação da Música Sertaneja”. Logo abaixo, em posição de destaque, encontra-se o nome do cantor, “HÉLIO REIS”, grafado em letras maiúsculas e com tipografia de maior dimensão. Em seguida, apresenta-se a inscrição “E seus grandes sucessos”, também em letras maiúsculas, porém em tamanho inferior. No canto inferior esquerdo da imagem estão dispostos os títulos de seis faixas musicais correspondentes ao lado B do disco, enquanto, no canto superior direito, figuram as seis faixas do lado A. Na contracapa, observa-se a manutenção da mesma proposta gráfica. Contudo, a imagem do cantor é apresentada em preto e branco, posicionada no canto inferior direito. As faixas musicais, referentes aos lados A e B, encontram-se organizadas na lateral esquerda da contracapa.

#### 4.14 As 12 faixas músicas do disco *long-play* de 1985

Ao proceder à análise das 12 faixas que compõem o disco em formato *long-play* – terceiro álbum de Hélio Reis, gravado pela Gravadora Itamaraty CID no ano de 1985 –, observa-se a seguinte organização do repertório: no Lado A, incluem-se “O Menino da Porteira”, “Filho Adotivo”, “Saudade de Minha Terra”, “Mágoa de Boiadeiro”, “Cavalo Preto” e “Coração de Luto”; no Lado B, figuram “Panela Velha”, “João de Barro”, “Baita Macho”, “Boiadeiro Errante”, “Chitãozinho e Xororó” e “Asa Branca”.

A análise paratextual da capa e da contracapa revela que a inscrição gráfica “Hélio Reis – e seus grandes sucessos”, posicionada abaixo do nome do intérprete, apresenta-se em desacordo com o conteúdo efetivo do álbum. Tal incongruência decorre do fato de que as 12 faixas já haviam sido previamente gravadas e

consagradas como sucessos por Sérgio Reis, cuja performance vocal e estilo interpretativo são notoriamente emulados por Hélio Reis ao longo do disco.

Adicionalmente, destaca-se que a canção “O Menino da Porteira” ocupa a primeira faixa do Lado A, configurando-se, portanto, como a faixa de abertura do álbum, o que pode indicar uma estratégia de valorização simbólica de uma obra amplamente reconhecida no repertório sertanejo.

A partir de uma audição analítica das 12 faixas, observa-se um expressivo nível de convergência entre os timbres vocais de Hélio Reis e Sérgio Reis. Essa afinidade acústica pode, em certos trechos, comprometer a identificação imediata dos intérpretes, especialmente quando a análise é realizada sem o suporte de elementos contextuais complementares, tais como particularidades dos arranjos ou aspectos inerentes à produção fonográfica.

#### **4.15 O Imitador Hélio Reis decidiu ser navegador por Rios**

Observa-se que Hélio Reis realizou uma alteração em seu sobrenome artístico, passando de “Reis” para “Rios”. Tal mudança pode ser interpretada como resultado de possíveis pressões externas, especialmente considerando a hipótese de que sua identidade artística anterior estabelecia uma proximidade significativa com a de Sérgio Reis, o que poderia ser entendido como um processo de imitação ou associação direta. Nesse sentido, é plausível supor que tal modificação tenha ocorrido como estratégia de diferenciação no meio artístico ou até mesmo em resposta a eventuais restrições de natureza simbólica ou profissional.

Ademais, uma publicação veiculada no site *Caipira do Sul* reforça essa interpretação ao indicar que Hélio Reis e Hélio Rios correspondem à mesma pessoa. Essa informação contribui para a compreensão do processo de construção e reconstrução da identidade artística do referido cantor, evidenciando que a mudança nominal não implicou a criação de um novo indivíduo artístico, mas sim a reformulação de sua apresentação pública no cenário musical: “Sobre Hélio Rios ser o mesmo Hélio Reis, esta foto polêmica em relação à cor dos olhos pode ser ‘lente de contato’, ou o da foto é apenas uma pose; não é o artista” (Caipira do Sul, 2014).<sup>93</sup>

---

<sup>93</sup> Site – Caipira do Sul. Disponível em: <https://caipiradosul.wordpress.com/2014/08/17/helio-rios-1986-sucessos-sertanejos/>

Figura 31 - Hélio Rios Sucessos Sertanejos: Rios - navegação da imitação (1986)



Fonte: Copacabana, nº 42146

#### 4.16 O primeiro disco de Hélio Reis em (Hélio Rios) – 1986

Na capa do disco em formato *long-play*, correspondente ao quarto álbum do cantor Hélio Reis – que, nesse momento de sua trajetória artística, passa a adotar o nome Hélio (Rios) –, gravado pela gravadora NOVA Copacabana no ano de 1986 e composto por 12 faixas musicais, observa-se, em um enquadramento de primeiro plano (*close-up*), a imagem do artista trajando chapéu de couro marrom, blusa vermelha e um lenço azul ao redor do pescoço; supõe-se que a escolha desse acessório tenha como finalidade estabelecer uma correspondência estética com as lentes de contato azuis utilizadas pelo cantor, ressaltando, assim, a coloração de seus olhos. Ademais, no canto superior esquerdo da capa, destaca-se a inscrição de seu nome artístico, “Hélio Rios”, em letras maiúsculas, possivelmente em associação simbólica ao elemento “rios”, sugerido pela predominância da cor azul, evocando a tonalidade das águas. No canto superior direito encontra-se a legenda “sucessos sertanejos”, grafada em letras maiúsculas, em itálico e na cor branca, sobre um fundo azul, enquanto na parte inferior são apresentados os títulos de oito faixas musicais, ainda que o disco contenha composições distribuídas entre os lados A e B. Na contracapa, por sua vez, observa-se, à margem esquerda e na região central, o nome do cantor em letras maiúsculas, ao passo que, no canto superior direito, reaparece, em destaque e em itálico, a expressão “sucessos sertanejos”; abaixo, são listadas as 12 faixas musicais, organizadas sob as indicações “lado A” e “lado B”, ambas em letras

maiúsculas e em itálico, seguidas dos títulos das canções no mesmo padrão tipográfico; e, por fim, apresenta-se, na parte inferior, a ficha técnica do disco.

#### **4.17 As 12 faixas músicas do disco *long-play* de 1985**

##### *4.17.1 Análise do timbre de voz de Hélio Rios – em relação à voz de Sérgio Reis*

Ao proceder à análise das 12 faixas que compõem o disco em formato *long-play* – quarto álbum de Hélio Reis, que posteriormente alterou seu sobrenome artístico de “Reis” para “Rios”, gravado pela Gravadora Nova Copacabana no ano de 1986 –, observa-se a seguinte organização do repertório: no lado A, incluem-se “Espinheira”, “Baixinha”, “Quebradas da Noite”, “É Disso que o Velho Gosta”, “Seresteiro da Lua” e “Mesa nº 8”; no lado B, figuram “Última Cartada”, “Milagre da Flecha”, “A Noite do Nosso Amor”, “Flor de Lotus”, “Obras de Poeta” e “Fio de Cabelo”. Ressalta-se que foi possível ouvir as 12 faixas musicais no canal do *YouTube* RECUERDO LOS CAMINOS<sup>94</sup>. Observa-se que a voz de Hélio Rios permanece semelhante à de Hélio Reis, mantendo-se igualmente passível de confusão com o timbre vocal de Sérgio Reis. Nesse contexto, constitui fator importante o fato de Hélio Rios ter regravado três canções anteriormente registradas por Sérgio Reis: “É Disso que o Velho Gosta” (faixa 4 do lado A), “Obras de Poeta” (faixa 5 do lado B) e “Fio de Cabelo” (faixa 6 do lado B). Ademais, a faixa 3 do lado A, “Quebradas da Noite” – canção que deu título ao primeiro álbum sertanejo da dupla Chrystian e Ralf e que contribuiu para o reconhecimento artístico da dupla – foi interpretada por Hélio Rios em espanhol; contudo, manteve-se a postura vocal pautada na imitação do estilo interpretativo de Sérgio Reis.

Conforme já mencionado anteriormente, o site *Caipira do Sul* reúne diversos comentários segundo os quais o artista teria adotado lentes de contato para alterar a cor dos olhos, modificado seu sobrenome de “Reis” para “Rios” e mantido características vocais semelhantes às de outro intérprete, conforme expresso no depoimento: “A voz, concordo que é semelhante, para não dizer igual” (Caipira do Sul, 2014). Nesse sentido, levanta-se a hipótese de que Hélio Reis tenha sido advertido

---

<sup>94</sup> Canal *YouTube* RECUERDO LOS CAMINOS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x2PfWKRY2-k>

por Sérgio Reis em virtude de suposta imitação, o que teria motivado a alteração de seu sobrenome artístico; adicionalmente, conjectura-se que mudanças posteriores em sua aparência não tenham sido suficientes para afastar comparações vocais, o que poderia ter contribuído para a ausência de circulação de seu quarto álbum em meios digitais.

#### **4.18 Muitos arriscaram cantar sertanejo... nem todos realizaram o desejo**

Neste subcapítulo busca-se evidenciar artistas que passaram a investir no gênero musical sertanejo com a finalidade de alcançar maior projeção e sucesso no cenário artístico. Inicia-se pela cantora Nalva Aguiar, anteriormente mencionada por Sérgio Reis, o qual relata ter se apresentado em Tupaciguara, cidade natal da artista, durante sua trajetória vinculada à Jovem Guarda, destacando ainda que a canção ‘O Menino da Porteira’ representou um marco em sua transição para o sertanejo. Nesse contexto, observa-se que Nalva Aguiar também integrou o movimento da Jovem Guarda por aproximadamente uma década, iniciando sua carreira fonográfica em 1966 e consolidando sua inserção no gênero sertanejo com o lançamento de seu primeiro disco nesse estilo em 1976. Ao longo desse período, de acordo com a discografia apontada pelo site Recanto Caipira<sup>95</sup>, a cantora gravou 17 discos vinculados à Jovem Guarda, distribuídos entre álbuns em formato compacto e long-play. Apresentam-se, a seguir, o seu primeiro álbum, lançado em 1966, o álbum que antecede sua migração para o sertanejo, datado de 1975, e, por fim, o álbum em que a artista assume de maneira definitiva o gênero sertanejo, evidenciado inclusive por elementos visuais característicos, como o uso do chapéu, no ano de 1976.

---

<sup>95</sup> Recanto Caipira. Disponível em:  
[https://recantocaipira.com.br/duplas/nalva\\_aguiar/nalva\\_aguiar.html](https://recantocaipira.com.br/duplas/nalva_aguiar/nalva_aguiar.html)

Figura 32 - Nalva Aguiar: Garota Diferente (1966)



Fonte: Chantecler, nº 33.6210

#### 4.19 O primeiro disco de Nalva Aguiar em – 1966

Nalva Aguiar realiza a gravação de seu primeiro registro fonográfico no formato de compacto simples, por meio da gravadora *Chantecler*. Esse lançamento inaugural é composto em duas faixas musicais distintas: no Lado 1, apresenta-se a canção “Garota Diferente”, enquanto no Lado 2 encontra-se a faixa “É o Amor” (Amore di tabacco). Dessa forma, observa-se não apenas o início de sua trajetória discográfica, mas também a inserção da artista no mercado fonográfico da época, por meio de um formato amplamente utilizado para a divulgação de novos intérpretes e repertórios.

Observa-se que a artista interpreta uma versão de êxito internacional, a exemplo do que ocorreu com Reis e outros intérpretes. No que se refere à imagem de capa, percebe-se que a cantora posa em movimento ascendente nos degraus de uma escada. A disposição do pé esquerdo à frente sugere uma escolha intencional, possivelmente relacionada ao título do álbum, *Garota Diferente*, reforçando a construção simbólica de uma identidade marcada pela diferença e singularidade.

Figura 33 - Último disco na Jovem Guarda (1975)



Fonte: EPIC, nº 62.280

É altamente plausível que Nalva Aguiar tenha adotado estratégia semelhante à de Sérgio Reis, ao aventurar-se na gravação de uma canção do gênero sertanejo como forma de explorar novas possibilidades e alcançar maior projeção artística. Tal iniciativa sugere não apenas uma tentativa de diversificação de repertório, mas também a adoção de tendências musicais que, à época, demonstravam crescente aceitação popular. Nesse contexto, destaca-se o compacto simples lançado pelo selo Epic (1975), pertencente à gravadora CBS. O disco contém, no lado A, a canção “Beijinho Doce”, enquanto o lado B é composto pela faixa “Antigo como Antes”, evidenciando uma escolha que dialoga tanto com a tradição quanto com a contemporaneidade do repertório sertanejo.

Figura 34 – Beijinho Doce – Migrando ao sertanejo (1976)



Fonte: EPIC, nº 22082

Assim como ocorreu com o cantor Sérgio Reis, observa-se que Nalva Aguiar também apostou na gravação da canção “Beijinho Doce”, obra que já havia alcançado grande êxito anteriormente. A música foi originalmente consagrada pela dupla

sertaneja Irmãs Castro em meados da década de 1940. De acordo com o Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB)<sup>96</sup>, mais precisamente no ano de 1945, as irmãs registraram “Beijinho Doce”, composição de Nhô Pai, pela gravadora Continental, em formato 78 RPM<sup>97</sup>. Observe-se que Aguiar adota o vestuário do nicho sertanejo.

#### **4.20 Era uma vez... falsos gringos migram para o sertanejo, assim como Sérgio Reis**

Segundo o Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira<sup>98</sup>, a dupla Chrystian e Ralf destacou-se no início da carreira interpretando canções em inglês sob o pseudônimo *Charles e Ralf*, prática que reflete a forte influência de repertórios anglo-americanos na música brasileira das décadas de 1970 e 1980. A adoção de um nome estrangeiro e de repertório internacional evidencia tanto uma estratégia de inserção no mercado fonográfico quanto as dinâmicas de circulação cultural e hierarquias simbólicas da época, indicando um diálogo com tendências globais. Esse percurso inicial antecipa o posterior reposicionamento da dupla no sertanejo e revela aspectos importantes sobre construção de identidade artística, adaptação mercadológica e hibridização cultural na música popular brasileira.

---

<sup>96</sup> Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB). Disponível em:

[https://immub.org/busca\\_avancada?musica=beijinho%20doce&interprete\\_1=irm%C3%AAs%20castro&order\\_by=SANO2&order=asc](https://immub.org/busca_avancada?musica=beijinho%20doce&interprete_1=irm%C3%AAs%20castro&order_by=SANO2&order=asc)

<sup>97</sup> Observa-se a expressiva repercussão e inserção da canção nas paradas de sucesso contribuiu para que Nalva Aguiar consolidasse sua identificação com o repertório sertanejo, a exemplo do percurso trilhado por Sérgio Reis; nesse contexto, em 1976, a artista regravou, com êxito, a valsa Beijinho Doce, de Nhô Pai, inicialmente integrada à trilha sonora do filme *O Conto do Vigário*, dirigido por Kléber Afonso e Barros de Alencar, e posteriormente lançada em compacto que ultrapassou a marca de 500 mil cópias vendidas. Em 1977, participou do filme *Entre o Céu e o Inferno*, ao lado da dupla Duduca e Dalvan, e, em 1979, integrou o elenco de *Sinfonia Sertaneja*, juntamente com Geraldo Meirelles e Marcelo Costa (Albin, 2026). Comprova-se, ademais, a trajetória da cantora Nalva Aguiar por meio de dados provenientes de sua biografia, elaborada por Yara Turco (Turco, 1996). Dicionário Cravo Albin – Nalva Aguiar. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/nalva-aguiar/>

<sup>98</sup> Dicionário Cravo Albin – Chrystian e Ralf. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/grupo/chrystian-e-ralf/>

Figura 35 – Charles e Ralf (1972)



Fonte: RCA Victor, nº 33

Recorremos ao canal do *YouTube Vintage Sound Detailing*<sup>99</sup>, por meio do qual foi possível acessar e ouvir as duas faixas em análise: “Roll On Magic Dream”, lado A, e “Sweet Mary”, lado B, interpretadas em língua inglesa pela dupla brasileira *Charles e Ralf*. Esses artistas, que 11 anos mais tarde, em 1983, passaram a adotar o nome artístico Chrystian e Ralf, voltaram-se para o gênero musical sertanejo, consolidando-se como uma das duplas mais representativas e influentes desse estilo, especialmente entre os apreciadores da música associada à cultura e ao imaginário do homem do campo.

Conforme argumenta Evandro Higa (2019), é possível identificar um movimento entre intérpretes brasileiros que se dedicam a reproduzir, com alto grau de fidelidade, os estilos vocais, estéticos e performáticos de artistas estrangeiros. Essa prática evidencia um esforço consciente de edificação de uma imagem de autenticidade, construída a partir da incorporação de elementos culturais provenientes de outros contextos musicais. Em tal dinâmica observa-se a busca desses intérpretes por uma legitimação simbólica, na tentativa de se afirmarem como representantes “genuínos” da música estrangeira, mesmo atuando em um cenário nacional. Essa postura, portanto, expõe as complexas relações entre imitação e originalidade, bem como as tensões que resvalam as fronteiras culturais entre o nacional e o internacional:

<sup>99</sup> Canal YouTube Vintage Sound Detailing. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B70bBu3yD04>

Ao delimitar um *corpus* de prática como ‘autênticos’, exclui-se e desqualifica-se outras sob a alegação de que seriam ingerência estrangeiras – latinas e norte-americanas – impostas pela indústria fonográfica. Essa luta simbólica travada no interior do segmento da música sertaneja é potencializada a partir das décadas de 1960/70 quando grande parte de seus agentes vão paulatinamente reconfigurando elementos musicais e simbólicos como estratégias de sobrevivência, aprofundando a cisão entre os discursos de consagração da ‘verdadeira’ música sertaneja, (ou caipira, dependendo de quem fala, de onde fala, quando fala e porque fala) e o consumo popular de uma música híbrida depreciada pelas elites intelectuais e estigmatizada como ‘alienada’, ‘cafona’ e posteriormente ‘brega’ (Higa, 2019, p. 89).

Pode-se observar que Rita Morelli (1991) corrobora as análises de Higa ao evidenciar as dificuldades enfrentadas pela indústria fonográfica no mercado durante a década de 1970. A autora analisa tal conjuntura ao afirmar que essas dificuldades atuavam “como ilustração das dimensões que o problema da música estrangeira parecia assumir nos anos iniciais da década de 70” (Morelli, 1991, p. 48). Morelli elucida a influência do mercado fonográfico brasileiro nas décadas de 1960 e 1970, período em que diversos intérpretes nacionais passaram a optar pela gravação de repertórios musicais estrangeiros:

Ocorria, entretanto, que uma parte do predomínio da música estrangeira era decorrente de lançamentos que aos olhos da indústria eram vistos como sendo nacionais, dado que eram gravados no Brasil. Entre eles estavam, inclusive, discos de artistas brasileiros que não apenas compunham e interpretavam em inglês, mas também adotavam pseudônimos estrangeiros (Morelli, 1991, p. 50).

Como dissemos anteriormente, a dupla Chrystian e Ralf iniciou a carreira em 1970 sob o nome Os Pássaros e, em 1972, adotou o pseudônimo americanizado Charles e Ralf, gravando em inglês. A consolidação no sertanejo ocorreu apenas em 1983, com o lançamento do primeiro álbum nesse estilo, após 11 anos de trajetória. Nesse intervalo, Chrystian também desenvolveu carreira solo, interpretando temas para telenovelas.

Portanto, a prática de artistas brasileiros interpretarem canções em línguas estrangeiras, frequentemente integradas às trilhas sonoras de telenovelas, está intrinsecamente relacionada às dinâmicas do mercado da indústria fonográfica. Essa relação é discutida por Renato Ortiz (1988) na qual o autor analisa as interações entre

produção cultural, mercado e processos de modernização no contexto brasileiro: “A busca de uma identidade nacional se insere na trama da história brasileira na sua relação com o mundo exterior” (Ortiz, 1988, p. 183). O autor evidencia que esses artistas recorriam ao mercado musical internacional com o objetivo de alcançar o auge de sua carreira: “Podemos ainda descobrir a realidade de outras influências em atividade da cultura popular de massa, como as radionovelas latino-americanas ou a fotonovela italiana” (Ortiz, 1988, p. 192).

Os dados de nossa pesquisa confirmam que, antes de sua consagração como representante da música vinculada à cultura do homem do campo, marcada pela formação da dupla sertaneja com seu irmão Ralf, Chrystian dedicava-se à interpretação de canções em língua inglesa para trilhas sonoras de novelas. Diversas gravações contaram com a participação de seu irmão Ralf, conforme indica matéria publicada pela revista *Caras*<sup>100</sup>, na nota de falecimento do cantor Chrystian, em 20 de junho de 2024, assinada por Juliana Dracz:

Entre 1973 e 1983, a dupla gravou diversas músicas em outro idioma. E muitas delas fizeram parte da trilha sonora de novelas da Globo. Ele disse ter canções em trilhas sonoras de 14 novelas desse período, como *Os Ossos do Barão* (1973), *Carinhoso* (1973), *Pecado Capital* (1975) e *Feijão Maravilha* (1979). Também estiveram em *Pacto de Sangue* (1989) e *O Rei do Gado* (1996) (Dracz, 2024).

De acordo com reportagem publicada pela revista *Caras*, mesmo após a consolidação da dupla no cenário da música sertaneja, em 1983, os artistas continuaram participando de trilhas sonoras de produções televisivas da Rede Globo, como *Pacto de Sangue* (1989) e *O Rei do Gado* (1996). Em nossa pesquisa, constatou-se, mediante consulta ao jornal *Folha de S.Paulo*, edição de 6 de setembro de 1996, a publicação de uma matéria de autoria de Armando Antenore sobre a telenovela *O Rei do Gado*. O texto menciona a participação da dupla Chrystian e Ralf na trilha sonora da obra, por meio da canção “Minha Gioconda”, composição de Vicente Celestino lançada em 1946<sup>101</sup>. Confirmou-se também, por meio do Memória Globo, na seção “Trilha Sonora” da novela *Pacto de Sangue*, publicada em 29 de

---

<sup>100</sup> Revista *Caras*. Disponível em: <https://caras.com.br/atualidades/60-anos-de-sertanejo-e-romantismo-relembre-carreira-de-chrystian.phtml>

<sup>101</sup> FOLHA DE S.PAULO. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/06/ilustrada/37.html>

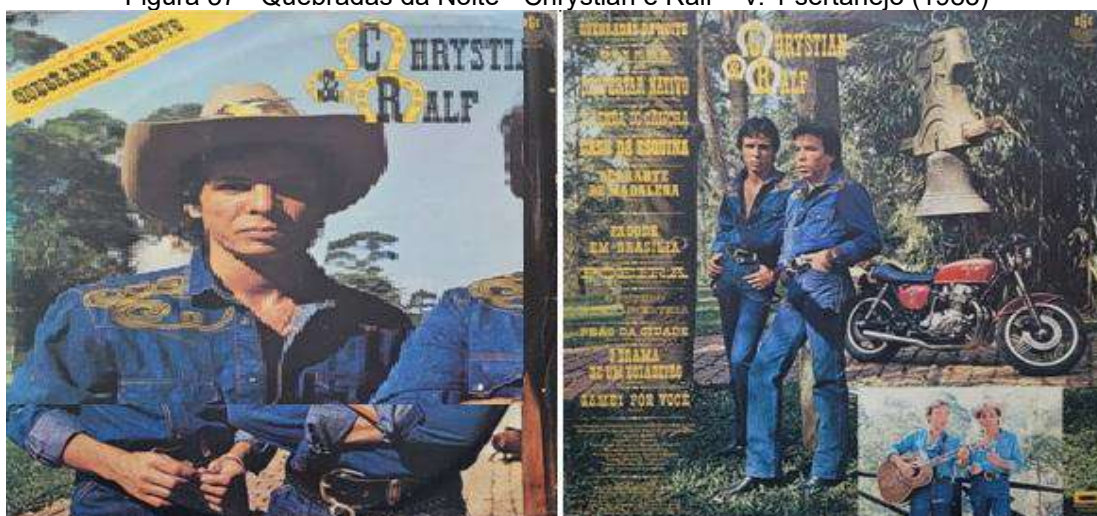
outubro de 2021, a participação da dupla Chrystian e Ralf com a canção “Saudade”, composta por Chrystian e interpretada pela própria dupla<sup>102</sup>.

Figura 36 - Don't say goodbye - Chrystian em inglês – v.1 (1973)



Fonte: Blue Rock Records, nº 525

Figura 37 - Quebradas da Noite - Chrystian e Ralf - v. 1 sertanejo (1983)



Fonte: RGE, nº 306.6035

#### 4.21 Integrante de As Melindrosas... migrou para canções maliciosas

Um breve histórico da trajetória artística de Sula Miranda evidencia que o início de sua carreira esteve voltado ao público infantil, período em que integrou o grupo As Melindrosas, do qual também participava sua irmã Gretchen. O primeiro álbum do grupo foi lançado em formato *long-play* pela gravadora Copacabana em 1978, ano em

<sup>102</sup> Site Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/pacto-de-sangue/noticia/trilha-sonora.ghtml>

que também saiu o segundo volume, seguido do terceiro álbum em 1979, todos em formato *long-play*, produzidos e distribuídos pela mesma gravadora.

Em 1986, Sula Miranda redireciona sua carreira artística, passando a interpretar canções com temáticas mais sugestivas e voltadas ao universo dos caminhoneiros, o que marca sua inserção no gênero. Nesse contexto, destacam-se tanto os discos produzidos com o grupo As Melindrosas quanto o primeiro álbum da cantora nesse novo segmento musical, evidenciando a transição e consolidação de sua identidade artística.

Figura 38 – Disco baby - As Melindrosas, v.1 (1978)



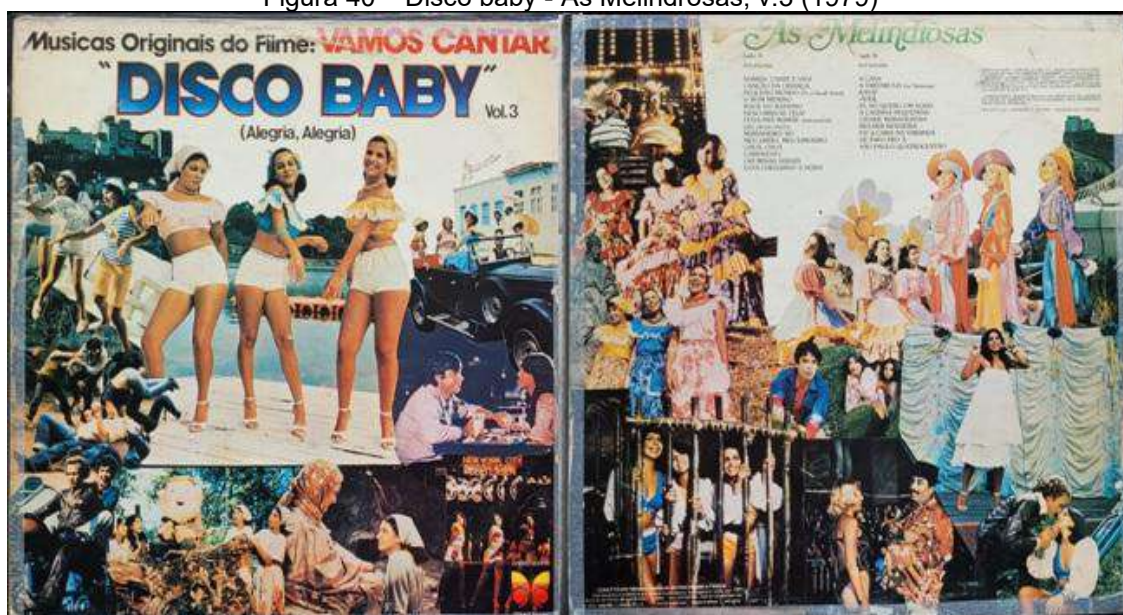
FoFonte: Copacabana, nº 25024

Figura 39 – Disco baby - As Melindrosas, v.2 (1978)



Fonte: Copacabana, nº 25040

Figura 40 – Disco baby - As Melindrosas, v.3 (1979)



Fonte: Copacabana, nº 25046

Figura 41 – Sula Miranda, v.1 (1986)



Fonte: Terra Nova, nº 7.0013

Sula Miranda manteve-se atuante no gênero sertanejo por mais de duas décadas, adotando, à semelhança de Sérgio Reis, o uso do chapéu como elemento de identificação simbólica com o universo rural e seu público. Contudo, conforme registrado no Dicionário Cravo Albin<sup>103</sup>, no início do século XXI, a artista passou por uma transição de gênero musical, direcionando-se à música gospel: “Em 2007, migrou

<sup>103</sup> Dicionário Cravo Albin – Sula Miranda. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/sula-miranda/>

para o movimento gospel e lançou o CD *Coração de Louvor*, pela Line Records” (Dicionário Cravo Albin, 2012). E, em 2012, a cantora retorna para a música sertaneja.

No programa *Viver Sertanejo*, apresentado pelo cantor Daniel e exibido aos domingos pela TV Globo<sup>104</sup>, na edição do dia 15 de março, Sula Miranda participou como convidada. Em sua entrada, chegou montada na égua denominada Lupita, necessitando do auxílio do apresentador para apear do animal, enquanto a presença do chapéu utilizado pela cantora remete simbolicamente à identidade e ao imaginário associados à vida no campo. Durante a entrevista, Sula Miranda relatou o início de sua trajetória na música sertaneja, destacando o encontro com a compositora Fátima Leão, ocasião em que lhe apresentou duas canções, “No Asfalto da Cama” e “Me Liga, Me Chama”, momento que, segundo a artista, marcou o início de sua carreira no universo sertanejo.

#### 4.22 As forrozeiras irmanzinhas vão para o bar das coleguinhas

As forrozeiras de Frank Aguiar recorreram à música sertaneja para brilhar

De acordo com uma matéria do G1<sup>105</sup> publicada em 2016, antes de alcançarem projeção nacional sob a denominação “As Coleguinhas”, Simone Mendes e Simaria Mendes iniciaram oficialmente suas trajetórias musicais à frente do grupo “Pirralhinhas do Forró”, em parceria com o cantor Frank Aguiar. À época, Simária contava com 14 anos de idade, enquanto Simone tinha apenas 12 anos. Após sete anos de atuação como *backing vocals* do cantor, a dupla foi projetada como vocalista principal da banda cearense Forró do Muído, consolidando posteriormente sua inserção nos gêneros forró e sertanejo. Em 2012, desligaram-se da banda com o objetivo de investir na carreira como dupla no segmento sertanejo, culminando, em 2014, no lançamento de seu primeiro álbum nesse gênero musical. Corrobora-se essa informação com o (IMMuB)<sup>106</sup>.

<sup>104</sup> Globoplay – Viver Sertanejo. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/14432013/>

<sup>105</sup> G1 – Simone e Simaria. Disponível em: <https://g1.globo.com/pernambuco/musica/sao-joao-da-capita/2016/noticia/2016/05/coleguinhas-iniciaram-carreira-como-pirralhinhas-do-forro.html>

<sup>106</sup> Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB). Disponível em: Disponível em: [https://immub.org/artista/simone-simaria?interprete\\_1=simone%20e%20simaria](https://immub.org/artista/simone-simaria?interprete_1=simone%20e%20simaria)

Figura 42 - Simone e Simária – vocalistas da banda do Frank Aguiar (1998)



Fonte: SoMZooM, nº 151

Figura 43 – Simone e Simária – vocalistas da banda de Frank Aguiar (2000)



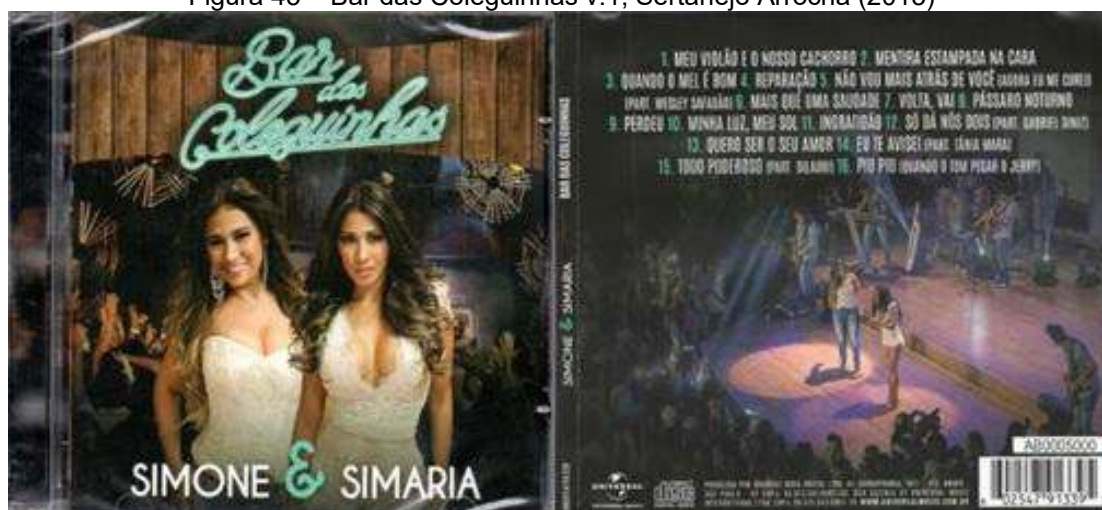
Fonte: Abril Music, nº 7003005-2

Figura 44 – Simone e Simária, v.1, Arrocha (2004)



Fonte: Atracção Fonográfica, nº 11255

Figura 45 – Bar das Coleguinhas v.1, Sertanejo Arrocha (2015)



Fonte: Universal Music, nº 0005000

#### 4.23 Teló do grupo tradição para o gênero musical do sertão...

De acordo com dados biográficos apresentados no Dicionário Cravo Albin<sup>107</sup> da Música Popular Brasileira, o cantor Michel Teló, associado ao estilo denominado “sertanejo universitário”<sup>108</sup>, iniciou sua trajetória artística ainda na infância, quando

<sup>107</sup> Dicionário Cravo Albin – Michel Teló. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/michel-telo/>

<sup>108</sup> “Do banco da universidade ao palco do boteco” – Em minha dissertação de mestrado, *Esse Amor que me Mata... Tristeza do Jeca* (Universidade Paulista – UNIP, 2019), orientada pela Profa. Dra. Heloísa Duarte Valente, apresentamos a dupla João Bosco e Vinícius como precursora do sertanejo universitário. Segundo Alonso (2015, p. 377), a dupla começou a ganhar notoriedade entre universitários de Campo Grande (MS), em 2003, período em que ambos cursavam graduação. Em entrevista ao programa *The Noite* (SBT), João Bosco afirma que o primeiro público fiel da dupla era formado por universitários, repertório que incluía Zezé Di Camargo & Luciano, Chitãozinho & Xororó e

integrou o Grupo Guri, constituído com a colaboração do músico e produtor Ivan Myazato, bem como do empresário e seu irmão Teófilo Teló. Posteriormente, passou a integrar o Grupo Bailanta, no qual interpretava repertório de músicas tradicionais da região Sul do Brasil, realizando apresentações nos estados do Paraná e Santa Catarina.

Ainda na adolescência, Michel Teló, novamente em parceria com Ivan Myazato, fundou a banda Santo Chão, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, ingressando, em seguida, no Grupo Tradição, no qual permaneceu por 12 anos, período em que foi responsável pela produção musical de todos os seus discos, que, incluindo registros em DVD, ultrapassam dez lançamentos.

Em 2009, após sua saída do Grupo Tradição, Michel Teló migrou de forma definitiva para a música do gênero sertanejo, consolidando sua identidade artística no subgênero sertanejo universitário ao iniciar carreira solo, destacando-se com a gravação da música “Ai se Eu te Pego”, que alcançou sucesso em âmbito nacional e, no mesmo ano, atingiu média de público de aproximadamente 25. 000 pessoas em suas apresentações. É o que aponta a obra *Som Livre: Uma Biografia do Ouvido Brasileiro*, do autor Hugo Sukman, sobre a explosão do subgênero música sertaneja, *sertanejo universitário*: “Eis alguns exemplos: ‘Ai se eu te pego’, 2009 com Michel Teló, que virou hit mundial” (Sukman, 2024, p. 210).

Figura 46 – Bendito Seja – Grupo Tradição (2003)



Fonte: Pantanal Discos, nº 2299

---

Sérgio Reis (Bosco, 2015). Antunes reforça essa perspectiva ao afirmar: “Uma dupla considerada precursora do universitário é João Bosco e Vinícius” (2012, p. 90).

Figura 47 – Michel Teló – v.1 sertanejo (2009)



Fonte: Som Livre, nº 1712-2

#### 4.24 Apresentadores de televisão que tentaram a cultura musical do sertão

Figura 48 – Hebe Camargo e Stela... Rosalinda e Florisbela (1944)



Fonte: Biografia de Hebe Camargo

Conforme relatado na biografia da apresentadora Hebe Camargo (falecida em 29 de setembro de 2012), escrita por Artur Xexéo (2017), observa-se que, em 1944, a artista formou uma dupla sertaneja com sua irmã, realizando apresentações frequentes na Rádio Difusora de São Paulo, especialmente no programa *Arraial da Curva Torta*, transmitido ao vivo e apresentado pela consagrada dupla sertaneja Tônico e Tinoco. Nesse contexto, o autor afirma que:

A Difusora estava precisando de uma dupla caipira feminina para substituir Xandica e Xandoca, que haviam deixado o elenco de Arraial da Curva Torta, programa apresentado pelos sertanejos Tônico e

Tinoco. E foi assim que Hebe e Stela viraram Rosalinda e Florisbela (Xexéo, 2017, p. 33).

Assim como em sua biografia, é possível corroborar, por meio do Dicionário Cravo Albin, que a apresentadora Hebe Camargo manteve, no início de sua trajetória profissional, vínculo com o gênero da música sertaneja.

#### 4.25 Marcelo Costa muito apresentou: cantar sertanejo, ele se arriscou

Figura 49 – Grito de Luz – Marcelo Costa (1964)



Fonte: RGE XRLP, nº 5242

O apresentador de um dos mais importantes programas dedicados à música sertaneja, o Especial Sertanejo, exibido pela TV Record entre 1984 e 2000, iniciou sua trajetória artística como cantor no início da década de 1960. Conforme informações do Dicionário Cravo Albin<sup>109</sup>, em 1962 o apresentador gravou seu primeiro disco em formato RPM 78 pela gravadora Chantecler. Como o disco não está disponível no mercado, mostra-se o seu segundo disco em formato *long-play*, ano 1964<sup>110</sup>. Durante aproximadamente 15 anos, Marcelo Costa lançou diversos discos de músicas românticas vinculadas ao estilo da Jovem Guarda. Posteriormente, em 1977, passou a dedicar-se ao gênero sertanejo, ocasião em que lançou seu primeiro álbum nesse segmento, intitulado *Meu Pedaco de Chão*. Confirma-se a informação no Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB)<sup>111</sup>.

<sup>109</sup> Dicionário Cravo Albin. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/marcelo-costa/>

<sup>110</sup> Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB). *Marcelo Costa* – álbum *Grito de Luz*, 1964.

Disponível em: [https://immub.org/album/grito-de-luz-marcelo-costa-interpreta-cid-magalhaes?musica=GRITO%20DE%20LUZ&interprete\\_1=MARCELO%20COSTA](https://immub.org/album/grito-de-luz-marcelo-costa-interpreta-cid-magalhaes?musica=GRITO%20DE%20LUZ&interprete_1=MARCELO%20COSTA)

<sup>111</sup> Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB). *Marcelo Costa* – *Meu Pedaco de Chão* - primeiro álbum sertanejo, 1977.. Disponível em: [https://immub.org/album/marcelo-costa?musica=chofer%20de%20estrada&interprete\\_1=MARCELO%20COSTA](https://immub.org/album/marcelo-costa?musica=chofer%20de%20estrada&interprete_1=MARCELO%20COSTA)

Figura 50 – Meu Pedaco de Chão – Marcelo Costa (1977)



Fonte: CBS, nº 137996

#### 4.26 Religiosos que pregam o caminho do Céu, na aba do chapéu...

O pastor Valdemiro Santiago, que adota o qualificativo de “apóstolo”, à frente da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), inicia sua carreira musical sertaneja na igreja, quando em 2007 grava a canção “O Menino dos Pés Descalços”<sup>112</sup>, que resume sua vida na infância. Em 2013, Valdemiro forma uma dupla sertaneja evangélica, com o seu homônimo, Valdemiro Ferreira, (Goiano) sendo por muitos anos integrante da dupla sertaneja Goiano e Paranaense, tendo gravado a moda de viola “Sujeito Insignificante”<sup>113</sup>.

O padre Alessandro Campos, pertencente à Igreja Católica Apostólica Romana, de acordo com o Dicionário Cravo Albin, gravou, em 2012, seu primeiro álbum. Incluiu em seu repertório a música “Estrada da Vida”<sup>114</sup>, tema de grande sucesso pela dupla Milionário e José Rico, que chegou ao cinema em filme<sup>115</sup> homônimo (1988). Embora vinculados a tradições religiosas distintas – uma de matriz protestante e outra de orientação católica –, compartilham fundamentos no cristianismo e a pregação do caminho do céu. Observa-se, contudo, que ambos recorrem a estratégias semelhantes para a captação e manutenção de fiéis, especialmente por meio do uso

<sup>112</sup> *YouTube* – O Menino dos Pés Descalços. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lcWyTU7hiN0>

<sup>113</sup> *YouTube* – Sujeito Insignificante. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3b4iNmqqEiY>

<sup>114</sup> *YouTube* – Estrada da Vida. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=XgRlcRPPUDc>

<sup>115</sup> Cinemateca Brasileira – Filme Estrada da Vida. Disponível em: <https://bases.cinemateca.org.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IscScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=003370&format=detailed.pft>

da música sertaneja, recurso acompanhado pela adoção de elementos simbólicos associados ao universo rural, com destaque para o uso do “chapéu”, característico do homem do campo. Utilizam-se do cantar e pregar, entoando músicas sertanejas com o chapéu para difundir o caminho do céu, articulando práticas religiosas e expressões culturais populares como forma de transmitir sua mensagem.

A dupla sertaneja evangélica Daniel e Samuel, vinculada ao protestantismo de vertente pentecostal e associada à Igreja Assembleia de Deus, adota a música sertaneja como instrumento de evangelização e sentido de reforçar sua ação.

Figura 51 – O Homem Decepciona, Jesus Cristo Jamais, v.1 (2012)



Fonte: Sony Music, nº 88875043062

Figura 52 - O Menino de Pés Descalços - v.1 (2007)



Fonte: IMPD, nº 7-892774-841902

Figura 53 – Na Hora de Deus – Sujeito Insignificante (2013)



Fonte: IMPD nº 7-898994-355014

Figura 54 – E a Viola pra Jesus – dupla sertaneja evangélica (2012)



Fonte: DS, nº 7-892860-218625

A dupla sertaneja de orientação cristã evangélica, que tem incorporado o uso do chapéu como elemento simbólico em suas apresentações voltadas ao público fiel, evidencia, por meio dessa prática, traços característicos do gênero musical ao qual se vincula. Em seu álbum, a dupla inclui a canção “E a viola pra Jesus”, que também dá nome ao disco. A dupla tem canal próprio na plataforma *YouTube*<sup>116</sup>, o que amplia seu alcance e possibilita maior difusão de sua proposta artístico-religiosa. Os cantores apresentam expressiva inserção nas mídias digitais, reunindo milhões de seguidores

<sup>116</sup> Vide “O Melhor do Sertanejo – Daniel & Samuel” (25 nov. 2017, com duração de 01’06”41) *YouTube* – Daniel e Samuel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FderO86JRw4>

em suas redes sociais. Como exemplo, destaca-se o canal da dupla no *YouTube*, que conta com aproximadamente 1,75 milhão de inscritos.

#### **4.27 O rei que joga rosa... há quatro décadas, une-se à coroa da roça**

Neste momento, cabem algumas palavras sobre a participação de Roberto Carlos no universo da música sertaneja, ao incluir, em seus shows de final de ano, artistas voltados ao gênero. Em 1986, o artista recebeu as duplas Chitãozinho e Xororó e Chrystian e Ralf, bem como o cantor e humorista Ranchinho, conhecido por sua atuação na dupla cômica Alvarenga e Ranchinho, em uma apresentação ambientada em um cenário circense, no qual o próprio Roberto Carlos caracterizou-se como palhaço, conforme registrado em vídeo disponibilizado pela Memória Globo, publicado em 29 de outubro de 2021<sup>117</sup>.

Figura 55 – Especial de Roberto Carlos (1986)

### **Há tempo, joga a flor junto com um beijo... Há quatro décadas, a mídia joga com o sertanejo**



Fonte: Memória Globo

A partir de 1986, a participação de cantores sertanejos nos especiais de fim de ano conduzidos por Roberto Carlos vem sendo regular. Em 2010, destaca-se a presença de Tinoco, então com 89 anos, como convidado do programa. O falecimento de Tonico em 1994, o outro membro da consagrada dupla Tonico e Tinoco, impossibilitou a participação em sua formação original.

<sup>117</sup> Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/musicais-e-shows/roberto-carlos-especial/noticia/anos-1980.ghtml>

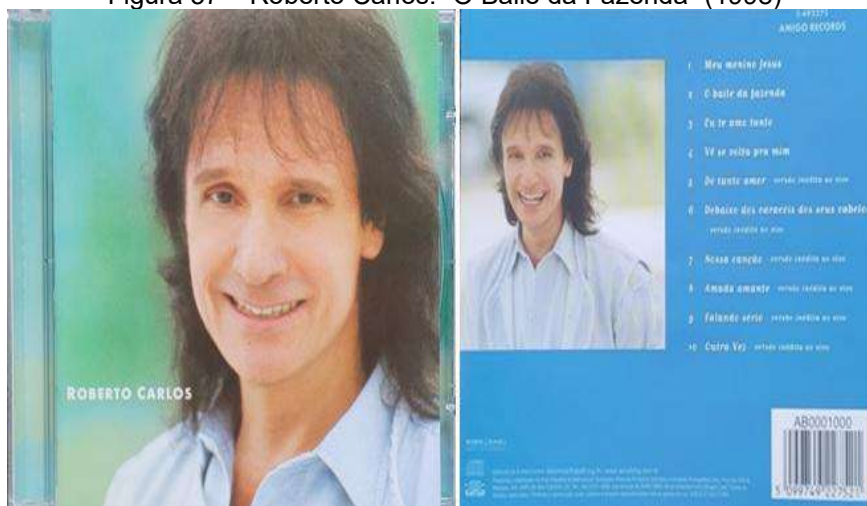
Figura 56 – Tinoco no especial de Roberto Carlos (2010)  
**Tinoco, Chitãozinho & Xororó - 2010**



Fonte: Memória Globo

Em 1998, Roberto Carlos manifestou interesse em gravar uma música em “O Baile da Fazenda”. Em meados da década de 1980, quando o artista passou a se associar a cantores do gênero sertanejo, já se delineava uma estratégia orientada à manutenção de sua relevância e longevidade no cenário musical brasileiro<sup>118</sup>.

Figura 57 – Roberto Carlos: “O Baile da Fazenda” (1998)



Fonte: Sony Music, nº 879.035/2-492275

<sup>118</sup> Ademais, pode-se considerar uma possível motivação adicional para essa aproximação, vinculada a fatores de natureza político-ideológica, uma vez que, conforme pesquisa do Datafolha, assinada por Jader Almeida em 2022, a maioria dos cantores do gênero sertanejo é identificada como alinhada a partidos de orientação política à direita; nesse contexto de continuidade e atualização de sua inserção artística, Datafolha. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2025/04/sertanejo-une-brasileiros-lulistas-e-bolsonaristas-segundo-pesquisa-quaest.shtml?fbclid=iwy2xjawlbzohlehu2a2flbqixmqbicmlketf6depsuvvg2ynphnlzjwlvwar7942nq4lqym5wznulxd8-xez22ersfm2ktbhpon3ws89y-vpjqqjn\\_qmvjdw\\_aem\\_i5phqbhnxhjfvawmxln6gq](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2025/04/sertanejo-une-brasileiros-lulistas-e-bolsonaristas-segundo-pesquisa-quaest.shtml?fbclid=iwy2xjawlbzohlehu2a2flbqixmqbicmlketf6depsuvvg2ynphnlzjwlvwar7942nq4lqym5wznulxd8-xez22ersfm2ktbhpon3ws89y-vpjqqjn_qmvjdw_aem_i5phqbhnxhjfvawmxln6gq).

Em 25 de dezembro de 2010, durante a exibição de seu tradicional especial televisivo, o cantor Roberto Carlos recebeu como convidada a cantora sertaneja Paula Fernandes. O encontro entre os artistas representou uma aproximação entre a música romântica consagrada por Roberto Carlos e o sertanejo contemporâneo em ascensão no cenário musical brasileiro. A parceria também evidenciou a intenção da mídia e da indústria fonográfica de unir diferentes gêneros musicais, buscando ampliar o alcance de público, fortalecer a audiência televisiva e promover novas estratégias de divulgação cultural e comercial.

Figura 58 – Paula Fernandes (2010)

### Paula Fernandes - 2010



Fonte: Memória Globo

Em 2023, Roberto Carlos recebe a cantora Ana Castela, representante da nova geração da música sertaneja, associada ao subgênero denominado “agronejo” – o universo dos grandes produtores rurais, representando o agronegócio e a estética associada a esse subgênero do sertanejo.

Figura 59 – Ana Castela (2023)  
**Ana Castela - 2023**



Fonte: Memória Globo

De acordo com o Dicionário Cravo Albin<sup>119</sup>, o subgênero sertanejo denominado Agronejo consolidou-se com a cantora Ana Castela, após o lançamento da canção *Boiadeira*, em 2021, em parceria com *Us Agrobóy*, cuja proposta estética associa elementos do universo agropecuário à cultura *country*. Em 2022, Castela ampliou sua projeção nacional ao lançar, ao lado de *Melody* e DJ *Chris no Beat*, o *single Pipoco*, que alcançou destaque entre as músicas mais reproduzidas da plataforma de *streaming Spotify Brasil*.

Nesse contexto, o Agronejo configura-se como a mais recente vertente da música sertaneja, sucedendo marcos históricos do gênero, como já abordamos no primeiro capítulo – a Moda Caipira Raiz, associada a Cornélio Pires na década de 1910, o Sertanejo Romântico, representado por Léo Canhoto e Robertinho a partir de 1969, e o Sertanejo Universitário, difundido por João Bosco e Vinícius em 2003.

Assim, o Agronejo caracteriza-se como o atual subgênero sertanejo que associa o agronegócio à estética e à cultura musical sertaneja. Ana Castela é considerada a precursora do atual subgênero sertanejo, destacando-se inicialmente por meio das plataformas digitais. Esse crescimento é evidenciado em matéria publicada pelo G1<sup>120</sup> em 5 de dezembro de 2022, escrita por José Câmara, afirma:

<sup>119</sup> Dicionário Cravo Albin – Ana Castela. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/ana-castela/>

<sup>120</sup> G1 – “Ana Castela representa o sertanejo da geração Z”. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/12/06/ana-castela-representa-o-sertanejo-da-geracao-z-que-une-empoderamento-ao-hit-chiclete-diz-especialista.ghtml>

“Quando olhamos para 2021, o canal da Ana tinha 17 milhões de *views*, em média. Isso pula, em menos de um ano, para 89 milhões de *views* em 2022. Isso mostra um interesse enorme no trabalho que a Ana está fazendo” (Câmara, 2022).

De acordo com o Prof. Dr. Leonardo de Marchi, em entrevista concedida no dia 11 de setembro de 2024, durante o 20º Encontro Internacional de Música e Mídia (MusiMid)<sup>121</sup>, realizado em Santos, a divulgação artística na contemporaneidade tornou-se mais complexa do que nos períodos em que cantores sertanejos dependiam principalmente do rádio e da televisão, especialmente em razão da funcionalidade “turbinar” das redes sociais, que exige investimento financeiro para ampliar o alcance das publicações. Segundo o pesquisador, sem recursos destinados a impulsionamento, os artistas tendem a permanecer com baixa visibilidade nas plataformas digitais, o que permite inferir que a cantora Ana Castela tenha realizado investimentos relevantes em suas redes sociais como estratégia de promoção e expansão de sua imagem artística.

#### **4.28 Reis seria ainda o Johnny Johnson? E o rei adotaria o chapéu?**

A relação artística entre Sérgio Reis e Roberto Carlos consolidou-se progressivamente no âmbito de diferentes projetos musicais, evidenciando um diálogo contínuo entre o universo da música sertaneja e a tradição da música popular brasileira, como se observa desde a participação de Sérgio Reis, em 1996<sup>122</sup>, no especial televisivo de fim de ano de Roberto Carlos – espaço historicamente associado à consagração de grandes nomes da MPB –, passando pelo lançamento do álbum *Nossas Canções*<sup>123</sup>, inteiramente composto por reinterpretações do repertório de Roberto Carlos e cuja divulgação ganhou maior amplitude em 2002, até o reencontro de ambos em 2010 no projeto *Emoções Sertanejas*<sup>124</sup>, quando dividiram

---

<sup>121</sup> Entrevista - Prof. dr. Leonardo de Marchi: pesquisador da indústria cultural nas mídias. Canal *YouTube* ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hjVUMx2-mtc&t=1s>

<sup>122</sup> Memória Globo – Especial de Roberto Carlos – participação de Sérgio Reis, 1996. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3841188/>

<sup>123</sup> Discogs – Sérgio Reis “Nossa Canção”. Disponível em: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/release/10740319-S%C3%A9rgio-Reis-Nossas-Can%C3%A7%C3%B5es?srsltid=AfmBOoBW73CQc1zEMkqgwxEfhi8MJ\\_7XH3FUKgbzkZrmEzGu-oG3tx4](https://www.discogs.com/pt_BR/release/10740319-S%C3%A9rgio-Reis-Nossas-Can%C3%A7%C3%B5es?srsltid=AfmBOoBW73CQc1zEMkqgwxEfhi8MJ_7XH3FUKgbzkZrmEzGu-oG3tx4)

<sup>124</sup> Music – Roberto Carlos... Emoções Sertanejas. Disponível em: <https://music.apple.com/us/song/todas-as-manh%C3%A3s-ao-vivo/508572407>

o palco na interpretação de “Todas as Manhãs”, reafirmando a interseção estética entre suas trajetórias musicais.

Nesse contexto de aproximações e reconfigurações artísticas, emerge uma reflexão de natureza contrafactual sobre até que ponto as trajetórias individuais de ambos os artistas teriam seguido os mesmos caminhos caso tais deslocamentos de gênero e de público não tivessem ocorrido. Isto é, se, na ausência da “abertura da porteira” para Sérgio Reis no universo sertanejo, ele teria permanecido vinculado à identidade artística associada à Jovem Guarda – como Johnny Johnson – e se, por outro lado, o “Rei”, Roberto Carlos, diante de eventuais oscilações em sua consagração na MPB, teria recorrido à estética sertaneja como forma de reinvenção, simbolicamente “colocando o chapéu” e incorporando esse repertório em sua própria trajetória musical.

Figura 60 – Sérgio Reis (1996)



Fonte: Memória Globo

#### 4.29 “O Menino da Porteira” (2ª versão 2009)

A segunda versão do filme *O Menino da Porteira*, lançada em 2009, encontra-se na Cinemateca Brasileira, tendo o cantor Daniel como protagonista, exatamente 55 anos após a composição da canção homônima por Teddy Vieira e Luizinho. A primeira adaptação cinematográfica, lançada em 1977, teve como protagonista o cantor Sérgio Reis, recém-egresso do movimento Jovem Guarda e já reconhecido pelo público sertanejo após gravar a música “O Menino da Porteira”.

Observa-se que ambas as versões foram dirigidas por Jeremias Moreira Filho, estabelecendo uma continuidade estética e narrativa entre as produções. O personagem Diogo, interpretado por Sérgio Reis na primeira versão como um boiadeiro, foi igualmente representado por Daniel na refilmagem de 2009<sup>125</sup>. Da mesma forma, o personagem Rodrigo, o menino responsável por abrir a porteira para o boiadeiro Diogo, foi interpretado por Márcio Costa na versão de 1977 e por João Pedro Carvalho na produção de 2009.

As filmagens da segunda versão ocorreram em uma fazenda localizada em Corumbataí (SP), onde atuei como repórter fotográfico no set de filmagem<sup>126</sup>. Nesse contexto, compreende-se que tanto Sérgio Reis quanto Daniel buscaram estabelecer uma articulação entre a mídia fonográfica e a cinematográfica, ampliando a projeção cultural da obra no cenário sertanejo brasileiro<sup>127</sup>.

Figura 61 – Capa e contracapa do DVD



Fonte: Capa e contracapa do DVD – Cinemateca Brasileira: Código do filme O Menino da Porteira (segunda versão), nº 038063

<sup>125</sup> Título: *O Menino da Porteira* (segunda versão) – Diretor: Moreira Filho, Jeremias – Ano: 2009 – País: Brasil – Duração: 94 min. Cinemateca Brasileira. Disponível em: <https://bases.cinemateca.org.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=038063&format=detailed.pft>

<sup>126</sup> Página Facebook ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô. Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=100063597277341&set=a.1570942855035609>

<sup>127</sup> O tema foi abordado em detalhe no texto: Dois Meninos da Porteira: Tocando em Frente na Poeira. In revista RELACult (no prelo).

#### 4.30 A lenda sertaneja que levou Sérgio Reis ao topo da carreira... saiba quem foi O Menino da Porteira

Figura 62 – Senhor Carmo Lourenço Gomes (2015)



Fonte: Canal *YouTube* João da Filmadora

A canção “O Menino da Porteira”, reconhecida como um marco no repertório da música sertaneja, desempenhou papel decisivo no despertar artístico de Sérgio Reis, influenciado também por sua trajetória na produção musical e por referências como Tony Campelo, conforme discutido anteriormente. Além de contribuir para que Sérgio Reis redefinisse sua identidade artística – adotando elementos visuais e sonoros característicos do gênero sertanejo –, como já mencionamos em páginas anteriores, a obra também impulsionou sua inserção no cinema e exerceu influência sobre o cantor Daniel, que, em 2009, protagonizou o remake homônimo do filme.

Já tratamos exaustivamente da canção “O Menino da Porteira”, que deu origem a várias gravações e filmografia. Agora, porém, é o momento de dar a palavra ao jornalista João Gomes Neto, conhecido como João da Filmadora, experiente em registrar acontecimentos locais. De acordo com seu relato, a gênese da canção remonta a um episódio particular. Em entrevista, declara a Carmo Lourenço Gomes, residente em Campina do Monte Alegre (SP), que a inspiração da canção está associada a uma experiência vivida por Teddy Vieira, que, embora morasse na cidade de São Paulo, mantinha vínculos familiares em um sítio localizado no município de Buri (SP).

Em suas visitas, em viagem de trem, seguida de trajeto em carroça conduzida por um primo, Vieira participava de encontros noturnos com familiares, amigos, com apresentações de violeiros e narrativas do universo sertanejo. Em uma dessas ocasiões, ao atravessar uma estrada arenosa e parar diante de uma porteira, um menino a abriu para sua passagem, recebendo em troca uma moeda. Sensibilizado pela cena, o compositor teria manifestado, naquele momento, a intenção de transformá-la em música, originando, assim, “O Menino da Porteira”. Aos 1’03”<sup>128</sup> do vídeo, conforme relatado por Carmo Lourenço Gomes, segue o trecho do depoimento:

Mas a estrada era cheia de areião, de porteiras, muitas porteiras, muito areião. E ele ia, era pesadão, grandão, de terno, aquele ‘sór’ quente três horas da tarde, e ele reclamou pro primo dele que não aguentava mais abrir aquelas porteiras, desce e sobe na carreta, na carrocinha. Ele tava cansado, e de repente ele disse, ‘eu não aguento mais’. E aparece mais uma porteira onde ele disse, ‘olha mais outra abençoada porteira’. E ele disse, e agora? Nisso, por sorte dele, aparece um menino, saindo duma casinha assim, modesta, e veio lá abrir a porteira, né. E daí, ele pegou, enfiou a mão no bolso, tirou uma moeda, naquele tempo da moeda, e jogou pro menino. A moeda caiu na estrada, assim, que era só areia, o menino pulou em cima e cavocou, cavocou assim, e achou a moeda, mostrou pra ele e agradeceu. Aí ele disse pro primo dele, pro Zeca, vou fazer uma moda desse menino, que vai se chamar O Menino da Porteira. Aí, então, o que ele fez, ele escreveu a letra enquanto ele caçava, ele pescava lá em Buri, e daí, ele chegando em São Paulo, ele deu a letra pro Luizinho e Limeira, e fizeram a música, né. E já gravaram. E tá aí o sucesso até hoje, né (Gomes Neto, 2015).

Conforme relatado por Gomes, trata-se de uma narrativa ficcional, e não de um acontecimento verídico. Não obstante, a lenda “O Menino da Porteira” ultrapassou os limites da oralidade, alcançando significativa projeção no campo musical, como evidenciam diversas composições inspiradas na figura materna do personagem, entre as quais se destacam “A Mãe do Menino da Porteira”, de autoria de Jack, interpretada pela dupla Veloso e Velosinho (Gravadora Continental, nº 1.03.405.213, long-play, 1976), bem como outras versões homônimas lançadas em 1977 pela dupla Calazan e Calimar e, em 1979, por Campos e Campinhos. Soma-se ainda a canção “A Boiadeira”, que aborda a história da irmã do Menino da Porteira, composta por Tonico, Chiquinho e Faísca (Gravadora Chantecler, nº 2.11.405.260, long-play, 1980). Por fim,

---

<sup>128</sup> Depoimento concedido em 14 de maio 2015. *YouTube* – João da Filmadora. Carmo Lourenço Gomes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zRTCugESFFg>

destaca-se a narrativa que apresenta o menino que teria recebido uma moeda na estrada de areão ao abrir a porteira para Teddy Vieira.

Figura 63 – David Comeron (2017)



Fonte: Vídeo canal *YouTube* João da Filmadora

Um vídeo publicado por João da Filmadora, em 23 de maio de 2017, apresenta o depoimento de David Comeron<sup>129</sup> (falecido em 2021), visivelmente emocionado, ao relatar que, de forma recorrente, abria a porteira para os transeuntes que passavam pela estrada, além de indicar o local onde se situava a residência em que vivia. Logo no início da gravação, o depoente afirma que a lenda do “O Menino da Porteira” inspirou-se nele:

Na época eu morava aqui, tinha oito anos. E aqui era um mata-burro. Ali era onde eu ia abrir a porteira. A porteira era ali, era um portão, até não era nem porteira. Eu ia abrir ali, e quando eu vi que era o Teddy Vieira que vinha ali, porque ele que dava mais dinheiro pra gente, pra mim. Então, O Menino da Porteira é eu. E eu catava as moedas a hora que ele jogava. E eu e o meu pai, eu conheci ele no sítio do primo dele. Meu pai pegava, levava eu nas costas. Levava eu nas costas porque aqui eram dois trilhos, passava carro, tudo, eu andava por dois trilhos. Nós ia lá de pé, chegava lá pra assistir o Vieira e Vieirinha, que ele trazia de São Paulo, Valdomiro e Valdemar. Foi lá que eu conheci ele, só que eu tinha uns cinco anos. Depois aqui que eu vim morar com oito anos, que daí que eu comecei abrir a porteira. Catar as moedas que eles jogavam, ele agradecia. Eu dizia, ‘fique com Deus’. Até ontem, comecei a pensar, comecei até a chorar. E hoje tô emocionado de novo, de lembrar essas coisas (Gomes Neto, 2017).

É provável que uma das versões mais emblemáticas associadas à cultura musical do sertão seja a lenda de “O Menino da Porteira”, resultando em debates no município de Ouro Fino (MG), especialmente no que se refere à construção de

---

<sup>129</sup> *YouTube* – João da Filmadora. David Comeron. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=smcR8HR5sgU>

monumentos destinados à atração turística. Parte da população local manifesta discordância quanto aos investimentos realizados pela administração municipal nesse setor, conforme evidenciado em matéria publicada pelo portal G1<sup>130</sup>, que aborda as controvérsias e os ajustes relacionados à implementação dessas obras. Após tais impasses, o monumento denominado “Boi sem coração” foi concluído e passou a integrar o circuito turístico da cidade, recebendo visitantes e suscitando avaliações positivas por parte dos moradores, que parecem ter, em grande medida, reconsiderado suas posições iniciais.

A escultura, com aproximadamente cinco metros de altura e nove metros de comprimento, presta homenagem à canção “Menino da Porteira”, um clássico da música sertaneja que permanece relevante e menciona explicitamente o município em sua letra. Nesse contexto, observa-se que os visitantes frequentemente registram sua passagem por meio de fotografias e expressam apreciação pela obra.

Ao adentrar a cidade, a estátua do “Menino da Porteira” se mantém como um elemento de destaque na recepção aos turistas, enquanto a nova entrada de Ouro Fino, marcada pela abertura de uma alameda, estabelece conexão com outro monumento igualmente inspirado na referida canção.

A canção “O Menino da Porteira” ocupa um lugar significativo na memória da cultura midiática brasileira, sobretudo por articular elementos da tradição sertaneja, da oralidade e do imaginário popular. Em *Cultura e Comunicação de Massa*, Edgar Morin afirma que a sociedade passa a consumir a cultura como mercadoria: “A cultura, de serviço que era, de relação individualizada ou grupo a grupo, torna-se um bem de consumo e, conseqüentemente, uma mercadoria submetida às leis do mercado, à regra do lucro” (Morin, 1971, p. 8). Nessa perspectiva, a cultura deixa de exercer apenas uma função simbólica para integrar a lógica mercadológica.

Embora a narrativa da música seja compreendida como uma lenda, e não como um acontecimento historicamente comprovado, sua força simbólica influenciou diretamente a construção de identidades culturais e estratégias de valorização turística no município de Ouro Fino. A instalação de monumentos inspirados na canção, como as estátuas do “Menino da Porteira” e do “Boi sem coração”, evidencia como produtos culturais midiáticos podem ultrapassar o campo artístico e materializar-

---

<sup>130</sup> G1 A polêmica do Boi sem Coração, 6 jan. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2016/01/apos-polemicas-estatua-boi-sem-coracao-agrada-em-ouro-fino-mg.html>

se no espaço urbano como patrimônio simbólico. Nesse sentido, Paul Zumthor, em *Performance, Recepção, Leitura*, destaca o potencial representativo dos monumentos ao afirmar que “a maior parte dos monumentos ‘poéticos’ pertence, em parte, a outras práticas ‘representativas’” (Zumthor, 2007, p. 49), indicando que a poesia e suas representações visuais produzem efeitos de ação e recepção no imaginário coletivo.

Apesar das controvérsias iniciais relacionadas aos investimentos públicos destinados às obras, os monumentos passaram a integrar o circuito turístico local, promovendo reconhecimento cultural e fortalecendo a relação entre memória coletiva, música popular e desenvolvimento econômico. Desse modo, a permanência de “O Menino da Porteira” no imaginário social evidencia a relevância da música sertaneja como elemento constitutivo da memória cultural brasileira e como instrumento de ressignificação identitária e turística.

Em *A Civilização do Espetáculo*, Mario Vargas Llosa afirma que “numa sociedade aberta, embora a cultura se mantenha independente da vida oficial, é inevitável e necessário que haja relação e intercâmbios entre cultura e política” (Llosa, 2016, p. 117). Tal reflexão permite compreender que as ações desenvolvidas em Ouro Fino revelam a articulação entre cultura, política e interesses econômicos, especialmente diante das polêmicas envolvendo o uso de recursos públicos para a construção de monumentos inspirados na lenda de “O Menino da Porteira”.

Figura 64 – Ouro Fino (MG) - O Menino da Porteira (2016)



Fonte: Publicação G1

Figura 65 – Ouro Fino (MG)- Boi sem Coração (2016)



Fonte: Publicação G1

Figura 66 – Ouro Fino (MG) -Berrante (2016)



Fonte: Publicação G1

Figura 67 - Cantores do gênero e subgênero da música sertaneja



Fontes: Pixabay - Banco de imagens grátis

Figura 68 – Linha do tempo da transformação do gênero musical que nasce no sertão

| 1910                                                                      | 1929                                                                       | 1945                                                                                 | 1969                                                                                                                | 1982                                                                                               | 2003                                              | 2021                                                                                                                                     |
|---------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Cornélio Pires<br>Turma Caipira                                           | Mariano e Caçula                                                           | Tonico e Tinoco                                                                      | Léo Canhoto e Robertinho                                                                                            | Chitãozinho e Xororó                                                                               | João Bosco e Vinícius                             | Ana Castela                                                                                                                              |
| Cornélio Pires foi o Precursor da Cultura Musical do Sertão               | Primeira Dupla a Gravar uma Moda Sertaneja: "Jorginho do Sertão"           | Primeira música que a dupla gravou: "Sertão do Laranjinha".                          | Subgênero Sertanejo: "Inovação da Música Sertaneja"                                                                 | Subgênero Sertanejo: "Explosão da Música Sertaneja"                                                | Subgênero Sertanejo: "Sertanejo Universitário"    | Subgênero Sertanejo: "Agronejo"                                                                                                          |
| A Turma Caipira se apresenta pela primeira vez no Colégio Mackenzie – SP. | A dupla abriu os caminhos para o universo fonográfico da música sertaneja. | A Dupla manteve a cultura musical tradicional do sertão – Denominada (Moda de Raiz). | A dupla substituiu a viola pela guitarra, no entanto, nas poesias das letras sempre homenageando o homem do sertão. | A dupla do conquistando um público jovem a partir da inovação criada por Léo Canhoto e Robertinho. | Do banco da Universidade para a música sertaneja. | A cantora trouxe uma nova roupagem da cultura musical sertaneja, a partir das mídias digitais, misturando o agronegócio com o sertanejo. |

Fonte: Zé Renato Rodrigues (2019)

Por fim, esta pesquisa utiliza como uma de suas fontes a minha dissertação de mestrado, a qual intitulada: *Esse Amor que me Mata... Tristeza do Jeca*, defendida em 2019<sup>131</sup>, a qual subsidia a apresentação da trajetória histórica da cultura musical sertaneja até 2003. E o Dicionário Cravo Albin, que comprova o subgênero Agronejo, com Ana Castela no ano 2021<sup>132</sup>. Para tanto, é construída uma linha do tempo que contempla desde seus primórdios, tendo como marco inicial a atuação de Cornélio Pires, que, em 1910, organizou a Turma Caipira, considerada pioneira na gravação e difusão de músicas representativas da cultura do sertão brasileiro.

A análise abrange as transformações e os desdobramentos do gênero ao longo do século XX e início do século XXI, destacando o surgimento, em 2003, do subgênero denominado Sertanejo Universitário, impulsionado por artistas como a dupla João Bosco & Vinícius. Posteriormente, a partir de 2021, observa-se a ascensão do chamado Agronejo, subgênero representado por Ana Castela, cuja denominação resulta da associação entre os universos da agropecuária e da música sertaneja.

<sup>131</sup> Dissertação - *Esse amor que me mata... Tristeza do Jeca*. Data de defesa: 15/04/2019. Disponível em: <https://repositorio.unip.br/comunicacao-dissertacoes-teses/esse-amor-que-me-mata-tristeza-do-jeca/>

<sup>132</sup> Dicionário Cravo Albin – Ana Castela. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/ana-castela/>

Dessa forma, além de examinar a trajetória de Sérgio Reis e sua migração artís da Jovem Guarda para a música sertaneja, esta pesquisa considera fundamental apresentar os 116 anos de história da cultura musical sertaneja, evidenciando suas permanências, transformações e processos de ressignificação ao longo do tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi compreender os fatores que levaram o cantor Sérgio Reis, após 12 anos inserido no movimento musical da Jovem Guarda, a migrar para o universo da cultura camponesa representada pela música sertaneja. A investigação buscou analisar como um artista nascido e criado em ambiente urbano passou a construir sua imagem pública vinculada ao homem do campo. Além disso, procuramos entender os meios midiáticos utilizados pelo cantor para consolidar sua carreira no segmento sertanejo e verificar se, ainda durante sua trajetória na Jovem Guarda, já demonstrava afinidade com a música sertaneja.

No primeiro capítulo, as análises concentraram-se no repertório interpretado por Sérgio Reis, em suas composições e nas canções de outros autores que gravava, buscando identificar possíveis aproximações com a poética da música sertaneja e com o universo rural. Para isso, analisamos sua produção fonográfica desde o álbum de 1961 até o disco de 1972, que inclui a canção “O Menino da Gaita”, um de seus maiores sucessos, além de “Coração de Papel”, música que o consagrou na Jovem Guarda. As análises demonstraram que já existiam elementos em sua trajetória artística que apontavam para uma identificação com temáticas ligadas ao campo e ao sertanejo.

No segundo capítulo, demonstramos que a transição de Sérgio Reis para a música sertaneja ocorreu de forma gradual e estratégica. A pesquisa destacou o disco de 1973, intitulado *O Menino da Gaita*, no qual o cantor regravou a canção que dá nome ao álbum e, pela primeira vez, interpretou “O Menino da Porteira”. Observamos que, nesse momento, a capa e a contracapa do disco ainda apresentavam o artista com o figurino característico da Jovem Guarda. Entretanto, ao aprofundarmos a análise, verificamos que, em 1975, ao regravar “O Menino da Porteira”, Sérgio Reis já assumia visualmente sua identidade sertaneja, aparecendo de chapéu na capa do disco e incorporando definitivamente a estética do cantor sertanejo.

No terceiro capítulo, aprofundamos a pesquisa nos filmes protagonizados por Sérgio Reis, iniciando com “O Menino da Porteira”, lançado após sua consolidação junto ao público sertanejo. Também analisamos os filmes *Mágoas de Boiadeiro* e *O Filho Adotivo*. As análises evidenciaram que o cantor passou a associar sua carreira musical ao cinema como estratégia de fortalecimento de sua imagem artística no

universo sertanejo. Os três filmes pertencem ao gênero drama rural e apresentam Sérgio Reis interpretando personagens ligados à figura do boiadeiro, ao mesmo tempo em que divulgava suas canções sertanejas, ampliando sua identificação com o público do campo.

No quarto capítulo, discutimos a consolidação da carreira de Sérgio Reis e sua associação ao sucesso financeiro e ao prestígio social. A pesquisa mostrou a aquisição de bens que simbolizavam ascensão econômica, como a compra de um ônibus para a realização de shows. Também abordamos sua participação na telenovela “Paraíso”, em 1982, e posteriormente em “Pantanal”, em 1990, destacando que esta última foi gravada em sua fazenda, período em que o cantor já possuía um avião monomotor. Ainda nesse capítulo, analisamos o surgimento de artistas que imitavam Sérgio Reis, como Hélio Reis, além de discutir como diversos sujeitos passaram a buscar projeção no universo sertanejo, entre eles apresentadores de televisão, cantores de outros gêneros musicais e líderes religiosos que passaram a evangelizar por meio da música sertaneja e da utilização do chapéu como símbolo identitário.

Além disso, o quarto capítulo evidenciou o fortalecimento do vínculo entre artistas sertanejos e os especiais de final de ano de Roberto Carlos, demonstrando a inserção definitiva do sertanejo nos grandes meios de comunicação brasileiros. Também discutimos o surgimento do subgênero conhecido como “Agronejo”, representado pela cantora Ana Castela, que associa elementos do agronegócio à música sertaneja contemporânea.

Nesse sentido, esta pesquisa buscou apresentar um aspecto ainda pouco explorado: a construção da lenda em torno da canção “O Menino da Porteira”. Investigamos as polêmicas existentes no município de Ouro Fino relacionadas aos gastos públicos com monumentos inspirados na música, como as estátuas do menino, do boi “sem coração” e do berrante. A pesquisa reuniu depoimentos que apontam que a inspiração do compositor Teddy Vieira teria surgido em uma estrada de areia no município de Buri, onde um garoto abria uma porteira em troca de moedas. Também apresentamos o depoimento de David Comeron, que afirma ser o menino que inspirou a narrativa da canção.

Dessa forma, consideramos que esta pesquisa possui relevância ao demonstrar como o universo midiático foi fundamental para a consolidação de Sérgio

Reis na música sertaneja, especialmente após o sucesso da canção “O Menino da Porteira”. A investigação evidencia que a trajetória do cantor foi construída não apenas pela música, mas também pelo cinema, pela televisão e pela construção simbólica de uma identidade sertaneja associada ao imaginário rural brasileiro.

Por fim, entendemos que ainda há muitos aspectos a serem aprofundados acerca da trajetória de Sérgio Reis e da própria lenda de “O Menino da Porteira”. Questões como a ausência de David Comeron em programas televisivos para relatar sua versão da história levantam novas possibilidades de investigação sobre os interesses envolvidos na preservação da narrativa mítica em torno da canção, do turismo em Ouro Fino e da própria construção simbólica do sucesso de Sérgio Reis no universo sertanejo.

## REFERÊNCIAS

ADAMI, Antonio. *O rádio com sotaque paulista: Pauliceia radiofônica*. São Paulo: Mérito, 2014.

AGUIAR, Nalva. Recanto Caipira. 2008. Disponível em: [https://recantocaipira.com.br/duplas/nalva\\_aguiar/nalva\\_aguiar.html](https://recantocaipira.com.br/duplas/nalva_aguiar/nalva_aguiar.html). Acesso em: 30 mar. 2026.

ALBIN, Ricardo Cravo. Ana Castela. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/ana-castela/>. Acesso em: 11 maio 2026.

ALBIN, Ricardo Cravo. Biografia de Bob Nelson. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. 1996. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/bob-nelson/>. Acesso em: 12 set. 2024.

ALBIN, Ricardo Cravo. Chrystian e Ralf. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/grupo/chrystian-e-ralf/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

ALBIN, Ricardo Cravo. Hebe Camargo. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/hebe-camargo/>. Acesso em: 2 nov. 2024.

ALBIN, Ricardo Cravo. Mariano e Caçula. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/grupo/cacula-e-mariano/>. Acesso em: 12 set. 2024.

ALBIN, Ricardo Cravo. Michel Teló. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/michel-telo/>. Acesso em: 8 nov. 2025.

ALBIN, Ricardo Cravo. Nalva Aguiar. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/nalva-aguiar/>. Acesso em: 11 out. 2025.

ALBIN, Ricardo Cravo. Sula Miranda. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/sula-miranda/>. Acesso em: 4 dez. 2025.

ALMEIDA, Miguel de. As histórias de Sérgio Reis. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 9 out. 1984. Acervo da Discoteca Oneyda Alvarenga, Centro Cultural São Paulo (CCSP).

ALONSO, Gustavo. *Cowboys do asfalto: música sertaneja e modernização brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ALVES, Bernardo Marquez. Trilha sonora: o cinema e seus sons. *Novos Olhares*, São Paulo, 30 dez. 2012. Disponível em: [https://revistas.usp.br/novosolhares/pt\\_BR/issue/view/4575](https://revistas.usp.br/novosolhares/pt_BR/issue/view/4575). Acesso em: 21 jul. 2025.

ANTUNES, Edvan. *De caipira a universitário: a história do sucesso da música sertaneja*. São Paulo: Matrix, 2012.

ARQUIVO MARCELO BONAVIDES. Estrelas que nunca se apagam: lembrando Bob Nelson. 12 out. 2025. Disponível em: <https://www.marcelobonavides.com/2019/08/bob-nelson-10-anos-de-saudade.html>. Acesso em: 2 set. 2025.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. São Paulo: Parábola, 2016.

BARCINSKI, André. *Pavões misteriosos: 1974-1983, a explosão da música pop no Brasil*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

BECERRA JÚNIOR, Joe. *Lana*. [Vídeo]. YouTube, 18 jul. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9lqyD18cWtQ>. Acesso em: 25 jan. 2025.

BECERRA JÚNIOR, Joe. *Por que sou bobo assim?* [Vídeo]. YouTube, 7 set. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=19qhbeuGMSw>. Acesso em: 23 jan. 2025.

BELMONTE E AMARÁI. *Saudade de minha terra*. [Vídeo]. YouTube, 17 jul. 2025. Gravação de 1967. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1DI6S92cV4M>. Acesso em: 12 set. 2025.

BORDWELL, David. *O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos*. Tradução de Fernando Mascarello. São Paulo: Senac, 2013.

BOUZADA, Maria Angélica. Blog Brasil Digital: dossiê de publicações seriadas, história, memória e documentos. 7 out. 2024. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/coordenacao-de-publicacoes-seriadas/mostras/as-fotonovelas-no-acervo-da-fbn/>. Acesso em: 4 jul. 2025.

BLOGNEJO. *Sérgio Reis: entrevista exclusiva*. Entrevistador: Ricardo Matias Tattoo. YouTube, 9 fev. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=50o7Shw-zxU>. Acesso em: 18 fev. 2025.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANHOTO, Léo. Homenagem a Léo Canhoto. In: RODRIGUES, Zé Renato. *A modernização da música sertaneja: a contribuição de Léo Canhoto e Robertinho para o gênero*. In: CHIARIONI, Bruno; BIEGING, Patrícia (org.). *Horizontes midiáticos: aspectos da comunicação na era digital*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2016. Disponível em: <http://surl.li/rpnyyu>. Acesso em: 30 mar. 2026.

CARREIRO, Rodrigo; CÁNEPA, Láura Loguercio. *Cinema de horror: uma introdução*. São Paulo: Gênio Editorial, 2025.

CARVALHO, Murilo. *Sérgio Reis: uma vida, um talento*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2009.

CARVALHO, Murilo. *Sérgio Reis: uma vida, um talento*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2018.

CHIARIONI, Bruno; BIEGING, Patrícia (org.). *Horizontes midiáticos: aspectos da comunicação na era digital*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2016.

CHITÃOZINHO E XORORÓ. Entrevista concedida a Zé Renato. [Vídeo]. Canal YouTube ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô, 13 ago. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iHXG3sJoLAo>. Acesso em: 30 mar. 2026.

CINEMATECA BRASILEIRA. *Estrada da vida*. Filmografia. 1981. Disponível em: <https://bases.cinemateca.org.br/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

CINEMATECA BRASILEIRA. *Mágoa de boiadeiro*. Filmografia. 1978. Disponível em: <https://bases.cinemateca.org.br/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

CINEMATECA BRASILEIRA. *O Filho Adotivo*. Filmografia. 1984. Disponível em: <https://bases.cinemateca.org.br/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

CINEMATECA BRASILEIRA. *O Menino da Porteira*. Filmografia. 1977. Disponível em: <https://bases.cinemateca.org.br/>. Acesso em: 14 maio 2025.

CINEMATECA BRASILEIRA. *O Menino da Porteira*. Filmografia. 2009. Disponível em: <https://bases.cinemateca.org.br/>. Acesso em: 14 maio 2025.

CONCEITO SERTANEJO. *Sérgio Reis no Conceito Talk Show*. [Vídeo]. YouTube, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rh1zYOvnyhg>. Acesso em: 2 fev. 2025.

CORRÊA, Willian; TAIRA, Ricardo. *A história de Rolando Boldrin: Sr. Brasil*. São Paulo: Contexto, 2017.

CORTES HUMILDÃO. *Sérgio Reis e as histórias por detrás da novela Pantanal*. [Vídeo]. YouTube, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CVFHizZil3Q&t=674s>. Acesso em: 2 maio 2026.

COSTA, Fernando Moraes da. *O som do cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

CUNHA, Clery. Entrevista concedida a Zé Renato, mediante autorização prévia para uso de imagem. [Vídeo]. Canal YouTube ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô, 2 jul. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=swb4f2cl-PE>. Acesso em: 30 mar. 2026.

DANIEL & SAMUEL. *O melhor do sertanejo*. [Vídeo]. YouTube, 25 nov. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FderO86JRw4>. Acesso em: 5 abr. 2026.

DESTINO soberano: história de vida de Aparecido Donizeti Rodrigues (Zé Renato). Documentário. Apresentação: Luciene Cunha. São Paulo: Cine Olido, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V8ITSLOSaTQ&t=4s>. Acesso em: 30 mar. 2026.

DIAS, Henrique Alessandro Cavichia. *Do iê iê iê ao eê boi: Sérgio Reis e a modernização da música sertaneja (1967-1982)*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/d636da78-b4de-4e45-b465-36b840f6abdf/content>. Acesso em: 4 abr. 2025.

DIAS, Saulo Sandro Alves. *O processo de escolarização da viola caipira: novos violeiros (in)ventando modas e identidades*. São Paulo: Humanitas, 2012.

DISCOGS. *Álbum Nossas Canções*. Sérgio Reis. Disponível em: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/release/10740319-S%C3%A9rgio-Reis-Nossas-Can%C3%A7%C3%B5es](https://www.discogs.com/pt_BR/release/10740319-S%C3%A9rgio-Reis-Nossas-Can%C3%A7%C3%B5es). Acesso em: 10 jun. 2025.

DISCOGS. *Caminheiro*. Composição de Jack, 1976. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/19959610-S%C3%A9rgio-Reis-Retrato-Do-Meu-Sert%C3%A3o>. Acesso em: 2 maio 2026.

DISCOGS. Chrystian: discografia solo cantando em inglês. Disponível em: <https://www.discogs.com/artist/1147109-Chrystian>. Acesso em: 16 dez. 2025.

DISCOGS. *Destino de Carreteiro*. Composição de Pedro Aurélio, 1983. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/8285745-S%C3%A9rgio-Reis-S%C3%A9rgio-Reis>. Acesso em: 2 maio 2026.

DISCOGS. *El Chico de la Armónica*. Composição de Fernando Arbex, 1971. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/3679185-Micky-El-Chico-De-La-Arm%C3%B3nica>. Acesso em: 21 jan. 2024.

DISCOGS. *O Lobo da Estrada*. Composição de Paulo Simões e Pedro Aurélio, 1980. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/19959610-S%C3%A9rgio-Reis-Retrato-Do-Meu-Sert%C3%A3o>. Acesso em: 2 maio 2026.

DISCOGS. *O pó da estrada*. Composição de Luiz Carlos Sá, Zé Rodrix e Guarabyra, 1988. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/15240932-S%C3%A9rgio-Reis-S%C3%A9rgio-Reis>. Acesso em: 2 maio 2026.

DISCOGS. *Viajante solitário*. Composição de Cezar e Edinho da Mata, 1988. Disponível em: <https://www.discogs.com/release/15240932-S%C3%A9rgio-Reis-S%C3%A9rgio-Reis>. Acesso em: 2 maio 2026.

DOSE DE SUCESSO TV. *Renato Teixeira & Sérgio Reis (DVD Ao Vivo) - Amizade Sincera*. [Vídeo]. YouTube, 4 dez. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nyuAQLWmxKY>. Acesso em: 17 fev. 2026.

DRACZ, Juliana. 60 anos de sertanejo e romantismo: relembre a carreira de Chrystian. *Caras*. Disponível em: <https://caras.com.br/atualidades/60-anos-de-sertanejo-e-romantismo-relembre-carreira-de-Chrystian.phtml>. Acesso em: 16 dez. 2025.

ESPINOSA GARCIA, Waldemar. *Música Será*. [Vídeo]. Canal Nostalgia Anos Dourados. YouTube, 19 fev. 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=uFGFv7Qs\\_DU](https://www.youtube.com/watch?v=uFGFv7Qs_DU). Acesso em: 18 abr. 2024.

FINOTTI, Ivan. [Título da matéria]. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14 nov. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv1411199908.htm>. Acesso em: 13 mar. 2025.

FOLHA DE S.PAULO. Chrystian e Ralf. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 6 set. 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/06/ilustrada/37.html>. Acesso em: 19 dez. 2025.

FRANCO, Maria José. Entrevista concedida a Zé Renato. [Vídeo]. Entrevista realizada em 21 abr. 2024, em Mairiporã (SP). Canal YouTube ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô, 18 maio 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ILl7RnsA7Ow>. Acesso em: 30 mar. 2026.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Sérgio Reis. *eBiografia*, 1 mar. 2024. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/sergio\\_reis/](https://www.ebiografia.com/sergio_reis/). Acesso em: 2 mar. 2026.

FRÓES, Marcelo. *Jovem Guarda: em ritmo de aventura*. São Paulo: Editora 34, 2000.

FURTADO, Capitão (Ariovaldo Pires). *Viola caipira ou sertaneja*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), 1985.

GARCIA, Roosevelt. 15 artistas brasileiros que cantavam em inglês nos anos 70. *Veja São Paulo*. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/15-artistas-brasileiros-que-cantavam-em-ingles-nos-anos-70/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

GENTILI, Danilo. *The Noite: entrevista com João Bosco e Vinícius*. [Vídeo]. Canal The Noite com Danilo Gentili. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R85hO74iK8k>. Acesso em: 9 out. 2017.

GLOBOPLAY. *Viver Sertanejo: Sula Miranda*. 15 mar. 2026. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/14432013/>. Acesso em: 1 abr. 2026.

G1. Ana Castela representa o sertanejo da geração Z que une empoderamento ao hit chiclete, diz especialista. 6 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/12/06/ana-castela-representa-o-sertanejo-da-geracao-z-que-une-empoderamento-ao-hit-chiclete-diz-especialista.ghtml>. Acesso em: 4 abr. 2026.

G1. Após polêmicas, estátua do boi sem coração agrada em Ouro Fino (MG). 6 jan. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2016/01/apos-polemicas-estatu-a-boi-sem-coracao-agrada-em-ouro-fino-mg.html>. Acesso em: 2 abr. 2025.

G1. Coleguinhas iniciaram carreira como Pirralhinhas do Forró. 2 maio 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/paraiba/musica/sao-joao-da-capita/2016/noticia/2016/05/coleguinhas-iniciaram-carreira-como-pirralhinhas-do-forro.html>. Acesso em: 2 abr. 2026.

HIGA, Evandro Rodrigues. *Para fazer chorar as pedras: guarânias e rasqueados em um Brasil fronteiro*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2019.

INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA (IMMuB). Belmonte e Amaraí. Disponível em: [https://immub.org/album/saudade-de-minha-terra-belmonte-e-amarai?musica=saudade%20de%20minha%20terra&interprete\\_1=belmonte%20e%20amara%C3%AD](https://immub.org/album/saudade-de-minha-terra-belmonte-e-amarai?musica=saudade%20de%20minha%20terra&interprete_1=belmonte%20e%20amara%C3%AD). Acesso em: 11 fev. 2025.

INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA (IMMuB). Bob Nelson: músicas "Oh! Suzana" e "Vaqueiro Alegre". Disponível em: [https://immub.org/album/78-rpm-67380?musica=vaqueiro%20alegre&interprete\\_1=bob%20nelson](https://immub.org/album/78-rpm-67380?musica=vaqueiro%20alegre&interprete_1=bob%20nelson). Acesso em: 9 fev. 2025.

INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA (IMMuB). Coração de Papel. Disponível em: [https://immub.org/album/cps-37443?musica=CORA%C3%87%C3%83O%20DE%20PAPEL&interprete\\_1=S%C3%89RGIO%20REIS](https://immub.org/album/cps-37443?musica=CORA%C3%87%C3%83O%20DE%20PAPEL&interprete_1=S%C3%89RGIO%20REIS). Acesso em: 21 abr. 2026.

INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA (IMMuB). Irmãs Castro: "Beijinho Doce". Disponível em: [https://immub.org/busca\\_avancada?musica=beijinho%20doce&interprete\\_1=irm%C3%A3s%20castro&order\\_by=SANO2&order=asc](https://immub.org/busca_avancada?musica=beijinho%20doce&interprete_1=irm%C3%A3s%20castro&order_by=SANO2&order=asc). Acesso em: 14 maio 2026.

INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA (IMMuB). Jorginho do Sertão. Disponível em: [https://immub.org/busca\\_avancada?album=&musica=JORGINHO+DO+SERT%C3%83O&interprete\\_1=&compositor\\_1=CORN%C3%89LIO+PIRES&interprete\\_2=&compositor\\_2=&gravadora=&ano=&tipo\\_midia=&busca\\_0\\_a\\_9=&busca\\_letra=](https://immub.org/busca_avancada?album=&musica=JORGINHO+DO+SERT%C3%83O&interprete_1=&compositor_1=CORN%C3%89LIO+PIRES&interprete_2=&compositor_2=&gravadora=&ano=&tipo_midia=&busca_0_a_9=&busca_letra=). Acesso em: 11 maio 2025.

INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA (IMMuB). Marcelo Costa: *Grito de Luz*. 1964. Disponível em: [https://immub.org/album/grito-de-luz-marcelo-costa-interpreta-cid-magalhaes?musica=GRITO%20DE%20LUZ&interprete\\_1=MARCELO%20COSTA](https://immub.org/album/grito-de-luz-marcelo-costa-interpreta-cid-magalhaes?musica=GRITO%20DE%20LUZ&interprete_1=MARCELO%20COSTA). Acesso em: 10 maio 2026.

INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA (IMMuB). Marcelo Costa: *Meu Pedaco de Chão*. 1977. Disponível em: [https://immub.org/album/marcelo-costa?musica=chofer%20de%20estrada&interprete\\_1=MARCELO%20COSTA](https://immub.org/album/marcelo-costa?musica=chofer%20de%20estrada&interprete_1=MARCELO%20COSTA). Acesso em: 10 maio 2026.

INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA (IMMuB). Músicas "Enganadora" e "Será". Disponível em: [https://immub.org/album/78-rpm-43616?musica=ser%C3%A1&interprete\\_1=S%C3%89RGIO%20REIS](https://immub.org/album/78-rpm-43616?musica=ser%C3%A1&interprete_1=S%C3%89RGIO%20REIS). Acesso em: 14 maio 2024.

INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA (IMMuB). Reino da Juventude. Disponível em: <https://immub.org/album/reino-da-juventude?musica=o%20mio%20signore>. Acesso em: 20 abr. 2026.

INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA (IMMuB). Simone e Simaria. Disponível em: [https://immub.org/artista/simone-simaria?interprete\\_1=simone%20e%20simaria](https://immub.org/artista/simone-simaria?interprete_1=simone%20e%20simaria). Acesso em: 13 maio 2026.

INTELIGÊNCIA LTDA. *Sérgio Reis - Inteligência Ltda Podcast*. [Vídeo]. YouTube, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GDAJlel2giw>. Acesso em: 3 maio 2026.

JOVEM GUARDA. *Sérgio Reis: o roqueiro virou sertanejo*. [Vídeo]. Canal Jovem Guarda - 50 anos: o filme, a série. YouTube, 25 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uUQNTC893eM&t=13s>. Acesso em: 14 fev. 2025.

JOVEM PAN NEWS. *Direto ao Ponto*. [Vídeo]. YouTube, 11 jul. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XYpyYmOztno>. Acesso em: 2 fev. 2025.  
JP NEWS. Hoje existe no Brasil o crime de opinião, diz Constantino após decisão envolvendo Sérgio Reis. *JP News*, 20 ago. 2021. Disponível em: <https://jovempn.com.br/programas/3-em-1/hoje-existe-no-brasil-o-crime-de-opinioao-diz-constantino-apos-decisao-envolvendo-sergio-reis.html>. Acesso em: 18 fev. 2026.

LIMA, Souza; MERGULHÃO, Luiz; SILVA, Umberto. *Enganadora*. Intérprete: Sérgio Reis. Gravação original: Chantecler, 1961. [Vídeo]. Canal Nostalgia Anos Dourados. YouTube, 19 fev. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WkiNiaFP-CM>. Acesso em: 14 fev. 2025.

LLOSA, Mario Vargas. *A civilização do espetáculo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.

LOPES, Lela. Entrevista concedida a Zé Renato, mediante autorização prévia para uso de imagem. [Vídeo]. Entrevista realizada em 6 ago. 2025. Canal YouTube ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô, 10 ago. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-j0SQWYJJls&t=2s>. Acesso em: 15 ago. 2025.

LUIZINHO; LIMEIRA. *O menino da porteira*. [Vídeo]. Canal Gudas. YouTube, 17 out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6cBCn-KNUEU>. Acesso em: 9 set. 2023.

MACERANI, Pedro Henrique. *A história da Turma Caipira*. São Paulo: Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo (ProAC), 2012.

MACKENZIE. Universidade Presbiteriana Mackenzie. *V Simpósio Internacional da Universidade Presbiteriana Mackenzie: workshop "Da Jovem Guarda ao Sertanejo... Sucesso Era Se Desejo"*. Apresentado em 6 maio 2025. Disponível em: [https://static.even3.com/intranet/documentos/PROGRAMA\\_GTS\\_FINAL.6c1924e72b3644b297dc.pdf](https://static.even3.com/intranet/documentos/PROGRAMA_GTS_FINAL.6c1924e72b3644b297dc.pdf). Acesso em: 14 dez. 2025.

MÁGOA DE BOIADEIRO. [Filme]. Canal Recuerdo Los Caminos. YouTube, 29 abr. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s1ZOWayiVqo>. Acesso em: 2 maio 2025.

MARCADET, Christian. Fontes e recursos para a análise da canção e princípios metodológicos para a constituição de uma fonoteca de pesquisa. In: VALENTE, Heloísa de A. D. (org.). *Música e mídia: novas abordagens sobre a canção*. São Paulo: Via Lettera; FAPESP, 2007.

MARCADET, Christian. *Les enjeux sociaux et esthétiques des chansons dans les sociétés contemporaines: étude sociosémiotique: théorie, études de cas, perspectives*. 2000. Tese (Doutorado em Esthétique) - École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, 2000.

MARCHI, Leonardo de. Entrevista concedida a Zé Renato. [Vídeo]. Entrevista realizada em 11 set. 2024. Canal YouTube ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô, 16 out. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hjVUMx2-mtc&t=1s>. Acesso em: 12 maio 2026.

MARCIARJ, Angela. *Revista Coração de Boiadeiro*. 24 jun. 1990. Acervo da Biblioteca/Discoteca Oneyda Alvarenga, Centro Cultural São Paulo (CCSP).

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARTINS, Sérgio. Rolando Boldrin viu o Brasil pelo que tem de mais belo. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 27 dez. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/12/rolando-boldrin-viu-o-brasil-pelo-que-tem-de-mais-belo.shtml>. Acesso em: 19 jul. 2025.

MEDEIROS, Anderson. *Simone e Simária - Vol. 1: CD completo*. [Vídeo]. YouTube, 6 out. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y5F9d9IM7yl>. Acesso em: 14 jun. 2025.

MEMÓRIA GLOBO. Chrystian e Ralf. 29 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/pacto-de-sangue/noticia/trilha-sonora.ghtml>. Acesso em: 19 dez. 2025.

MEMÓRIA GLOBO. Sérgio Reis. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3841188/>. Acesso em: 19 dez. 2025.

MEMÓRIA GLOBO. Roberto Carlos Especial: anos 1980. 29 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/musicais-e-shows/roberto-carlos-especial/noticia/anos-1980.ghtml>. Acesso em: 5 mar. 2026.

MEMÓRIA GLOBO. Paraíso (1ª versão): tramas paralelas. 29 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/paraíso-1a-versão/notícia/tramas-paralelas.ghml>. Acesso em: 3 maio 2026.

MEMÓRIA GLOBO. Pantanal. 16 out. 2025. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/pantanal/notícia/pantanal.ghml>. Acesso em: 3 maio 2026.

MORELLI, Rita. *Indústria fonográfica: um estudo antropológico*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

MORIN, Edgar. *Cultura e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

MUSIC APPLE. *Roberto Carlos: Emoções Sertanejas*. Disponível em: <https://music.apple.com/us/song/todas-as-manh%C3%AAs-ao-vivo/508572407>. Acesso em: 10 maio 2026.

NETO, João Gomes. Carmo Lourenço Gomes. [Vídeo]. YouTube, 14 maio 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zRTCugESFFg>. Acesso em: 6 nov. 2024.

NETO, João Gomes. David Comeron. [Vídeo]. YouTube, 23 maio 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=smcR8HR5sgU>. Acesso em: 9 nov. 2024.

NEVES, Rafael; BORGES, Stella; GOMES, Beatriz. Sérgio Reis é alvo de operação da Polícia Federal. *UOL Notícias*, 20 ago. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/08/20/cantor-sergio-reis-e-alvo-de-operacao-da-policia-federal.htm>. Acesso em: 20 fev. 2026.

NOSTALGIA ANOS DOURADOS. *O Mio Signore*. [Vídeo]. YouTube, 19 fev. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lyCQu1JAmPU>. Acesso em: 4 fev. 2025.

NOSTALGIA ANOS DOURADOS. *Será*. [Vídeo]. YouTube, 19 fev. 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=uFGFv7Qs\\_DU](https://www.youtube.com/watch?v=uFGFv7Qs_DU). Acesso em: 5 fev. 2025.

*O FILHO ADOTIVO*. [Filme]. Canal Recuerdo Los Caminos. YouTube, 3 maio 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3YZBysW9OH4>. Acesso em: 19 maio 2025.

O GLOBO. Com golpes de charme, Ted Boy Marino tornou-se astro da luta no telecatch. 21 set. 2017. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/com-golpes-charme-ted-boy-marino-tornou-se-astro-da-luta-no-telecatch-21851016>. Acesso em: 11 fev. 2025.

*O MENINO DA PORTEIRA*. [Filme]. Canal Arquivo Emerson Reis. YouTube, 3 mar. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kQfUQkiD1RY>. Acesso em: 5 fev. 2025.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

O TEMPO DA ONÇA. *Telenovela Pantanal (1ª versão, 1990)*. [Vídeo]. YouTube, 24 ago. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/@dotempodaonca662/playlists>. Acesso em: 5 maio 2026.

PADRE, Alessandro Campos. *Estrada da Vida*. [Vídeo]. YouTube, 27 out. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XgRlcRPPUDc>. Acesso em: 18 fev. 2025.

PÁGINA FACEBOOK. ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô. Repórter fotográfico da 2ª versão do filme *O Menino da Porteira* (2009). Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=100063597277341&set=a.1570942855035609>. Acesso em: 30 mar. 2026.

PEREZ, Zéka. Entrevista concedida a Zé Renato. [Vídeo]. Entrevista realizada em 21 mar. 2024. Canal YouTube ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô, 18 maio 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=stw8ZYdsnb0&t=1s>. Acesso em: 4 mar. 2026.

PIUNTI, André. André Piunti entrevista Ralf. [Vídeo]. YouTube, 8 out. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Nt\\_x0OGlaYg](https://www.youtube.com/watch?v=Nt_x0OGlaYg). Acesso em: 14 ago. 2024.

PIUNTI, André. Entrevista exclusiva com Renato Teixeira. [Vídeo]. YouTube, 20 out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3P2pe7ZswgA&t=9s>. Acesso em: 29 out. 2021.

PIUNTI, André. Piunti entrevista Chrystian. [Vídeo]. YouTube, 18 abr. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IVjRQhI9jOQ>. Acesso em: 10 nov. 2025.

RÁDIO BRASIL CAMINHONEIRO. Disponível em: <https://brasilcaminhoneiro.com.br/category/radio/>. Acesso em: 11 set. 2024.

RECUERDO LOS CAMINOS. Hélio Rios. Intérprete: Hélio Rios. [Vídeo]. YouTube, 13 maio 2026. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x2PfWKRY2-k>. Acesso em: 13 maio 2026.

REIS, Hélio. *Beco sem saída*. Intérprete: Hélio Reis. [Vídeo]. Canal Rhythm and Blues Records. YouTube, 19 jun. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bre4xParwHc>. Acesso em: 25 mar. 2025.

REIS, Hélio. *Hélio Reis e seus grandes sucessos*. [Vídeo]. Canal Rede Trisch. YouTube, 12 out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lw0WHOGUt54>. Acesso em: 27 mar. 2025.

REIS, Hélio. *Hélio Reis e seus grandes sucessos*. [Vídeo]. Canal Rede Trisch I. YouTube, 16 out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Akz1ydl283c>. Acesso em: 27 mar. 2025.

REIS, Sérgio. *Coração de Papel*. Intérprete: Sérgio Reis. Gravadora Odeon, 1966. Disponível em: [https://immub.org/album/bis-sergio-reis?musica=qual%20a%20razao&interprete\\_1=S%C3%89RGIO%20REIS](https://immub.org/album/bis-sergio-reis?musica=qual%20a%20razao&interprete_1=S%C3%89RGIO%20REIS). Acesso em: 20 fev. 2025.

REIS, Sérgio. *Eu tive medo*. Intérprete: Sérgio Reis. RCA Victor, 1972. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gurOYnTIOFA>. Acesso em: 21 fev. 2025.

REIS, Sérgio. *Fim de Sonho*. Intérprete: Sérgio Reis. Gravadora Odeon, 1966. Disponível em: [https://immub.org/album/bis-sergio-reis?musica=qual%20a%20razao&interprete\\_1=S%C3%89RGIO%20REIS](https://immub.org/album/bis-sergio-reis?musica=qual%20a%20razao&interprete_1=S%C3%89RGIO%20REIS). Acesso em: 22 fev. 2025.

REIS, Sérgio. *Mágoa de Boiadeiro*. Autores: Nonô Basílio e Índio Vago. [Vídeo]. Canal Sérgio Reis. YouTube, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Np5QPe-S8wg>. Acesso em: 2 fev. 2025.

REIS, Sérgio. *O Filho Adotivo*. Autores: Arthur Moreira Basílio e Sebastião Ferreira da Silva. [Vídeo]. Canal Sérgio Reis. YouTube, 22 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YRh4KeeCAL8>. Acesso em: 3 mar. 2026.

REIS, Sérgio. *O menino da gaita*. Versão em português: Sérgio Reis. Música original de Fernando Arbex. [Vídeo]. YouTube, 27 set. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dEIYZFLcehg>. Acesso em: 20 fev. 2025.

REIS, Sérgio. *O menino da porteira*. Compositores: Teddy Vieira e Luizinho. [Vídeo]. YouTube, 26 ago. 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=47faael\\_EbQ](https://www.youtube.com/watch?v=47faael_EbQ). Acesso em: 23 fev. 2025.

REIS, Sérgio. *Poeira*. Autores: Serafim Colombo Gomes e Luís Bonan. [Vídeo]. Canal Sérgio Reis. YouTube, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RtAJMCdqxJl>. Acesso em: 4 fev. 2025.

REIS, Sérgio. *Qual é a razão?* Gravadora Odeon, 1966. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fHvzEz2PkhU>. Acesso em: 20 fev. 2025.

REIS, Sérgio. *Saudade de minha terra*. Autores: Belmonte e Goiás. [Vídeo]. YouTube, 22 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FRxO6uDBJZw&list=PL5VLylbcj6TwlqIm--6w-EwlcKUfEp6cb>. Acesso em: 10 fev. 2024.

REIS, Sérgio. Essa é a história da minha primeira viola, que ganhei aos 10 anos. [Vídeo]. YouTube Shorts, 13 out. 2024. Disponível em: [https://www.youtube.com/shorts/lv\\_lxDV5Yu4](https://www.youtube.com/shorts/lv_lxDV5Yu4). Acesso em: 22 nov. 2024.

RELEASE TOPIC. *Sujeito insignificante*. [Vídeo]. YouTube, 20 ago. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3b4iNmqqEiY>. Acesso em: 5 fev. 2025.

RENATO, Zé. *A saudade, a viola e eu*. [Álbum]. Canal ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô. YouTube, 30 mar. 2018.

RENATO, Zé. *Corazón Solitario*. [Álbum]. Canal ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô. YouTube, 24 jun. 2023.

REVISTA MELODIAS. Amanhecer Cinzento: fotonovela. 13 out. 2012. Disponível em: <https://revistamelodias.blogspot.com/search/label/S%C3%89RGIO%20REIS>. Acesso em: 2 fev. 2025.

RIBEIRO, José Hamilton. *Música sertaneja: as 270 maiores modas de todos os tempos*. São Paulo: Globo, 2006.

RIOS, Hélio. A música sertaneja de raiz na sua essência. *Caipira do Sul*, 17 ago. 2014. Disponível em: <https://caipiradosul.wordpress.com/2014/08/17/helio-rios-1986-sucessos-sertanejos/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

RODRIGUES, José. *Casa da Seresta: coletânea musical*. [Vídeo]. YouTube, 27 out. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lm9fvxa48zk>. Acesso em: 4 maio 2025.

ROKAST PODCAST. *Sérgio Reis - Rokast Podcast #5*. [Transmissão ao vivo]. YouTube, 8 mar. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6PdDo7lsbwM&t=445s>. Acesso em: 2 maio 2025.

SANTIAGO, Valdemiro. *O menino dos pés descalços*. [Vídeo]. YouTube, 15 maio 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lcWyTU7hiN0>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SOUTO, Wilson. Entrevista concedida a Zé Renato. [Vídeo]. Entrevista realizada em 11 abr. 2024. Canal YouTube ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô, 18 maio 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WqOQqdVyVUI>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SOUZA, Edvaldo de. *Imagem e representação: conteúdo informativo nas fotonovelas das décadas de 1960-1980*. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SUPERVIPTV. *Márcio Vip, Sérgio Reis & W. Cardoso*. [Vídeo]. YouTube, 24 jul. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gb2b2epF5Ao>. Acesso em: 3 fev. 2025.

SUKMAN, Hugo. *Som Livre: uma biografia do ouvido brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2024.

TELÓ, Michel; PIUNTI, André. *Bem sertanejo: a história da música que conquistou o Brasil*. São Paulo: Planeta, 2015.

TOCO, Paula. O Siga Bem Caminhoneiro acabou? *Pé na Estrada*, 3 mar. 2023. Disponível em: <https://penaestrada.com.br/o-siga-bem-caminhoneiro-acabou/>. Acesso em: 18 fev. 2026.

TONICO E TINOCO. *O menino da porteira*. Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB), 1973. Disponível em: [https://immub.org/busca\\_avancada?album=&musica=O+MENINO+DA+PORTEIRA&interprete\\_1=tonico+e+tinoco+&compositor\\_1=&interprete\\_2=&compositor\\_2=&grava\\_dora=&ano=&tipo\\_midia=&busca\\_0\\_a\\_9=&busca\\_letra=](https://immub.org/busca_avancada?album=&musica=O+MENINO+DA+PORTEIRA&interprete_1=tonico+e+tinoco+&compositor_1=&interprete_2=&compositor_2=&grava_dora=&ano=&tipo_midia=&busca_0_a_9=&busca_letra=). Acesso em: 29 jan. 2025.

TURCO, Yara. *A estrela guerreira*. São Paulo: Printed in Brazil, 1996.

TV MAX. Ônibus do cantor Sérgio Reis: ano de 1985. [Vídeo]. YouTube, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5HQgX67AHSQ&t=1s>. Acesso em: 2 fev. 2025.

VICENTE, Eduardo. *Da vitrola ao iPod: uma história da indústria fonográfica no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2014.

VILELA, Ivan. *Cantando a própria história: música caipira e enraizamento*. São Paulo: EDUSP, 2013.

VILELA, Ivan. Entrevista concedida a Zé Renato. [Vídeo]. Entrevista realizada em 23 abr. 2024. Canal YouTube ZÉ RENATO: Forasteiro Cantadô, 18 maio 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7dss-T1JyNQ&t=523s>. Acesso em: 30 abr. 2024.

VINTAGE SOUND DETAILING. Charles e Ralf. [Vídeo]. YouTube, 10 ago. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B70bBu3yD04>. Acesso em: 2 fev. 2025.

XAVIER, Maurício. Antigo cinema Art Palácio recebe festival audiovisual. *Veja São Paulo*, 29 nov. 2013. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/cinema-art-palacio-festival-audiovisual/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

XEXÉO, Artur. *Hebe: a biografia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

ZANETTI, Lucinha. A Jovem Guarda reunida na chácara de Sérgio Reis: anos 90. [Vídeo]. YouTube, 15 out. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C7AzT4O3-YE>. Acesso em: 11 jun. 2025.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

## ANEXOS

### Anexo 1:

#### Entrevistas aprovadas pelo Comitê de Ética - Plataforma Brasil<sup>133</sup>

##### Entrevista 1

Ivan Vilela: prof. dr. pesquisador de música sertaneja, escritor e violeiro

Local: Universidade de São Paulo – (USP)

Data: 23/04/2024

URL: <https://www.youtube.com/watch?v=7dss-T1JyNQ&t=257s>



##### Relevância da entrevista

A entrevista do prof. dr. Ivan Vilela foi muito produtiva no que diz respeito à verdadeira música de raiz, que tem origem cultural do homem do sertão, e mostra os cantores que buscaram se adaptar à música sertaneja, visando o lucro, o mercado fonográfico, e não pelo amor à cultura musical sertaneja. Em especial, essa prática foi adotada por Sérgio Reis, que faz parte do pilar da pesquisa, mas por outros também, como Nalva Aguiar, Chrystian e Ralf, Sula Miranda, Michel Teló e Simone e Simária, além de todos os cantores que vieram de outros campos musicais para cantar sertanejo.

---

<sup>133</sup> Reitere-se que foram aprovadas pelo Comitê de Ética - Plataforma Brasil da UNIP.

## Entrevista 2

José Carlos Peres (Zéka Perez): Radialista

Local da entrevista: Iracemápolis – SP

Data: 21/03/2024

URL: <https://www.youtube.com/watch?v=stw8ZYdsnb0&t=1s>



### Relevância da entrevista

Os relatos do radialista Zéka Perez são especialmente significativos, considerando que ele é filho do ícone da música sertaneja Tinoco, e sempre esteve inserido no meio artístico desse gênero musical. Por meio de seus depoimentos é possível compreender que a indústria fonográfica desempenhou um papel fundamental na construção da carreira de Sérgio Reis na música sertaneja. O radialista afirma que o artista sempre obteve êxito nesse estilo desde sua transição da Jovem Guarda para o universo sertanejo. Ressalta, contudo, que essa adaptação ao gênero característico da cultura do sertão foi, em grande medida, resultado da atuação das gravadoras. Com o passar do tempo, Sérgio Reis foi incorporando gradualmente esse novo estilo, consolidando-se como um dos grandes nomes da música sertaneja.

## Entrevista 3

Maria José Franco: atriz

Local: município de Mairiporã - SP

Data: 21/04/2024

URL: <https://studio.youtube.com/video/ILl7RnsA7Ow/edit>



### Relevância da entrevista

A entrevista concedida pela atriz Maria José Franca foi fundamental para compreender a transição do cantor Sérgio Reis da Jovem Guarda para a música sertaneja, motivada pela diminuição do sucesso de suas canções, especialmente “Coração de Papel”. Sua participação nas duas versões do filme *O Menino da Porteira*, em 1977, e *O Menino da Porteira*, em 2009, ao lado de Daniel, tornou seus relatos especialmente relevantes para a pesquisa.

### Entrevista 4

Wilson Souto: produtor artístico

Local: sede da Atração Fonográfica (Gravadora e Divulgadora)

Data: 11/04/2024

URL: <https://www.youtube.com/watch?v=WqOQqdVyVUI&t=2s>



### Relevância da entrevista

A entrevista de Wilson Souto é considerável para entendermos como o artista é produzido a partir do momento que um produtor artístico de uma das mais renomadas gravadoras, a “Chanecler”, se empenha na produção visual e aposta em técnicas vocais para inserir o cantor no mercado fonográfico. A entrevista, serve de apoio para desvendar o alcance do sucesso de cantores, em especial, aqueles dos quais se trata esta pesquisa, que migraram de outros gêneros musicais para a música sertaneja – sendo o pilar da pesquisa, Sérgio Reis. Porém, outros cantores estão

inseridos neste estudo, como: Chrystian e Ralf, Nalva Aguiar, Sula Miranda, Michel Teló, Pe. Alessandro Campos, pastor Valdemiro Soares e Simone e Simária.

## ANEXO 2

### Entrevistas com autorização de imagens

#### Entrevista 1

Clery Cunha: cineasta, roteirista e diretor cinematográfico

Local: São Paulo

Data: 09/03/2024 – falecido em 4 de julho de 2024.

URL: <https://www.youtube.com/watch?v=swb4f2cl-PE&t=3s>



#### Relevância da entrevista

A entrevista concedida pelo cineasta Clery Cunha, fundamentada em sua ampla experiência e profundo conhecimento acerca do universo do cinema brasileiro, revelou-se de grande relevância para a compreensão das dinâmicas de construção do sucesso alcançado por Sérgio Reis no filme *O Menino da Porteira*. Suas reflexões possibilitaram uma análise mais aprofundada sobre os elementos artísticos, culturais e mercadológicos que contribuíram para a consolidação da obra no imaginário popular, evidenciando não apenas a força da narrativa cinematográfica, mas também a expressiva presença de Sérgio Reis como figura central na aproximação entre o cinema nacional e o público brasileiro da época. Além disso, a entrevista permitiu compreender de que maneira o contexto histórico e cultural influenciou a recepção do filme, destacando aspectos da produção cinematográfica e da representação do homem do campo que marcaram significativamente a trajetória da obra no cenário audiovisual brasileiro.

## Entrevista 2

Vanderlei Lopes: (Lela Lopes), produtor cultural

Local: Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) - sede do Ministério da Cultura – São Paulo (SP)

Data: 06/08/2025

URL: <https://www.youtube.com/watch?v=-j0SQWyJJIs&t=4s>



### Relevância da entrevista

A entrevista realizada com o produtor cultural Lela Lopes revelou-se produtiva para o desenvolvimento desta pesquisa, sobretudo por oferecer elementos relevantes acerca da construção da imagem artística de Sérgio Reis no contexto da música sertaneja. Destaca-se, especialmente, o relato sobre a “violinha”, frequentemente apresentada pelo cantor como uma relíquia herdada de seu pai, associada à sua suposta afinidade com o universo sertanejo desde a infância. Segundo o entrevistada, entretanto, há controvérsias e dúvidas quanto à veracidade dessa narrativa. A entrevista mostrou-se igualmente importante para compreender os fatores musicais e midiáticos que contribuíram para a transição de Sérgio Reis do movimento da Jovem Guarda para o cenário da música sertaneja, bem como para analisar os possíveis significados simbólicos atribuídos à exibição da violinha autografada pela dupla Tonico e Tinoco.

## Entrevista 3

Leonardo de Machi: prof. Dr., pesquisador da indústria cultural nas mídias

Local: Museu do Café - Santos (SP) – 20º Encontro Internacional de Música e Mídia (MusiMid)

Data: 11/09/2024

URL: <https://www.youtube.com/watch?v=hjVUMx2-mtc>



### **Relevância da entrevista**

A entrevista concedida pelo prof. dr. Leonardo de Marchi foi fundamental para esta pesquisa, ao possibilitar uma análise comparativa entre o passado e o presente do mercado midiático da música, desde a predominância dos discos físicos até a consolidação das mídias digitais e das redes sociais. Além disso, a discussão sobre o subgênero sertanejo “Agronejo”, especialmente a partir das reflexões sobre Ana Castela como representante influente da geração Z, contribuiu para compreender os processos de circulação e fortalecimento da música nas plataformas contemporâneas. Com amplo conhecimento sobre a indústria cultural e os meios de comunicação, o entrevistado destacou as transformações do cenário musical, evidenciando avanços, desafios e limitações da música midiática na atualidade.

### **Documentos de autorização das entrevistas**

Abaixo, seguem, em sua íntegra, as entrevistas realizadas por este autor, como material de apoio para o desenvolvimento da pesquisa. Todas elas foram submetidas e aprovadas pelo Comitê de Ética. E também, as entrevistas com autorização de imagens.

## Documento 1 – Ivan Vilela

**UNIP**  
UNIVERSIDADE PAULISTA  
RUA SETE DE SETEMBRO, 1212

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP  
Campus Indaiatuba  
Comitê de Ética em Pesquisa – UNIP  
Rua Dr. Sacconi, 1212 – 4º andar – Vila Clementino  
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5566-4090  
e-mail: [cep@unip.br](mailto:cep@unip.br)  
Horário de funcionamento: das 08:00 às 18:00

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Este termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador principal.

Eu Ivan Vilela Pinto

Confirmando que expliquei-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

São Paulo, 23 de Abril 2024

[Assinatura]  
(Assinatura do participante da pesquisa)

Eu \_\_\_\_\_  
(nome do membro da equipe que apresentar o TCLE)

Obriga-se a ser assinada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

Campus Indaiatuba - Rua Dr. Sacconi, 1212 - 4º andar - Vila Clementino CEP: 04026-002  
F: (11) 5566-4090 - E-mail: [cep@unip.br](mailto:cep@unip.br) Horário de funcionamento das 08:00 às 18:00  
Página 4 de 5

## Documento 2 – José Carlos Perez

**UNIP**  
UNIVERSIDADE PAULISTA  
RUA SETE DE SETEMBRO, 1212

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP  
Campus Indaiatuba  
Comitê de Ética em Pesquisa – UNIP  
Rua Dr. Sacconi, 1212 – 4º andar – Vila Clementino  
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5566-4090  
e-mail: [cep@unip.br](mailto:cep@unip.br)  
Horário de funcionamento: das 08:00 às 18:00

Este termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador principal.

Eu José Carlos Perez

Confirmando que expliquei-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Indaiatuba, 21 de Maio 2024

[Assinatura]  
(Assinatura do participante da pesquisa)

Eu \_\_\_\_\_  
(nome do membro da equipe que apresentar o TCLE)

Obriga-se a ser assinada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

Campus Indaiatuba - Rua Dr. Sacconi, 1212 - 4º andar - Vila Clementino CEP: 04026-002  
F: (11) 5566-4090 - E-mail: [cep@unip.br](mailto:cep@unip.br) Horário de funcionamento das 08:00 às 18:00  
Página 4 de 5

### Documento 3 – Maria José Franco

**UNIP**  
UNIVERSIDADE PAULISTA  
VILA REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP  
Campus Indaiatuba  
Comitê de Ética em Pesquisa – UNIP  
Rua Dr. Basílio, 1212 – 4º andar – Vila Clementino  
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090  
e-mail: [cep@unip.br](mailto:cep@unip.br)  
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Este termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador principal.

Eu Maria José Franco

Confirmando que expus-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

S.P. 21 de Abril 2024

(Assinatura do participante da pesquisa)

Eu, \_\_\_\_\_  
(nome do membro da equipe que apresentar o TCLE)

Obtive de forma apropriada o voluntário o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

Campus Indaiatuba - Rua Dr. Basílio, 1212 - 4º andar - Vila Clementino CEP: 04026-002  
F. (11) 5586-4090 - E-mail: [cep@unip.br](mailto:cep@unip.br) Horário de funcionamento das 08:00 às 19:00  
Página 4 de 5

### Documento 4 – Wilson Souto

**UNIP**  
UNIVERSIDADE PAULISTA  
VILA REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP  
Campus Indaiatuba  
Comitê de Ética em Pesquisa – UNIP  
Rua Dr. Basílio, 1212 – 4º andar – Vila Clementino  
CEP: 04026-002 – Fone: (11) 5586-4090  
e-mail: [cep@unip.br](mailto:cep@unip.br)  
Horário de funcionamento: das 08:00 às 19:00

escrever um livro depois de defender a tese. E seu nome será eternizado nessa obra literária". Caso tenha interesse você pode pedir o envio por e-mail do resultado da sua participação.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado. Caso queira retirar o seu consentimento entre em contato com o pesquisador responsável - Aparecido Donizeti Rodrigues pelo e-mail [aparecidodn@unip.br](mailto:aparecidodn@unip.br) com cópia para o CEP-UNIP pelo e-mail [cep@unip.br](mailto:cep@unip.br). Os seus dados serão retirados caso seja possível identificá-los no banco de dados.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Este termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador principal.

Eu Wilson Souto Junior

Confirmando que expus-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

11 de 04 2024

Campus Indaiatuba - Rua Dr. Basílio, 1212 - 4º andar - Vila Clementino CEP: 04026-002  
F. (11) 5586-4090 - E-mail: [cep@unip.br](mailto:cep@unip.br) Horário de funcionamento das 08:00 às 19:00  
Página 4 de 5

## Documentos de autorização de imagens

### Documento 1 – Clery Cunha

**UNIP**  
UNIVERSIDADE PAULISTA

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS, SOM DE VOZ, NOME E DADOS BIOGRÁFICOS

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nomes e dados biográficos, os quais são revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos apresentados, para compor o documentário acadêmico por título: DA SELVA DE PEDRA AO SERTÃO - ABRINDO VEREDAS PARA BRILHAR - Um Estudo sobre Cantores da Cultura Midiática da Música Sertaneja. Uma pesquisa científica a nível de Doutorado em Comunicação.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revistas, jornais, entre outros), como também em mídia eletrônica (programa de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros) internet, banco de dados informatizado multimídia, "home video", DVD (digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisa e relatórios para arquivamento e formação de acervo histórico, sem qualquer ônus aos seus idealizadores e terceiros participantes desta obra, assim como os veículos que vir a exibir e reexibir, assim declaro; expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto com obras de natureza sócio cultura voltada a preservação da memória histórica, em todo território nacional e no exterior.

Por essa ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, 09 de 2024 de 2024\*

Nome: Clery Leite da Cunha

RG: 446409

CPF: \_\_\_\_\_

Profissão: Revista e jornalista

Endereço: Rua João Antônio, 461 - Jd. Santa Helena - SP

Cidade: São Paulo

Contato: \_\_\_\_\_

Ass: \_\_\_\_\_

### Documento 2 – Lela Lopes

**UNIP**  
UNIVERSIDADE PAULISTA

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS, SOM DE VOZ, NOME E DADOS BIOGRÁFICOS

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nomes e dados biográficos, os quais são revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos apresentados, para compor o documentário acadêmico por título: DA SELVA DE PEDRA AO SERTÃO - ABRINDO VEREDAS PARA BRILHAR - Sérgio Reis, a Música Sertaneja como Cultura Midiática. Uma pesquisa científica a nível de Doutorado em Comunicação.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revistas, jornais, entre outros), como também em mídia eletrônica (programa de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros) internet, banco de dados informatizado multimídia, "home video", DVD (digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisa e relatórios para arquivamento e formação de acervo histórico, sem qualquer ônus aos seus idealizadores e terceiros participantes desta obra, assim como os veículos que vir a exibir e reexibir, assim declaro; expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obras de natureza sócio cultura voltada a preservação da memória histórica, em todo território nacional e no exterior.

Por essa ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

São Paulo, 06 de 2025 de 2025\*

Nome: Lela Lopes da Silva

RG: 6773462-5

CPF: 056306118-95

Profissão: Produtora Cultural

Endereço: Rua Cordeiro de Faria 297 - apt 152

Cidade: Santa Rita do Ivaí

Contato: (11) 976558246

Ass: \_\_\_\_\_

### Documento de autorização Comitê de Ética

## Documento 1 – Prof. dr. Maurício Ribeiro da Silva

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP  
Campus Indaiatuba  
Comitê de Ética em Pesquisa – UNIP

Rua Dr. Bacelar, 1212 – 4º andar – Vila Clementino  
CEP: 04026-002 – F: (11) 5586-4050  
E-mail: [cep@unip.br](mailto:cep@unip.br)  
Horário de funcionamento das 08:00

São Paulo, 21 de novembro de 2023.

**UNIP**  
UNIVERSIDADE PAULISTA  
UNIVERSIDADE DE INOVAÇÃO E PESQUISA

AO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIP

REF.: Carta de Apresentação do Projeto de Pesquisa

Eu, Aparecido Donizeti Rodrigues, pesquisador responsável pelo projeto de pesquisa intitulado **DA SELVA DE PEDRA AO SERTÃO: Abrindo Veredas para Brilhar**, venho, através deste, submetê-lo à análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP.

Trata-se de um projeto sobre cantores que migraram de outros gêneros musicais para o sertão, o qual pertence ao âmbito pesquisa do doutorado, que será desenvolvido na Universidade Paulista – UNIP, e que de acordo com as normas estabelecidas pela CONEP.

Atenciosamente,

Assinatura do pesquisador(a) responsável

Ciência do(a) Coordenador(a):

Assinatura

## Documento 2 – Prof. dr. Maurício Ribeiro da Silva

**DocuSign** **GOVERNHO DA SAÚDE** – Conselho Nacional de Saúde – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

**FOLHA DE APOSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS**

1. Projeto de Pesquisa  
DA SELVA DE PEDRA AO SERTÃO: ABRINDO VEREDAS PARA BRILHAR: LUGARES E CANTORES DA CULTURA MÚLTIPLO DO BRASIL

2. Número de Participantes da Pesquisa: 4

3. Tipo: Qualitativa

4. Área de Conhecimento:  
Ciências Sociais e Humanas da Cultura Múltipla

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

5. Nome:  
APARECIDO DONIZETI RODRIGUES

6. CPF:  
014.541.443-00

7. Endereço (Rua, nº):  
RUA DE OLIVEIRA GUARÁ, 1212 - 4º ANDAR - VILA CLEMENTINO - SÃO PAULO - SP - 04026-002

8. Telefone:  
(11) 5586-4050

9. E-mail:  
[aparecidodrodrigues@gmail.com](mailto:aparecidodrodrigues@gmail.com)

Termo de Compromisso: Declaro que sou responsável pelo projeto de pesquisa em nome da instituição (CNPQ 400172) e sou comprometido. Comprometo-me a cumprir as normas e diretrizes estabelecidas para os projetos de pesquisa e a publicar os resultados desta pesquisa no âmbito da instituição e a manter a integridade dos dados e a privacidade dos participantes. Também declaro que sou responsável por garantir a segurança dos dados e a integridade da documentação do projeto.

Data: 27.11.23

Assinatura

**INSTITUIÇÃO PROPONENTE**

12. Nome:  
UNIVERSIDADE PAULISTA DE INOVAÇÃO E PESQUISA

13. CNPJ:  
04.918.020/0001-40

14. Endereço (Rua):  
RUA DE OLIVEIRA GUARÁ, 1212 - 4º ANDAR - VILA CLEMENTINO - SÃO PAULO - SP - 04026-002

15. Telefone:  
(11) 5586-4050

Termo de Compromisso: Declaro que sou responsável pelo projeto de pesquisa em nome da instituição (CNPQ 400172) e sou comprometido. Comprometo-me a cumprir as normas e diretrizes estabelecidas para os projetos de pesquisa e a publicar os resultados desta pesquisa no âmbito da instituição e a manter a integridade dos dados e a privacidade dos participantes. Também declaro que sou responsável por garantir a segurança dos dados e a integridade da documentação do projeto.

Responsável: MAURÍCIO RIBEIRO DA SILVA

CPF: 100.426.408-95

Assinatura: SORO PTE COMUNICAT

Data: 27.11.23

Assinatura

**PATROCINADOR PRINCIPAL**

Nome do Apoio: